

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PAULO ROGÉRIO DOS REIS**

**AS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DAS REDES SOCIAIS COMO
APOIO ÀS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Campo Grande, abril de 2019

PAULO ROGÉRIO DOS REIS

**AS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DAS REDES SOCIAIS COMO
APOIO ÀS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Professor Dr Erickson Cristiano dos Santos.

Campo Grande, abril de 2019

Paulo Rogério dos Reis

**AS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DAS REDES SOCIAIS COMO
APOIO ÀS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em
Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para
obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Professor Dr Erickson Cristiano dos
Santos.

Dr. Erickson Cristiano dos Santos (Orientador) - UFMS

Dr José Carlos da Silva - UFMS

Dr. Silvio César Moral Marques- UFSCAR

Campo Grande, abril de 2019

RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem como tema: *As ferramentas de comunicação das redes sociais como apoio às aulas de filosofia no ensino médio*. O ponto de partida desse trabalho é a necessidade de compreender a relação entre ensinar filosofia no ensino médio e a utilização das redes sociais como ferramentas disponíveis na plataforma *facebook* para o ensino de filosofia dos adolescente e jovens na atualidade. Essa questão permeou toda pesquisa e visa contribuir com uma reflexão consistente sobre os pressupostos teóricos e as possibilidades práticas de se utilizar as ferramentas da rede social *facebook* como um pequeno ambiente virtual de aprendizagem subsidiando as aulas presenciais de filosofia. Assim, a busca de consistência teórica permitiu unir a prática de ensinar filosofia com a reflexão sobretudo do pensamento Matthew Lipman em torno da ideia de comunidade de investigação filosófica como estratégia de promoção do diálogo e da interação e como as ferramentas de comunicação das redes sociais podem ser aplicadas ao ensino de filosofia no ensino médio. Limitamos nosso trabalho apenas à utilização das redes sociais como recurso de apoio complementar às aulas de filosofia. Esse trabalho está organizado em duas partes. A primeira parte apresenta dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado *O ensino de filosofia na perspectiva de Lipman*. Nele abordaremos questões de ordem teóricas, destacando os principais conceitos e pressupostos do pensamento filosófico de Lipman; analisaremos o conceito de filosofia, comunidade de investigação filosofia, diálogo e interação, e por fim, como utilizar as ferramentas de comunicação e interação nas redes sociais. No segundo capítulo, intitulado *A importância das ferramentas de comunicação nas redes sociais*, abordaremos a partir de uma perspectiva interdisciplinar os temas como redes sociais, era da informação, ambientes de aprendizagem; e a utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais do *facebook* nas aulas de filosofia no ensino médio. Na segunda parte, temos o terceiro capítulo intitulado *A utilização das ferramentas das redes sociais nas aulas de filosofia*, no qual apresentaremos, através da exposição de três situações de aprendizagem e dos *prints* de parte do resultado da utilização das redes sociais com o recurso didático de apoio às aulas de filosofia. Na terceira parte, apresentamos o último capítulo *As ferramentas das redes sociais nas aulas de filosofia*, no qual analisaremos à luz do pensamento de Lipman e de Feenberg as intervenções das redes sociais como recurso de apoio às aulas de filosofia no ensino médio.

Palavras chaves: ensino, filosofia, diálogo, interação e redes sociais.

À minha avó materna e aos meus pais pelo carinho e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

Primeiramente agradeço a Deus por me dar forças e perseverança diante das adversidades

Ao Professor Érickson Cristiano dos Santos, pela orientação, pelo aprendizado, apoio e dedicação em todos os momentos necessários;

Aos demais Professores do Programa Osmar Ramão Galeano de Souza, Ricardo Pereira de Melo, Maíra Borba, José Carlos da Silva, Ricardo Pereira de Melo, Stevan Vasilek Krastanov, Marta Nunes Rios.

Aos meus amigos e colegas de classe, Odair Marques Pereira, Luís Henrique, Douglas Alemar Cunha dos Santos, Vera Krastanov e Otoniel Luiz Alem Branco. Foi um prazer ter estudado com vocês.

Aos meus caros colegas professores, agentes da secretaria e gestores da Escola E.E. Porto Primavera e da E.E. Santa Clara pelo carinho, dedicação e parceria. Em especial agradeço aos meus diretores Paulo André Perles dos Santos e Domingos da Silva e meu coordenador Giovane Bezerra pela parceria.

À CAPES e à Coordenação do Programa de Pós Graduação pela bolsa de estudos e auxílio financeiro que possibilitou a dedicação ao programa de pós-graduação e a operacionalização dos estudos.

Aos meus alunos e ex-alunos da E.E. Porto Primavera e E.E. Santa Clara, sem eles este trabalho não seria possível.

Aos meus familiares e amigos que me apoiaram e me incentivavam sempre.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta construção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CAPÍTULO I: ENSINO DE FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DE LIPMAN	14
1.1. O que é filosofia e qual sua finalidade na concepção de Lipman?	14
1.2. - O que é a comunidade de investigação filosófica e sua finalidade?	28
1.3. - O diálogo e a interação nas aulas de filosofia	37
2. CAPÍTULO II: A IMPORTÂNCIA DAS FERRAMENTAS DAS REDES SOCIAIS	43
2.1. - Redes sociais, o que são?	43
2.2. - A Era da informação e a grande rede mundial de computadores	44
2.3. - As redes sociais virtuais	45
2.4. - A comunidade de investigação filosófica virtual	49
2.5. - As ferramentas de comunicação das redes sociais nas aulas de filosofia	56
2.6. - Aprendendo através das ferramentas da internet	60
2.7. - A utilização das ferramentas do Facebook nas aulas de filosofia	63
3. CAPÍTULO III: A UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS DAS REDES SOCIAIS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	73
3.1. - Situação de Aprendizagem 01: Formação da comunidade de investigação filosófica virtual	74
3.2. - Situação de Aprendizagem 02: Preconceito e a filosofia	79
3.3. - Situação de aprendizagem 03: filosofia e religião	86
3.4. - Ensino Médio - 1ª Série: 'O homem como ser político'	90
4. CAPÍTULO IV: A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK NAS AULAS DE FILOSOFIA	96
4.1. - O ensino de filosofia e a interação	96
4.2. - As redes sociais e sua utilização como recurso de apoio às aulas de filosofia	98
4.3. - A Interação dialógica nas aulas de filosofia	100
4.4. - A comunidade de investigação filosófica, o diálogo e a interação	103
4.5. - O diálogo e a conversa nas aulas de filosofia	105
4.6. - A comunidade de investigação filosófica e a educação filosófica	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA	116
BIBLIOGRAFIA SEGUNDÁRIA	116

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa tem como ponto de partida a questão: como utilizar as ferramentas de comunicação das redes sociais como apoio às aulas de filosofia? A luz do pensamento filosófico de Lipman, a resposta a essa pergunta é afirmativa, uma vez que segundo ele, a filosofia tem como objetivo promover o diálogo e da interação por meio de comunidades de investigação filosófica. As ferramentas de comunicação das redes sociais pode ser mais um recurso a disposição dos alunos e do professor de filosofia na atualidade; se bem utilizada, os novos recursos podem otimizar a aprendizagem, qualificando a diálogo e facilitando a interação e contribuindo significativamente nas aulas de filosofia.

As questões relacionadas às contribuições da tecnologia no ensino na atualidade, ocupa lugar de destaque no pensamento filosófico de Feenberg. Segundo ele, deve-se ter uma análise crítica sobre os impactos das tecnologias sobre as nossas vidas, sobretudo na educação dos jovens na atualidade, cuja característica principal é o excesso de informação em detrimento da reflexão filosófica. Assim, o tema do presente trabalho é cotejado tanto por Lipman como por Feenberg, uma vez que o encontro entre o ensino de filosofia e a tecnologia é um dos principais problemas do presente trabalho.

Nesse sentido, o presente projeto parte da premissa segundo a qual ensinar filosofia para os jovens na atualidade exige a busca de caminhos e ferramentas tecnológicas que seja ao mesmo tempo significativa e que consiga promover o diálogo, a interação; apenas assim é possível promover a reflexão filosófica na perspectiva de Lipman e de Feenberg.

Para desenvolver o presente projeto, tomamos como base empírica a partir da qual utilizamos as ferramentas de comunicação das redes sociais como apoio as aulas de filosofia, duas escolas, a saber: Escola Estadual Porto Primavera, localizada no distrito de Primavera, município de Rosana – SP e a Escola Estadual Fazenda Santa Clara, localizada no distrito de Mirante do Paranapanema –SP. Ambas as escolas são pequenas, cada uma delas possui uma sala do ensino médio. A primeira escola está localizada na zona urbana, a outra na zona rural. Estão distantes aproximadamente 130 km uma da outra. Este projeto tem como ideia ser um pequeno ambiente virtual de aprendizagem com o intuito de apoiar as atividades desenvolvida nas aulas de filosofia a partir de uma plataforma digital já utilizada pelos alunos. As diversas ferramentas do *Facebook* permitem que os alunos, mesmo sem se conhecerem pessoalmente pudessem dialogar e interagir a partir dos temas filosóficos apresentados nas situações de aprendizagem. A utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais permite ultrapassar os limites físicos impostos pela barreira do tempo e do espaço, possibilitando que

novas pessoas possam integrar a uma comunidade virtual de aprendizagem, mesmo estando fisicamente distantes.

Nesse sentido, lecionar filosofia na atualidade é mais do que expor para os alunos os temas filosóficos ou pensamento de autores da tradição filosófica, segundo Lipman. Ensinar filosofia é sobretudo dialogar, interagir, provocar, desafiar os alunos para refletir, questionar e debater sobre as questões propostas. Assim, a importância dos recursos tecnológicos disponíveis, nas aulas de filosofia, está no fato deles poderem servir de apoio a aprendizagem, subsidiando tanto os alunos como os professores para que eles possam acessar as informações relevantes relacionadas ao tema e se preparar para que a aula seja de fato um diálogo filosófico com a participação ativa de todos.

Dessa forma, com o auxílio das ferramentas de comunicação e interação disponíveis nas redes sociais abre o debate, a efetiva troca de informações e interações entre professor e alunos, gerando dessa forma condições e possibilidades para desenvolver fontes de iniciativas, independência e autonomia intelectual dos alunos participantes desse projeto, afinal as redes sociais ampliam os limites da comunidade que passa a atuar como uma rede social.

Nessa esteira, Mathews Lipman elabora uma metodologia de ensino de filosofia que parte do reconhecimento da individualidade do aluno e da construção de uma comunidade de investigação, grupos formados por alunos e professor a partir do qual os alunos conversam e refletem sobre os temas e questões significativas para as crianças e adolescentes; em torno desses elementos, constrói-se um diálogo filosófico cujo lugar privilegiado é a sala de aula. Ademais, o conceito de rede social, das tecnologias da informação e da internet, assim como das ideias de Andrew Feenberg que aborda a questão da filosofia da tecnologia a partir de uma perspectiva histórico-crítica e apresenta alternativas para a construção e o exercício da democracia. Ele advoga a tese segundo a qual a tecnologia se transforma no âmbito da vida cotidiana, sobretudo na escola, que é o lugar onde os indivíduos se preparam para a vida e para o exercício da cidadania (LIPMAN, 1995). Nesse contexto, podemos afirmar que a utilização das ferramentas das redes sociais como apoio às aulas de filosofia é um importante aliado na construção do projeto de construção da autonomia crítica do indivíduo.

Destarte, a revolução tecnológica ocorrida na última década provocou inúmeras mudanças em nossa sociedade, o grande desafio é garantir que as pessoas tenham acesso à tecnologia e conhecimento para que elas não fiquem excluídas do mundo digital. A educação possui um papel importante nesse processo; ela é o grande catalisador e difusor das transformações significativas que ocorrem na sociedade. Além disso a educação formal é responsável pelo processo de socialização e formação das sociedades que desejamos. E, nesse

processo, as ferramentas das tecnologias da comunicação e da informação, sobretudo das redes sociais, têm um papel preponderante. Assim, esse trabalho visa contribuir sobre uma possibilidade de uso das ferramentas das redes sociais nas aulas de filosofia no ensino médio. Com o objetivo de aprimorar a aprendizagem, auxiliando o preparo das aulas de filosofia para encontrar o melhor uso das ferramentas das redes sociais para promover o diálogo, a reflexão, a interação nas aulas de filosofia.

A maioria da população de uma forma ou de outra está conectada as diversas redes digitais, principalmente as redes sociais como o *Facebook*. A *internet* já integrou a vida da maioria dos brasileiros. As votações são em urnas eletrônicas, o pagamento dos salários em caixas eletrônicos, a declaração do imposto de renda é pela internet, são exemplo da integração da *internet* na vida do homem comum. No entanto, ainda sabemos que há uma grande quantidade de excluídos digitalmente. O grande desafio imposto a todos, principalmente dos protagonistas da educação, é promover dentro das possibilidades a inclusão digital. Apesar de todos esses desafios, a maioria da população jovem, o público que frequenta o ensino médio no Brasil, possui ou já possuiu um perfil em redes sociais - seja ela o *Facebook*, *linkedin*, *instagram*, *twitter*, *tinder*, *whatsapp* dentre outras - e participa ou já participou de alguma comunidade virtual; mesmo os alunos das classes menos privilegiadas possuem celulares. Muitos deles são consumidores assíduos dessas redes sociais. Isso se deve ao fato da *internet* ter se tornado acessível a maioria da população jovem brasileira.

Além disso, o mundo empresarial e o comércio já integraram as tecnologias da comunicação e da internet em sua rotina. A tecnologia é utilizada como uma ferramenta para aperfeiçoar a produtividades. Aplicativos, programas e projetos são desenvolvimentos e realizados para otimizar, avaliar e testar a eficácia das tecnologias adotadas. Na escola, a tecnologia aplicada à aprendizagem, auxilia na mudança das relações interativas entre professores e alunos, encoraja e aprimora os processos de ensino-aprendizagem baseado em projetos e dá suporte à aquisição de novas habilidades, como o raciocínio abstrato, e o aprimoramento de análise e solução de problemas. A integração da tecnologia na rotina de trabalho e de estudo incorpora práticas fundamentais essenciais ao trabalho colaborativo e a comunicação, pesquisa na internet, compartilhamento de informações, debate, acesso e difusão de material de estudo em vários formatos. O uso das ferramentas das redes sociais, assim como a utilização das tecnologias da informação é um processo que exige persistência, aprendizagem e aperfeiçoamento contínuo. Não se muda uma cultura do dia para a noite. É necessário paulatinamente trabalhando com os alunos a ideia de que a cultura é algo natural que faz parte do nosso modo de viver contemporâneo, como afirma Feenberg.

No entanto, não dispomos de uma escola informatizada, os números de computadores são presentes nos laboratórios de informática, considerando o número de alunos na escola, é vergonhoso, comparando com países como a Coreia do Sul e Irlanda (ALMEIDA, 2006, p. 22), além disso não dispomos de um ambiente de aprendizagem, nem um programa que permitisse utilizar as ferramentas de comunicação como apoio as aulas de filosofia. Desse fato surge a ideia de aproveitar a plataforma de rede social digital *Facebook* e utilizar como um mini ambiente de aprendizagem como recurso de apoio didático às aulas de filosofia. Assim, o *Facebook*, apesar de não ser uma plataforma construída exclusivamente para ser utilizada no ensino, é uma rede social que possui inúmeras ferramentas que permitem sua utilização na realização de atividades de ensino de qualquer disciplina, como geografia, história, línguas estrangeiras, e porque não nas aulas de filosofia? Assim, para as redes sociais serem utilizadas como ferramentas didáticas nas aulas de filosofia, precisam ser efetuadas algumas orientações para que alcance o objetivo almejado.

Podemos, por exemplo, citar alguns recursos que é possível ser usado com êxito pelo professor de filosofia, como por exemplo, temos: a possibilidade de criar uma comunidade virtual para debater temas propostos nas aulas filosofia, comentários, curtidas, compartilhamentos, postagem de links de aplicativos e outras redes sociais, como por exemplo, vídeos do *youtube*¹, *snapchat*², *blogs*³, *Messenger*⁴, fotos de atividades realizadas, *sites* especializados no tema proposto, arquivos, *download*⁵, *upload*⁶, *emojis*⁷, transmissão ao vivo de eventos, dentre outros recursos.

As ferramentas das redes sociais possibilitam a interação, a troca de experiências filosófica, interdisciplinar, multidisciplinar entre os professores de filosofia e de outras disciplinas ou áreas de conhecimentos com os alunos. Além disso, ela facilita aos alunos tirar dúvidas individual com o professor ou outros alunos e também fazer uma revisão de um

¹ *Youtube* é uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos. Foi criada em 2005 na Califórnia, EUA, por três ex-funcionários da PayPal – Chad Hurley, Steve Chen e Jawed.

² *Snapchat* é um aplicativo de mensagem com base em imagens, criado e desenvolvido por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, estudantes da Universidade Stanford em 2011.

³ *Blogs* É um sítio eletrônico simplificado, permite atualização rápida e a postagem de artigos, fotos e publicações em geral.

⁴ *Messenger* é um aplicativo de mensagens instantâneas que utiliza textos e comunicação por áudio e vídeo. Foi lançado em 2011 por Zuckerber, criador e Cofundador do *Facebook*.

⁵ *Download* é um termo em inglês que significa receber dados, em redes de computadores, significa receber arquivos digitais remotos.

⁶ *Upload* termo em inglês que significa enviar um arquivo digital para um computador remoto.

⁷ *Emojis* são carinhas que transmitem um ideia ou frases completas. É muito utiliza das no *Facebook*.

conteúdo em horário previamente combinado, onde todos possam se conectar e interagir em torno de uma situação filosófica. O importante é que a utilização das ferramentas das redes sociais utilizadas como apoio às aulas de filosofia, permite, ao professor, superar as limitações impostas pelo reduzido número de aulas, salas superlotadas, dificuldade de comunicação entre os alunos, indisciplina, além da possibilidade de realizar e aprimorar a interação entre alunos e alunos. Nesse sentido, cabe ao professor ir além e incentivar a participação ativa dos alunos, para dialogar a partir das questões apresentadas e desenvolver, dessa forma, uma cultura de colaboração e construção coletiva do debate filosófico e construção das condições que permite ao aluno ser mais crítico e autônomo intelectualmente; além de oferecer a possibilidade de dar visibilidade aos trabalhos dos alunos por meio de compartilhamento das experiências filosóficas, através dos inúmeros recursos apresentados por elas.

Destarte, o presente trabalho está organizado em duas partes. A primeira parte trata de questões relativas aos conceitos e pressupostos teóricos reflexivos, a segunda parte de aplicação prática propositiva.

A primeira parte do presente trabalho está dividido em dois capítulos. Primeiro temos o Capítulo I, '*O ensino de filosofia a parte de lipman*' tem como ponto de partida a indagação, abordaremos à luz do pensamento filosófico de Matthew Lipman, das questões relacionadas ao conceito de filosofia, à comunidade de investigação filosófica, ao diálogo e à interação e como esses temas se articulam no ensino de filosofia para adolescentes; por fim, abordaremos a questão: como utilizar as ferramentas de comunicação das redes sociais como apoio às aulas de filosofia no ensino médio? No segundo, abordaremos sobre *A importância das ferramentas de comunicação das redes sociais nas aulas de filosofia*. No primeiro momento realizaremos uma discussão teórica sobre a questão das redes sociais a partir de uma perspectiva interdisciplinar e sua manifestação em algumas áreas do conhecimento e partir de uma perspectiva histórica, passando por questões como era da informação, internet, redes sociais virtuais, ambientes virtuais de aprendizagem e por fim, a utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais como recurso de apoio às aulas de filosofia no ensino médio. Nesse sentido Barbosa afirma:

A criação e o uso de ambiente virtuais de aprendizagem têm crescido muito no Brasil nestes últimos anos. Tem sido cada vez mais utilizadas ferramentas como chats, listas de discussão e fóruns para o auxílio em cursos presenciais e à distância, bem como para criação e gerencialmente de comunidades virtuais. Além de ambientes já consagrados, tais como TeleEduc, AulaNet, WebCT, etc, várias universidades, empresas vêm desenvolvendo e utilizando seus próprios

ambientes. Estes softwares têm sido amplamente utilizados. (BARBOSA, 2005, p. 14)

A segunda parte do presente trabalho, temos dois capítulos, no 3º capítulo abordamos três situações de aprendizagem nas quais utilizamos as ferramentas de comunicação das redes sociais *Facebook* como apoio às aulas de *filosofia ensino médio* à luz dos princípios e pressupostos teóricos analisados na parte teórica na primeira parte. Vale ressaltar que todas as atividades desenvolvidas estão no plano de ensino e não pretendem substituir as atividades curriculares regulares, pelo contrário, elas têm como objetivo colaborar com as atividades realizadas no planejamento. Além disso, apresentaremos os *prints*⁸ das atividades realizadas pelos alunos, que através do diálogo e da interação estão construindo uma comunidade de investigação filosófica que permite refletir sobre os temas propostos em sala de aula. No quarto capítulo, elaboramos uma reflexão crítica acerca dos capítulos anteriores, analisando os principais conceitos abordados como conceito de filosofia de Lipman, redes sociais, interação e o diálogo e conversa nas aulas de filosofia, assim como a ideia de comunidade de investigação filosofia, tanto no plano real como no plano virtual. Além disso,

Por fim, nas considerações finais, retomaremos os tópicos analisados na parte teórica, dando ênfase sobretudo aos conceitos de filosofia, comunidade de investigação, diálogo, interação, ferramentas de comunicação das redes sociais e ambiente de aprendizagem virtual e como que estes conceitos se articulam em torno do processo de ensino aprendizagem de filosofia no ensino médio; na parte prática, analisaremos, a partir dos registros dos trabalhos práticos efetuados com os alunos em três situações de aprendizagem, destacando como as ferramentas de comunicação da rede social facebook foram utilizados no apoio às aulas de filosofia, como é a participação dos alunos e qual a importância do uso das ferramentas de comunicação e interação para o ensino médio do país.

⁸ Função *Print* visa capturar a tela do computador com todos os seus elementos. É como se uma foto da tela do computador fosse tirada.

CAPÍTULO I

1 - ENSINO DE FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DE LIPMAN

A reflexão acerca da aplicação das ferramentas de comunicação das redes sociais nas aulas de filosofia no ensino médio, à luz do pensamento filosófico de Mathews Lipman, deve abordar as seguintes questões filosóficas: primeiramente, deve-se indagar sobre o que é filosofia e qual sua finalidade na concepção de Lipman? Em segundo lugar, analisaremos as questões: o que é a comunidade de investigação filosófica? Qual a importância do diálogo e a interação nas aulas de filosofia? E por fim, como utilizar as ferramentas de comunicação das redes sociais nas aulas de filosofia no ensino médio?

1.1 - O que é filosofia e qual sua finalidade na concepção de lipman?

A busca de resposta à pergunta: "o que é filosofia?" a partir da concepção de Matthew Lipman é uma necessidade metodológica imposta em face da diversidade conceitual decorrente das inúmeras concepções filosóficas uma vez que a própria filosofia foi pensada e repensada inúmeras vezes ao longo de sua história a partir de diversas perspectivas, surgindo dessa forma, uma enorme gama de conceitos, às vezes contraditórios e vagos, conforme podemos verificar no verbete que trata sobre o conceito de filosofia do dicionário filosófico de Japiassu (JAPIASSU, 2006). Essa diversidade de conceito acerca da filosofia inviabiliza o consenso em torno de um sentido único, exigindo dos filósofos o posicionamento sobre o que ele entende por filosofia.

Para Lipman, o conceito de filosofia é decorrente de sua concepção filosófica acerca do ensino de filosofia, cujo ponto de partida de seu pensamento é uma crítica rigorosa ao paradigma educacional tradicional estadunidense vigente na década de 60 e a apresentação de um programa de ensino de filosofia formatado exclusivamente para atender crianças e adolescentes. Seu projeto é denominado programa de filosofia para criança, cujo objetivo principal é a busca pelo conhecimento através do debate filosófico. Segundo ele, é possível desenvolver em sala de aula, em qualquer série do ensino fundamental ou médio, uma filosofia que contribua significativamente para a construção do conhecimento filosófico do aluno. Nesse sentido, Lipman afirma:

Se é possível dizer que estamos fazendo filosofia por discutir assuntos filosóficos racionalmente numa sala de aula de faculdade, devemos

estar fazendo filosofia também quando discutimos racionalmente numa sala de aula de primeiro grau. E se – seja numa conferência filosófica ou num jardim-de-infância – o fazer da filosofia é criativo, então a filosofia que tem sido feita manifestará necessariamente criatividade. (...) as crianças deveriam comportar-se filosoficamente seria suficiente. Elas têm a capacidade de mergulhar na filosofia (como Sócrates mergulhou como forma de vida na qual atividade e resultado final foi um só e a mesma coisa), não como preparação para algo que ainda está por vir, mas como práxis aqui e agora. Quando encontramos crianças em comunidade de investigação envolvida inteiramente no diálogo filosófico. (LIPMAN, 1990, p. 202-203)

Nesta perspectiva, que segundo Lipman, a filosofia é uma disciplina precursora e incentivadora dessa possível mudança de paradigma, uma vez que ela tem como objetivo, o desenvolvimento das habilidades e competências críticas reflexivas e questionadoras do aluno, ao ponto de ela ser capaz de, por si só, avaliar, reavaliar, construir significados, que pelos princípios filosóficos, estão mais próximo do pensamento razoável e lógico presente no discurso do adolescente. Essas características oferecem a filosofia um estatuto superior quanto ao processo de desenvolvimento da aprendizagem, o que ele denomina de pensamento de ordem superior em relação ao conhecimento acrítico e desorganizado (LIPMAN, 1995). Assim, essa proposta de ensino de filosofia para crianças e adolescentes elaborada por Lipman apresenta elementos para produzir pessoas que se aproximem do ideal de racionalidade, isto é, pessoas com habilidades não apenas para pensar, mas para pensar criticamente, isto é, a partir de critério lógicos, éticos e epistemológicos. Nesse sentido, Lipman afirma:

(...) há algo de mais significativo que a filosofia traz à procurada excelência no pensamento, e que é sua subdisciplina de lógica [...] ainda que os lógicos possam divergir sobre uma e outra questão, é em geral reconhecido que as considerações da lógica são de grande importância na determinação do que significa ser racional reflexiva, a lógica tem muito com que contribuir ao cultivo do pensamento. (LIPMAN, 1990, p. 111-112).

O programa de ensino de filosofia elaborado por Lipman é uma proposta pedagógica que se apoia no pressuposto segundo o qual o ensino tradicional é incapaz de desenvolver habilidades de reflexão crítica, isto é, desenvolver o pensar deliberativo, dialógico e reflexivo (LIPMAN, 1990). Segundo Lipman, o ato de ensinar a filosofar consiste, basicamente em discutir assuntos filosóficos a partir do diálogo racional. A contribuição da lógica nesse processo está no fato dela contribuir com o aprimoramento o raciocínio mais coerente, coeso, com menos contradições. A lógica permite que o diálogo seja pautado a partir de critérios previamente estabelecidos e que as intervenções dos membros nas comunidades de investigação filosófica sejam no sentido de argumentar em torno do tema apresentado. Assim, uma aula de

filosofia deve, nos parâmetros por ele proposto, deve ser centrada no diálogo e na interação entre os alunos, o que não é possível dentro do modelo de ensino tradicional, pois este se baseia na transmissão de conhecimento, na autoridade do professor e na noção de aprendizagem como absorção de informação. Uma aula centrada no diálogo é possível apenas em um ambiente cujo paradigma seja o da educação para o pensar, onde a educação filosófica seja resultado de um processo de investigação, do qual o professor, despido de sua infalibilidade, participa apenas como orientador, mediador e facilitador, pois a ênfase não está na aquisição de informações, mas na percepção das relações contidas nos termos investigados (LIPMAN, 1995). Nesse sentido, Lipman afirma:

(...) as crianças adoram discutir, e como educadores deveríamos saber que é muito melhor usar uma conduta para a qual as crianças já estão motivadas do que tentar encontrar incentivos para convencê-las ao que relutam em fazer. Aliás, não há melhor maneira de estimular as habilidades de pensamento do que através do diálogo disciplinado. Quão afortunados seríamos se as crianças quisessem fazer simplesmente o que queremos que faça. (LIPMAN, 1990, p. 87)

Ensinar a pensar com mais racionalidade através do diálogo filosófico em sala de aula é o principal objetivo do programa de ensino de filosofia para criança elaborada por Lipman. Nesse caso, o professor de filosofia é mediador; sua principal missão é garantir o diálogo e evitar a dispersão, ou seja, ele deve gerenciar a aula em todos os aspectos, sobretudo cuidando da disciplina dos alunos. A busca pelo desenvolvimento das habilidades e competências do espírito analítico, reflexivo e questionador é que justifica a inserção da filosofia no ensino fundamental e médio, a partir da perspectiva do pensamento filosófico de Lipman, é o fato de que a filosofia é um dos fatores que contribuem para o aprimoramento cultural de um povo. Para ele, a filosofia deve servir de instrumento para o desenvolver o espírito das novas gerações (LIPMAN, 2008a), ou seja, para a filosofia lograr êxito em sua missão de colaborar com o desenvolvimento das novas gerações, ela deve ocupar os espaços escolares, sobretudo no ensino fundamental e médio. O objetivo de alcançar uma geração futura formada por adultos críticos, autônoma e responsável seria a meta final do ensino de filosofia para crianças e adolescentes; o desafio de Lipman então era encontrar um caminho, ou seja, uma metodologia para o ensino de filosofia à altura de seu projeto. Nesse sentido, Lipman afirma:

A filosofia tinha que ser redefinida como o cultivo do pensamento ao invés de transmissão de conhecimento; que não poderia haver diferenças entre o método pelo qual os professores eram ensinados e o método pelo qual seria esperado que eles ensinassem (...) que a reflexão do estudante é melhor estimulada pela experiência viva do que por um texto desidratado, formalmente organizado; que nada melhor que a

discussão disciplinada para aguçar e aperfeiçoar o raciocínio e que as habilidades de raciocínios são essenciais para ler e escrever com sucesso... (LIPMAN, 1990 p. 20)

A preocupação filosófica de Lipman com a prática de ensinar filosofia eleva o nível de reflexão sobre os problemas relacionados à prática de ensinar a partir da perspectiva filosófica, e ganha mais complexidade quando o filósofo, em seu ofício de professor, passa a ser concomitantemente sujeito e objetivo de reflexão acerca do seu ensino, ou seja, na proposta de Lipman, o professor de filosofia não é mero reprodutor de teorias e métodos, mas ele mesmo em seu ofício de lecionar, produz junto com seus alunos, uma comunidade de investigação filosófica, um conjunto de teorias, métodos e saberes relacionado ao ensino e aprendizagem na qual ele, em parceria com seus alunos são sujeitos do processo de ensinar e aprender. É nesse sentido que o conceito de práxis⁹ filosófica é entendido. Nesse sentido, Lipman afirma que:

A tarefa dos educadores de hoje é menos a de transmitir conteúdos aos alunos e mais a de orientá-los a como buscar aquilo que necessitam saber e como processar as informações para que deem subsídios para a aquisição de conhecimentos significativos. Os alunos devem desenvolver seu próprio pensamento, e, para tal (...) deve afiar as ferramentas intelectuais. Os professores devem maximizar as oportunidades nas quais os alunos exercitam seu raciocínio e aprendem a buscar, questionar a investigar em lugar de esperar ou aceitar as respostas que lhe vêm prontas. Em discussões filosóficas com os colegas, os alunos aprendem a formular e expressar seus próprios pensamentos, a ouvir e respeitar as posições dos outros, a forjar e empregar critérios adequados para avaliação de conceitos e a adoção de valores próprios. (LIPMAN, 1990, p. 10)

Assim, um dos principais desafios filosóficos de Lipman era criar uma metodologia adequada ao ensino filosofia que reconhecesse e valorizasse o aluno como sujeito do filosofar. O ponto de partida de Lipman, na construção do seu programa de ensino de filosofia, é a crítica sistemática à visão filosófica tradicional sobre como era o método de ensino de filosofia,. Ele acusando-o de inútil, teórico e formal e propõe um novo conceito sobre como ensinar filosofia a partir do diálogo e da interação em uma comunidade de investigação. A partir desses conceitos, ele edifica seu programa de ensino de filosofia. Para ele, a visão tradicional acerca do ensino de filosofia aplicada às crianças e adolescentes estadunidense na década de 60, está no fato, sobretudo de não levar em consideração a especificidade da criança e do adolescente enquanto seres em desenvolvimento e não reconhecer o protagonismo infanto juvenil. De modo contrário, trata-os como se fossem miniaturas de adultos. Por essa razão, não houve uma

⁹ O termo práxis significa literalmente ação, experiência, em oposição à especulação.

preocupação com a adoção de uma metodologia de ensino de filosofia específica para as crianças e os adolescentes. Nessa perspectiva, a novidade da proposta apresentada por Lipman está no fato dele reconhecer o aluno como ser em desenvolvimento, que precisa ser reconhecido e considerado como tal no programa de ensino. Nesse aspecto, o programa de Lipman se opõe ao modelo de ensino tradicional é teórico e formal, que não reconhece as peculiaridades das crianças e adolescentes. Além disso, ele propõe um programa no qual o aluno pode fazer filosofia e, portanto, desenvolver plenamente as dimensões de pessoa. (Lipman, 1995). Nesse aspecto, o pensamento de Lipman está em consonância com o disposto na LDB no tópico que descreve os objetivos da filosofia.

(...) o objetivo da disciplina de Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimento prévios (...). Cabe, então, especificamente à Filosofia a capacidade de análise, de reconstrução racional e crítica, a partir da compreensão de que tomar posições, diante dos textos propostos de qualquer tipo (...) e emitir opiniões acerca deles é um pressuposto indispensável para o exercício da cidadania (BRASIL, 2006, p. 26)

Na busca pela criação de uma metodologia de ensino de filosofia capaz de alcançar os objetivos para a formação plena dos alunos adolescentes para serem sujeitos críticos, autônomos e responsáveis, Lipman se afastou da visão tradicional de ensinar filosofia e aproxima do pensamento pragmático de Dewey, assumindo uma postura pragmática¹⁰ e crítica em relação à concepção tradicional baseado principalmente na reflexão teórica e formal.

Insta salientar que a obra de Lipman, em sua busca para edificar uma metodologia para ensinar filosofia, teve forte influência do pensamento de Sócrates e Dewey. Sócrates tem lugar de destaque nas obras de Lipman. A forma como ele elabora seus trabalhos, a partir de uma perspectiva dialética ou dialógica, corresponde ao que Sócrates entendia sobre filosofia como sendo um caminho que passa necessariamente pela investigação e pela indagação. Para Sócrates, o saber não era uma posse, mas um caminho de investigação para ser percorrido. Na metodologia socrática, o mestre não é mestre porque promete conhecimentos, mas porque ensina a pergunta. Segundo o mestre de Platão, o ser humano é essencialmente filosófico, uma

¹⁰ Para Lipman, " a Filosofia não significa a busca da verdade última, mas a busca, como precisa Bayles, daquilo que é experimentalmente ou experiencialmente verificável" (DANIEL, 1999, p. 118)

vez que ele já possui em si o conhecimento e a missão do filosofar é criar as condições para que o conhecimento venha a luz (LIPMAN, 2008b).

Nesse sentido, Lipman afirma que:

O que Sócrates enfatiza é o prosseguimento ininterrupto da investigação filosófica, seguindo o raciocínio para onde quer que ele conduza (confiante de que, seja onde for, a sabedoria, se encontra naquela direção) e, não, o ofegar e o tinir de armaduras em batalhas dialéticas, onde o prêmio não está na compreensão, mas na vitória (LIPMAN, 1990, p. 30)

Para Lipman, não é prudente separar a técnica da convicção, pois é algo perigoso quando se pretende educar jovens. Foi exatamente esse erro que cometeu a retórica clássica. Permitir que os jovens debatam questões com assuntos que não interessa e que não é significativo, equivale a privá-las da satisfação de ser sujeito ativa do seu próprio processo educativo, e concomitantemente e fornecer cidadãos que não discutem o que lhe interessa e não se interessam pelo que discutem, como faziam os sofistas.

Nas Palavras de Lipman:

Na educação forense, a preparação de advogados que possam defender qualquer lado independe de suas convicções devia ser considerada um caso especial e de modo nenhum um modelo para o resto da educação. O meio de cultura do amoralismo é o treinamento de técnicos que supõem que os fins são dados (ou que não importam), de modo que as preocupações são simplesmente com os meios, com as táticas, com as técnicas. Se a criança não é dada a oportunidade de pensar e discutir tanto os fins quanto os meios e suas inter-relações, elas provavelmente torna-se-ão céticas a respeito de tudo, exceto de seu próprio bem-estar, e os adultos, não tardarão em condená-las como ‘pequenos relativistas estúpidas. (LIPMAN, 1990, p. 31)

Lipman, propõem uma perspectiva dialógica, mas não no sentido de acirrar rivalidades como fazia os sofistas, mas no sentido de cooperar e forma uma comunidade de investigação filosófica. Nesse sentido, a abordagem filosófica de Lipman é dinâmica, compartilhada, construída a partir da experiência dialógica em sala de aula e consolidada com a práxis. Nessa esteira, Lipman afirma:

Se o fazer filosofia – a práxis filosófica – é a personificação da racionalidade, todas as fases da infância – é a personificação da racionalidade, todas as fases da infância deveriam ter acesso a essa experiência, tanto por seu prazer imediato, quanto pela preparação que fornece para as experiências pessoais e sociais do futuro. Se tanto a filosofia como a educação estão dividindo a racionalidade como uma meta comum, não pareceria de todo ultrajante argumentar que, fundamentalmente, toda verdadeira filosofia é educacional e que toda verdadeira educação é filosófica. (LIPMAN, 1990, p. 62)

Nesse sentido, é através da experiência real vivenciada em sala de aula que o ensino de filosofia e a reflexão sobre a mesma, que as crianças e os adolescentes podem desenvolver suas potencialidades enquanto seres pensantes. Assim, pelo engajamento¹¹, pelo diálogo¹² e pela interação¹³ entre os agentes envolvidos nas aulas de filosofia, que são condições essenciais para o pensamento filosófico são paulatinamente desenvolvidas. Nesse aspecto, que a afirmação segundo a qual o ensino de filosofia não pode ignorar a realidade vivida em sala de aula em sua totalidade, nem reduzir o ato de ensinar apenas aos aspectos teóricos e formais, como faz a metodologia tradicional segundo Lipman (LIPMAN, 1990), pelo contrário, o pensamento filosófico que fundamenta o programa de ensino de filosofia elaborada por Lipman não é uma mera especulação distante da realidade do aluno, mas resulta da reflexão sobre a vivência do aluno em sala de aula, caracterizada pela as interações e pelo diálogo em torno das questões filosóficas relevantes e significativas abordadas nas aulas. Para Lipman, a aula para ser significativa deve ser organizada em torno da busca por respostas aos problemas apresentados e desafios propostos aos alunos pelo professor. Destarte, segundo Lipman não se ensina filosofia, assim como não se a memoriza: ela se conquista pela prática. Nessa perspectiva, a filosofia é uma experiência na qual supõe, por um lado, o engajamento da pessoa e, por outro, contribui para uma melhor compreensão da realidade, não apenas do ponto de vista meramente teórico, mas do ponto de vista holístico e pragmático. Lipman tece uma crítica à forma tradicional de ensinar filosofia, baseado em memorização, transferência de conteúdo do professor para o aluno e apresenta seu projeto de ensino de filosofia onde as crianças e os adolescentes são protagonistas do processo de ensino aprendizagem (LIPMAN, 1995). Assim, a metodologia de ensino de filosofia adotado pela filosofia tradicional, caracterizado, sobretudo pelo discurso teórico e formal é inadequada para o ensino das habilidades filosóficas e essas, por sua vez, só podem ser aprendidas através da práxis, ou seja, a possibilidade do exercício filosófico ocorre apenas quando são criadas as condições favoráveis para a realização do pensar autônomo, crítico dos alunos. Uma dessas condições é o comprometimento do professor em transformar as aulas de filosofia num espaço efetivo para o ensino do pensar a partir da realidade do aluno por meio do diálogo e da interação. Dessa forma, o exercício continua e efetiva das habilidades filosóficas essenciais em sala de aula cria a possibilidade do desenvolvimento da autonomia dos alunos. Para realização desse intento, Lipman elabora uma técnica específica,

¹¹ Engajamento segundo a concepção lipmaniana é sinônimo de compromisso com o desenvolvimento da criança.

¹² O termo diálogo será tratado no tópico específico desse trabalho.

¹³ O termo interação para Lipman se refere ao fato do ser humano ser parte de uma comunidade. A pessoa se realiza como pessoa interagindo com os seus semelhantes.

isto é, um procedimento a partir do qual a prática filosófica permite o desenvolvimento das habilidades e competências filosóficas. Ele denomina essa técnica de comunidade de investigação filosófica. Seguindo Matthew Lipman afirma:

(...) o fazer da filosofia – a práxis filosófica - é a personificação da racionalidade, todas as fases da infância deveriam ter acesso a essa experiência, tanto por seu prazer imediato, quanto pela preparação que fornece para as experiências pessoais e sociais no futuro. Se tanto a filosofia como a educação estão dividindo a racionalidade como uma meta comum, não pareceria de todo ultrajante argumentar que, fundamentalmente, toda verdadeira filosofia é educacional e que toda verdadeira educação é filosófica. (LIPMAN, 1990, p. 62)

Segundo nosso autor, a filosofia não pode ser ensinada às crianças de forma teórica como pretende a concepção tradicional; uma vez que não é pela memorização nem pela especulação, mas pela práxis que o ensino da filosofia deve ser realizado paulatinamente através do desenvolvimento das habilidades essenciais do pensamento filosófico. Para ele, o professor de filosofia do ensino médio, deve criar as condições para que o aluno possa desenvolver, na práxis, sua autonomia de forma crítica e razoável. Destarte, para Lipman, a filosofia é uma das disciplinas que permite, incontestavelmente, a formação, o esclarecimento e a análise de conceitos ambíguos, dos valores e o aprimoramento das habilidades e competências que permitem desenvolver o pensamento autônomo e razoável (LIPMAN, 1997b).

Conforme podemos constatar, Lipman considera o ensino de filosofia como sendo um dos instrumentos eficaz para a formação crítica das crianças e adolescentes, no entanto, ele não reduz o valor das demais disciplinas, pelo contrário, ele afirma que as demais disciplinas também possuem o mesmo objetivo, mas a partir de perspectivas e metodologias diferentes, enquanto a filosofia privilegia habilidade e competências para desenvolver o pensamento partir de problemas levantados nas aulas de filosofia (LIPMAN, 1997b). O ensino de matemática, por exemplo, tem como objetivo auxiliar o aluno a resolver problemas de ordem matemáticas; a busca por equações, teoremas e modelos explicativos capaz de solucionar os problemas propostos treinam os alunos o raciocínio lógico, desenvolve as habilidades de equacionar e superar os desafios apresentados pelas questões propostas; o ensino de história permite, a partir da análise dos fatos, das causas, das consequências, dos atores e do desdobramento dos acontecimentos, entender o presente e analisar a tendência dos acontecimentos futuros. Da mesma forma demais disciplinas também auxiliam a desenvolver as potencialidades humanas. Nesse sentido, Para Lipman, todas as disciplinas ensinam a pensar, mas nenhuma outra atinge a racionalidade da atividade filosófica. Nenhuma outra aspira como ela a buscar realmente a liberdade. Assim, livres para querer continuar fazendo parte de uma sociedade e de uma tradição

que não criamos de escolher caminho que quisermos se não aquele que outros tiverem pensado, e capaz de dar um sentido ao mundo que nos envolve, apesar de sermos apenas parte dele (LIPMAN, 1990).

Na perspectiva lipmaniana, a filosofia além de ser considerado um instrumento eficaz e necessário para o ensino das novas gerações, ela também é considerada como uma arte, uma vez que o aluno, buscando respostas às apresentadas nas aulas, procura construir criativamente e com originalidade sua própria criação filosófica, na medida em que ele transcender a reflexão filosófica apresentada pelo professor. Nesse sentido, considerar a filosofia como arte na perspectiva lipmaniana, pressupõe reconhecer e valorizar o pensamento do aluno, na sua originalidade, como uma forma de evitar pensamentos plagiados e cópias mecânicas de outrem; além de reconhecer o aluno em seu potencial criador, ou seja, o aluno é um artista pensante que se encontra em fase de desenvolvimento, e que constrói sua autonomia intelectual de maneira criativamente a partir da busca de respostas significativas para seus problemas. Para Lipman, as aulas de filosofia devem ser qualificadas pela criação artística. Segundo ele:

(...) a filosofia é uma forma de arte; comportamento filosófico é, portanto, comportamento artístico, e o comportamento artístico produzem obras de arte que revelam criatividade; as crianças podem comporta-se filosoficamente e, quando assim, o faz, segue-se que o produto de tal comportamento revelará criatividade. (LIPMAN, 1990, p. 196)

A filosofia, além de ser um instrumento para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, sua práxis deve também ser qualificada pela prática artística, uma vez que o pensar também é uma arte e a arte é uma forma de expressão do pensamento tão relevante como a expressão oral ou escrita, algumas vezes, o aluno não consegue externalizar seu pensamento de forma oral ou escrita, mas é capaz de representá-lo por meio de uma produção artística, seja ela uma imagem, um poema ou uma pintura, por exemplo. Nessa perspectiva que, Lipman afirma que a filosofia é uma forma de arte e o comportamento artístico se comporta da mesma maneira que o comportamento filosófico, sendo que em ambos a criatividade se faz presente (LIPMAN, p. 1990).

Ademais, o desenvolvimento das habilidades do pensamento desenvolvido a partir da prática do filosofar nas aulas de filosofia não é linear, mas acontece de maneira dialética, na medida em que no seio de uma comunidade de investigação filosófica, ocorre à interação e o diálogo, o que pressupõe a busca coletiva e o refinamento da linguagem a proferir enunciados mais claros, coerentes, tanto individualmente como coletivamente. Além disso, o raciocínio lógico se constrói e se consolida por meio de atividades onde exercita a refutação, identificação

de contradições, elaboração de teses e antíteses. Afinal, é através da experiência e da reflexão, e vice e versa, que ocorre a práxis; caso contrário, a filosofia seria vazia de sentido (LIPMAN, 1995). Seguindo esse raciocínio, Lipman reconhece que a filosofia enquanto dialética possui uma dimensão interior e uma dimensão exterior. Nesse sentido, para Lipman, a filosofia é uma dialética quer interior (do pensamento consigo mesmo) quer exterior (do pensamento individual com o pensamento de outrem). Assim, ela pode ser tanto prática meditativa, como prática dialógica, ou seja, na perspectiva de Lipman aquilo que se adquire sozinho, pela meditação e pela reflexão, termina por morrer se não for partilhado. Nesse sentido, Lipman afirmava que “o fazer filosofia simbolizava uma investigação compartilhada com um modo de vida. Não é preciso ser um filósofo para cultivar o espírito autocorretivo da comunidade de investigação, ela pode, e deve ser cultivada” (LIPMAN, 1990, p. 33).

A filosofia é dialética, na concepção lipmaniana, pois transcende o campo da lógica e possui uma dimensão interna e uma dimensão exterior. A dimensão interior da dialética ocorre quando a pessoa está absorta em seus pensamentos, ou seja, é uma relação consigo mesma. A dimensão exterior, por sua vez, é dialógica e ocorre na interação com o outro. A dialética lipmaniana se fundamenta no reconhecimento do outro, na confiança e no respeito como condição para o diálogo. Filosofar, nessa perspectiva, significa ter a coragem de expressar seu pensamento, dialogar, falar e ouvir o outro, enfim interagir. Nesse sentido Lipman afirma:

Filosofia é um pensar autocorretivo. É o pensar investigando a si mesmo com o propósito de se tornar um pensar melhor. Isto não quer dizer que a filosofia interessa-se apenas por si mesma, mas que quando ela se volta às outras disciplinas interessa-lhe primeiramente o pensar que acontece nelas. (LIPMAN, 1990, p. 60)

Destarte, a filosofia é um método de pensar que permite a autocorreção. Assim, o método de ensino de filosofia para criança e adolescentes na perspectiva a concepção tradicional de ensinar filosofia é marcada, sobretudo, pela especulação e pela transferência de conhecimento são vazios de significação e por isso inútil, não passando de mero verbalismo e por essas razões devem ser evitados (LIPMAN, 1995). Destarte, a luz da perspectiva pragmática assumida por Lipman, a filosofia se apresenta como uma metodologia prática para filosofar fundamentado no pensamento autocorretivo, ou seja, filosofar é refinar o próprio pensar a partir da reflexão, do diálogo e da crítica; além disso, ela deve ser considerada também com uma arte pelo seu caráter criativo na medida em que apresenta novas saídas para os problemas apresentados, além de possuir uma especificidade enquanto disciplina: estimular o pensamento do jovem estudante para o desenvolvimento de sua autonomia.

Assim, a filosofia preconizada por Lipman retoma a maneira clássica de fazer filosofia até o cristianismo. Nesse sentido, a filosofia antiga, segundo Pierre Hadot, até o cristianismo, teria sido um exercício espiritual, uma terapêutica das paixões, cujo objetivo era ensinar a arte de viver, a libertação das paixões, enfim, a busca da sabedoria consistia em saber viver de forma consciente, evitando as causas de sofrimento e buscando as virtudes. Hadot situa os diálogos socráticos e platônicos nessa perspectiva (DANIEL, 1999). A dialética e o diálogo interior são exercícios concretos e práticos que levam o indivíduo a fazer um exame de sua consciência. A maiêutica socrática e a dialética platônica podem ser caminhos de conversão global da pessoa. O cristianismo criou exercícios espirituais, esvaziando a filosofia de seu conteúdo ficando a teologia, ao passo que a filosofia tradicional permanece apenas com as dimensões teórica e abstrata, pois como afirma Hadot:

(...) o modelo de filosofia antiga é sempre atual, o que significa que uma busca da sabedoria é sempre atual e sempre possível. Não esperem de mim, nesta noite, que eu desenvolva esse tema difícil e complexo. Direi somente que há, parece-me, certas atitudes universais e fundamentais do ser humano quando ele busca a sabedoria; desse ponto de vista, há um estoicismo, um epicurismo, um socratismo, um pirronismo, um platonismo universais, que são independentes dos discursos filosóficos ou míticos que pretenderam ou pretendem justificá-los definitivamente. (HADOT, 2014, p. 341).

Essa experiência filosófica descrita por Hadot, difere muito da concepção tradicional, pois essa concepção é vazia, formal, inútil e teórica. Segundo Lipman, esse esvaziamento histórico da filosofia foi provocado basicamente pelo cristianismo com o surgimento da teologia. Para tentar tornar a filosofia significativa e fugir do formalismo filosófico tradicional, que Hadot propõe um modelo de filosofar inspirado nos exercícios espirituais adotado nos retiros realizados religiosos nos mosteiros. Lipman concorda em Hadot em relação ao esvaziamento da filosofia, no entanto a estratégia concebida por ele é diferente, enquanto Hadot propõe um modelo próximo do modelo religioso, Lipman vê na comunidade de investigação a possibilidade de promover o diálogo e a interação com o objetivo de formar alunos melhores para a sociedade. Nesse sentido, Lipman, assim como Hadot, recusa seguir as trilhas da maneira tradicional de fazer filosofia e propõe um “fazer” filosofia a partir do pragmatismo¹⁴ filosófico, centrado no desenvolvimento holístico do ser humano e no resgate da totalidade da experiência

¹⁴ Pragmatismo é uma corrente de ideias filosóficas que defende a validade de uma teoria ou doutrina é determinada pelo bom êxito prático. Peirce e William James são os principais representantes do pragmatismo.

da pessoa com o ensinar e o aprender (LIPMAN, 1997). Com essa estratégia, Lipman acredita ter superado o formalismo, o vazio e a inutilidade da filosofia tradicional que ele tanto critica.

Destarte, para lograr êxito, o ensino de filosofia para os adolescentes deve evitar a mera especulação e ter como base uma comunidade de investigação, cujo objetivo é, em sentido lato, o desenvolvimento do pensamento lógico, da análise criteriosa dos problemas propostos, do cuidado e da disposição coerente, crítica e rigorosa dos conceitos. Todos esses elementos são indiscutivelmente essenciais para uma educação filosófica de qualidade, de acordo com o programa de ensino de filosofia desenvolvido por Lipman. Assim, além dela possuir uma abordagem interdisciplinar, ela deve se destacar pela sua especificidade como disciplina que estimula as habilidades e as competências que ajudam a desenvolver o pensamento, a reflexão, a oralidade, a capacidade de análise e a crítica, através do diálogo em torno de questões filosóficas significativas e que fazem sentido para os adolescentes. Destarte, as aulas de filosofia ensinam o aluno a filosofar, na medida em que ele vive ativamente a experiência da reflexão filosófica na comunidade de investigação na qual ele é integrante. Esse fato, segundo Lipman é uma contribuição significativa e essencial para o desenvolvimento do adolescente. Partindo dessa premissa, Lipman sustenta a tese segundo a qual a filosofia constitui uma disciplina específica que é preciso introduzir no currículo escolar uma vez que, por sua natureza, ela estimula o pensamento da adolescente, e assim fazendo, permite-lhe transcender o pensar e aceder gradualmente ao pensar bem e o bem proceder na vida em sociedade. Nesse sentido, ele afirma

A filosofia tinha que ser redefinida como o cultivo do pensamento ao invés de transmissão de conhecimento; que não poderia haver diferença entre o método pelo qual os professores eram ensinados e o método pelo qual seria esperado que eles ensinassem; que a lógica de uma disciplina não devia ser confundida com a sequência das descobertas que constituiriam sua compreensão. Que a reflexão do estudante é melhor estimulada pela experiência viva do que por um texto desidratado, formado e organizado. (LIPMAN, 1990, p. 20).

Nesse sentido, historicamente, a filosofia, dado seus interesses gerais, tem se empenhado no desenvolvimento de suas habilidades de base específicas do filosofar. Para Lipman são habilidades do pensar: a habilidade do raciocínio, investigação, análise conceitual e tradução. Além disso, não podemos ignorar o fato dela estar preocupada com a análise dos conceitos essenciais, como por exemplo: liberdade, verdade, justiça, direito, educação. Esse conceito, em razão de sua relevância, vem fazer parte do conteúdo programático de todas as idades, do ensino básico ao superior.

O compromisso com o desenvolvimento das habilidades para o pensar tem sido um dos fundamentos da filosofia desde os filósofos clássicos. A novidade apresentada por Lipman em seu Programa de Ensino de filosofia está no fato dele assumir uma postura pragmática de vertente deweyana e pela importância que ele atribui ao pensamento prático, e, por consequência, sua concepção de ensino de filosofia instaura o entendimento segundo o qual a filosofia é "meio" em oposição à concepção tradicional que é teleológica. Segundo Daniel, Lipman entende que a filosofia é "o instrumento mais refinado para desenvolver o pensamento humano" (DANIEL, 1999, p. 120), inclusive para desenvolver o espírito das novas gerações, isto é, das crianças e jovens. Ora, se Lipman concebe a filosofia como um meio; mas afinal, a que objetivo ela está a serviço? Segundo nossa autora, o objetivo da filosofia na perspectiva do Programa de ensino elaborado por Lipman o "desenvolvimento do pensamento autônomo e crítico da criança" reforça: "a coisa mais importante que podemos fazer para as crianças é ensinar-lhes a pensar bem". (DANIEL, 1999, p. 114). Com esse raciocínio, Lipman deixa bem claro que a finalidade do seu programa de ensino de filosofia é criar as condições para elevar o nível de desenvolvimento intelectual da criança e do jovem. Destarte, a incumbência da filosofia é clara: ensinar a pensar. Essa habilidade específica deve ser trabalhada sistematicamente com os jovens do ensino médio (LIPMAN, 1997a).

Matthew Lipman afirma a filosofia estimula os jovens a se tornarem mais lógicos, mais críticos e mais reflexivos, na medida em que ela oferece não é uma nova disciplina, para o qual não há lugar no currículo escolar, mas um elemento que falta nas disciplinas existentes, isto é, a preocupação com o desenvolvimento e da habilidade de pensar (LIPMAN, 1990). Nesse sentido, Lipman afirma que a presença da filosofia na grade curricular do ensino oficial se justifica pelo fato dela ter condições de estimular os alunos a se tornarem mais racionais, críticos e reflexivos. Apenas a título de exemplo, podemos destacar o caso do Brasil, antes da vigência da Lei nº 11.684 de 2 de julho de 2009¹⁵, o ensino de filosofia era facultativo e era considerado apenas tema transversal, podendo assim, ser tratado em qualquer disciplina existente. A inclusão da disciplina filosofia na grade curricular do ensino oficial, no Brasil, a partir da lei supracitada, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de filosofia é o reconhecimento do papel da filosofia como disciplina autônoma e não como apenas tema transversal, uma vez que o objetivo da filosofia é em tese, segundo Lipman, diferente das demais disciplinas.

¹⁵Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

Destarte, Lipman afirma que a filosofia não seria apenas uma nova disciplina, mas um elemento essencial ausente das demais disciplinas que é “Oferecer às crianças um modelo de vida mais racional como membros de uma boa comunidade de participação e colaboração. ” (LIPMAN, 1990, p.61). O modelo racional de vida é o que diferencia a filosofia das demais disciplinas e qualifica não apenas o debate filosófico, mas principalmente os métodos de ensino da filosofia. É nesse viés que para Lipman, a filosofia deve proporcionar os meios e as ferramentas necessárias para o desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico do aluno. Assim, o esforço de Lipman se concentrou na busca por edificar uma metodologia de ensino de filosofia capaz de alcançar os objetivos por ele propostos. Partindo do pressuposto segundo o qual, a criança, assim como o adolescente, é um ser em desenvolvimento que merece atenção especial por ser dotado de todas as faculdades da natureza humana; ademais, essas faculdades e habilidades imanentes aos alunos precisam ser desenvolvidas através do processo de ensino e aprendizagem. Para nosso autor, a filosofia é o instrumento por excelência, indispensável e precioso para o aprimoramento das habilidades necessárias para que o aluno consiga desenvolver plenamente suas habilidades intelectuais e conquistar sua autonomia. Para Lipman, apenas através do diálogo e da interação no seio de uma comunidade de investigação filosófica que o ensino de filosofia para que os alunos possam se desenvolver plenamente suas potencialidades, inclusive as de pensar com mais racionalidade. (LIPMAN, 1990)

1.2 - O que é a comunidade de investigação filosófica e sua finalidade?

A filosofia, segundo Matthew Lipman, conforme abordamos na seção anterior, é um instrumento cujo objetivo é criar as condições para o desenvolvimento das habilidades necessárias para que a criança possa desenvolver e conquistar sua autonomia. Esse objetivo é alcançado por meio da comunidade de investigação filosófica. Nesse sentido, refletiremos sobre as seguintes questões: o que é a comunidade de investigação? Qual sua finalidade, características, elementos constitutivos e vantagens em relação à filosofia tradicional?

Após analisar o contexto na qual era ensinada filosofia nos Estados Unidos na década de 60, Lipman reconheceu a necessidade de que algo precisava ser feito para aprimorar a qualidade do ensino de filosofia. Influenciado pelas ideias de Dewey, ele se preocupou em elaborar mecanismos e procedimentos adequados ao ensino de filosofia exclusivamente para crianças e adolescentes. Em suas principais obras¹⁶, Lipman aponta o caminho metodológico da comunidade de investigação filosófica como alternativa para o ensino de filosofia para crianças e adolescentes. Ele parte da premissa segundo a qual é preciso desafiar os alunos a interagir, discutir e dialogar sobre valores pontos de vistas, ideais, problemas e ideias com seus colegas e professor, numa reflexão em grupo. A esse exercício, Lipman chamou de comunidade de investigação.

Lipman, para colocar em prática suas ideias, organizou um programa, materiais e uma metodologia. Seu Programa: "Filosofia para Criança: Educação para o Pensar", consiste na busca de criar a oportunidade para as crianças e adolescentes vivenciarem o filosofar, aprimorando a dimensão crítica, criativa e ética do pensar. Assim, o termo comunidade de investigação se torna o centro gravitacional a partir do qual gira todo o seu Programa de ensino de filosofia para criança.

Segundo Jhonson, comunidade é “um grupo de indivíduos que têm algo em comum (...) sem necessariamente viver em um dado lugar. Pode ser um grupo de pessoas que realizam tipos de trabalhos relacionados entre si, como por exemplo ‘a comunidade da saúde’ (JHONSON, 1997, p. 45). Essa definição elaborada por Jhonson também é partilhada por Bauman, que afirma: “comunidade significa entendimento compartilhado do tipo ‘natural’ e ‘tácito’”. (BAUMAN, 2003, p. 07); segundo ele, a ideia de comunidade estaria relacionada à construção

¹⁶Principais obras de Lipman: *O Pensar na Educação* (1997); *A Filosofia vai à Escola* (1990); *A Filosofia na Sala de Aula* (1997); *O pensar na educação* (1995); *A filosofia e o desenvolvimento do raciocínio* (1995); ; *Filosofia vai à escola* (1990); *Filosofia na sala de aula* (1997), dentre outros.

de dois significados principais: o de resistência e o de identidades defensivas. A partir desses dois aportes, o autor discute em que medida seria viável (ou até mesmo desejável) uma volta à vida em comunidade na alta modernidade. Possivelmente, a questão mais relevante apontada por Bauman é a tensão que acontece entre a falta de liberdade e o sentimento de segurança que seria característica da vida comunitária. Se por um lado, a noção de comunidade atrelada a aspectos positivos, às vezes utópicos, fundado na ideia de pertencimento a um grupo, união e solidariedade – um verdadeiro “paraíso perdido” –, por outro, na comunidade, o indivíduo gozaria de muito menos mobilidade e liberdade. Em outras palavras, Bauman retoma a concepção clássica de comunidade e as sensações a ela vinculadas, como a afetividade, pertencimento e segurança, constraçando-a com o sentimento de pouca autonomia e liberdade que também seriam imanentes a ela. Daí surge o paradoxo: queremos ter o conforto e a segurança proporcionado pela comunidade, mas, concomitantemente, não queremos abrir mão da liberdade conquistada na vida em sociedade. No entanto, Bauman ressalta:

“ (...) o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’, ‘estar numa comunidade (...)’. Para começar, a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante” (BAUMAN, 2003, p. 7)

Para Bauman, a comunidade é um lugar de segurança e boa vontade dos outros, sendo que esses outros não são estranhos, mas sim conhecidos. A ideia de comunidade, por ele analisada se aproxima do conceito de paraíso perdido (projeção para o passado) ou um paraíso ainda esperado (projeção para o futuro), não algo que existisse nos dias de hoje. Assim, a ideia dele não é analisar as comunidades existentes, mas pensar, a partir da atual conjuntura do mundo globalizado, restaurar um sentimento de proteção e solidariedade entre os indivíduos pertencente a determinada comunidade. Além disso, Bauman afirma que a “responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos” (BAUMAN, 2003, p. 134)

Nesse sentido, Lipman aproxima do pensamento de Bauman, uma vez que para ambos, a comunidade representa uma possibilidade de transformação sociocultural, principalmente porque na solidariedade e na ajuda mútua compartilhada numa experiência local, maneira de sobreviver na alta modernidade.

Lipman compartilha da tese segundo a qual o elemento constitutivo do conceito de comunidade é a ideia de qualidade em comum, ou seja, várias pessoas se unem em torno de um objetivo ou interesse comum ou partilhado (LIPMAN, 1990). É nesse sentido que esse conceito se refere à comunidade de bairros, comunidade religiosa, por exemplo. Lipman, utilizando a ideia de comunidade de investigação e aplica ao ensino de filosofia para crianças e adolescentes.

Nesse sentido, a comunidade de investigação filosófica, grosso modo, é a transformação da sala de aula numa comunidade de investigação cujo objetivo é o estudo filosófico, ou seja, é uma técnica procedimental, uma metodologia para o ensino de filosofia para crianças e adolescente, uma vez que é a partir da utilização desse recurso metodológico que as condições e as possibilidades para a práxis filosófica são colocadas (LIPMAN, 1990). Nesse sentido, podemos afirmar que a ideia de comunidade de investigação é resultado do desdobramento lógico de seu pensamento pedagógico e uma condição de aplicabilidade de todo seu programa de ensino de filosofia para criança e adolescentes; afinal, o diálogo e a interação são as condições essenciais da práxis filosófica segundo Lipman; ambos precisamos ser os fundamentos e o elemento articulador em torno da qual é construída toda metodologia de ensino de filosofia para criança e adolescente. Assim, a comunidade de investigação filosófica vem de encontro à necessidade de utilização de uma técnica de grupo que viabilizasse aos alunos realização da experiência filosófica dialógica. Nessa esteira, Lipman afirma que: "A comunidade de investigação é uma técnica de grupo que propicia o desenvolvimento individual na medida em que faz que a criança tome consciência de suas potencialidades." (DANIEL, 1999, p. 125). Assim, a concepção de comunidade de investigação como técnica de trabalho em grupo decorre do entendimento do pensamento filosófico do trabalho desenvolvido por Lipman sobre a metodologia de ensino para criança e jovens. Os procedimentos pedagógicos realizados em sala de aula com os alunos devem ser realizados a partir da comunidade de investigação filosófica; pois, ela oferece as condições para o desenvolvimento dos alunos, tanto na dimensão individual como na dimensão coletiva (LIPMAN, 1990).

A estratégia que Lipman delineou para superar o método formalista, estereótipo e inútil adotado pelos filósofos tradicionais é promover o diálogo e a interação através da instituição da comunidade de investigação como espaço onde se realiza a experiência filosófica real. Para lograr com seus objetivos, ela precisa possuir as seguintes características: dinâmica, investigadora, aberta, dialética, catártica, rica em novas ideias,

A primeira característica presente na comunidade de investigação filosófica é dinamicidade, na qual se apresenta no fato dela possuir uma natureza dialética e dialógica que se manifesta com contato e no respeito ao outro e aos demais membros da comunidade. A partir das atividades propostas pelo professor, os alunos são convidados a participar ativamente de suas atividades. A dinâmica promovida pelas interações derivada da atuação do professor e dos alunos provoca o ambiente propício a partir do qual as indagações, os desafios, a curiosidade e a reflexão filosófica surge e ganha força. As respostas surgem, a curiosidade transforma-se em perguntas, e num movimento dialético a interação cria espaço

para surgir novas ideias e dialeticamente, os membros da comunidade ganha a confiança, expõe seus pontos de vistas, comenta sobre as contribuições dos demais. Nessa dinâmica dialógica, paulatinamente o grupo sob a orientação do professor vai se superando e aprimorando. Corroborando esse argumento, Marie-France Daniel reconhece a dinamicidade como uma das características principais da comunidade de investigação filosofia elaborado por Lipman. Vejamos:

(...) a comunidade de investigação, exigindo o respeito do grupo, favorece a superação de si mesma e acentua, por isso mesmo, a motivação individual. Essa motivação tem como consequência a liberação da imaginação. Assim, quando da investigação intelectual, as questões brotam da mesma forma que os elementos de resposta. Curiosa, aberta, dinâmica e catártica, a comunidade de investigação é sempre rica de ideias nova (DANIEL 1999, p. 126).

A segunda característica da comunidade de investigação filosófica é ser ela investigadora. A investigação nasce da curiosidade; ela instiga o desejo de conhecer mais e desvendar aquilo que não se sabe, ou seja, ela permite descortinar o misterioso e valorizar o espanto diante do desconhecido como ponto inicial para o despertar filosófico, como fazia Aristóteles. (DANIEL, 1999). Essa característica decorre do fato dos alunos serem curiosos por natureza, na medida em que o desejo de desvendar os mistérios e os porquês da vida faz parte do ser humano, Lipman reconhece valoriza a capacidade de investigativa como uma característica fundamento da comunidade de investigação.

A terceira característica da comunidade de investigação é o fato dela ser ser aberta, porque ela está sempre em processo permanente de formação em razão, sobretudo, de sua buscar pelo desenvolvimento dos alunos. Respeitar a opinião do outro, suas ideias, ser tolerante, não censurar, mas suscitar questões provocadoras, instigar a curiosidade e promover o debate em grupo; eis algumas das consequências diretas dessa abertura. Nesse sentido, a abertura da comunidade de investigação filosófica abre espaço para promoção da criatividade e espontaneidade. A interação nem sempre é fácil, às vezes há pensamento divergentes, mas o bom senso e o diálogo permitem que se chegue a um consenso (LIPMAN, 1990).

A quarta característica da comunidade de investigação filosófica é o fato de ela ser dialética, isso decorre do fato dos alunos estar em fase de desenvolvimento e em o processo de ensino e aprendizagem ser dialético. Assim, podemos afirmar que a dialeticidade, na perspectiva lipmaniana, se estende por toda experiência filosófica dos alunos membro da comunidade de investigação. A experiência da comunidade ganha contornos dialéticos na medida em que os membros das comunidades de investigação filosófica se cooperam e

disputam permanentemente na busca do desenvolvimento individual e do grupo. Nesse sentido, que Marie- France Daniel afirma:

A discussão lipmaniana (...) é uma dialética à medida que se dá no seio de uma comunidade de investigação filosófica o que supõe que todos os participantes se ajudem mutuamente a ter uma visão mais clara das coisas, a tomar seus enunciados mais claros, a explicitar seu ponto de vista, a buscar a coerência em suas palavras, a tomar mais clara as definições, a formular hipóteses, a indicar os erros de raciocínio, e também a se abrir às alternativas propostas pelo outro. (DANIEL, 1999, p. 147)

A quinta característica da comunidade de investigação filosófica na concepção lipmaniana é o fato dela ser catártica na medida em que faz parte também de seus objetivos processarem refinar e purificar, através da práxis dialética dialógica, o pensamento contraditório, divergente, incoerência, sem fundamentos, tornando os coesos, coerentes e fundamentados em boas razões¹⁷. Nesse estágio da formação filosófica, ensino fundamental e o ensino médio, ainda são desnecessários submeter o raciocínio das crianças e do adolescente ao crivo rigoroso da lógica formal, mas deve-se priorizar a criatividade em detrimento do raciocínio lógico-formal (DANIEL, 1999).

A sexta característica da comunidade de investigação filosófica é o fato dela ser rica em novas ideias pelo fato de se empenhar em desvendar os mistérios e apresentar novas soluções. Como o próprio nome sugere, a comunidade de investigação filosófica é, por ser essencialmente investigadora e dinâmica, rica de ideias, conceitos, experiências e pontos de vistas. Ela parte dos indícios e dos vestígios para resolver os problemas apresentados ao investigador, no caso o aluno (LIPMAN, 1997b). Os problemas apresentados têm como objetivo estimular o desenvolvimento das habilidades da criança. Para solucionar o mistério, ela cria as condições e as ferramentas básicas para práxis investigativa e a diversidade de ideias. Nessa busca para decifrar os mistérios, que se apresentam como enigma a serem resolvidas, as respostas precisas, definitivas e acabadas não são os objetivos. A relevância da proposta de ensino de filosofia apresentado por Lipman está no caminho percorrido, nas diversas perguntas efetuadas e não apenas nas respostas. Nesse sentido, a motivação e o estímulo que constituem o objetivo

¹⁷Lipman considera a lógica formal, apesar de ajudar os alunos a se tornarem cientes e a ter raciocínios organizados, é limitada. Ele propõe um segundo tipo de lógica que leva em conta a ampla variedade de situações que exigem um pensamento deliberativo e espontâneo e que permite aos alunos justificar seus enunciados. Ela a chama de abordagem das boas razões.(DANIEL, 1999, p. 127)

principal das atividades realizadas pelos alunos na comunidade de investigação filosófica. Nesse sentido,

A comunidade de investigação não visa buscar soluções precisas e imediatas, mas antes se ocupa (...), em decifrar o mistério que se encontra por trás das palavras e em descobrir-lhes as inúmeras definições, significados ou possibilidades. Dada sua natureza (pragmática), a investigação filosófica constitui, pois, um estímulo que atinge as crianças em sua faculdade de se maravilhar e de se espantar. (DANIEL, 1999, p. 126)

A comunidade de investigação, segundo Lipman, deve ser essencialmente filosófica. Caso contrário, não será uma comunidade filosófica. O próprio conceito etimológico de filosofia (*philia* + *sophia*) designa “amor pela sabedoria” (CHAUI, 2012, p. 28); ou seja, não há como fazer filosofia sem necessariamente estar imbuído pelo espírito de buscar pela sabedoria, uma vez que o filósofo não é o detentor absoluto, mas um buscador desta. Lipman destaca que além da dimensão racional imanente da própria natureza da atividade filosófica, há também a dimensão ética, onde os princípios éticos, sobretudo, a confiança e o respeito são condições indispensáveis para existência e consolidação de “uma comunidade de investigação filosófica” objetiva e imparcial (DANIEL, 1999, p. 128).

Destarte, as características essenciais da a comunidade de investigação filosófica instrumentaliza, qualifica e fornece as condições para que os alunos do ensino médio possam viver plenamente a experiência filosófica significativa. somente assim, eles podem gradativamente desenvolver suas habilidades filosófica para refletir, pensar nos problemas apresentados nas aulas e conquistar a autonomia intelectual à medida que ultrapassarão limites de seus próprios conhecimentos e avançarem rumo a uma atividade filosófica mais refinada e em um nível mais elevado. Nesse sentido,

(...) a cada participante a possibilidade de ir além de seus próprios conhecimentos e de aproximar mais da atividade filosófica. (...) A comunidade de investigação filosófica dá à criança os instrumentos para compreender, examinar e julgar as estruturas do discurso (DANIEL, 1999, p. 126).

Por fim, em resposta à pergunta: qual o melhor maneira para ensinar filosofia de para os alunos do ensino médio atualmente? Na perspectiva do pensamento filosófico de Matthew Lipman, podemos seguramente responder: através da comunidade de investigação filosófica. Ela é o melhor caminho para ensinar filosofia no ensino médio por se constituir como um método específico cujo objetivo principal é o desenvolvimento pleno e integral da criança e do adolescente. Todo o seu pensamento filosófico tem como objeto de estudo o ensino de filosofia.

Para ele, não se deve cair no erro dos tradicionalistas que se contentavam com o ensino formalista e vazio, ele elaborou um método no qual o aluno faz parte de uma comunidade aprendente, nela há todos os elementos que vai propiciar o desenvolvimento do aluno. Através dos problemas propostos e do esforço para entendê-lo, o aluno filosofa e encontra, em parceria com os demais, o caminho para o filosofar (LIPMAN, 1995). É nesse sentido que a palavra metodologia é empregada como sinônimo de caminho. Etimologicamente, o vocábulo método é formado pela união dos termos gregos *meta* (=objetivo) + *ódos* (=caminho) + *logia* (estudo), ou seja, método é o estudo do caminho para se chegar a um objetivo. Assim, para se estudar filosofia deve se utilizar uma metodologia adequada. Segundo Japiassu, "metodologia, literalmente, ciência ou estudo dos métodos. Investigação sobre os métodos empregados nas diferentes ciências, seus fundamentos e validade, e sua relação com as teorias científicas" (JAPIASSU, 2006, p. 187). Nesse sentido aqui empregado, os termos caminho e metodologia são equivalentes. Destarte, a palavra método, segundo Jolivet:

Método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado. Se nos colocamos no ponto de vista do conhecimento, dir-se-á, com Descartes, que o método é 'o caminho a seguir para chegar à verdade nas ciências' (...) a importância do método é evidente. O método tem como fim disciplinar o espírito, excluir de suas investigações o capricho e o acaso, adaptar o esforço a empregar segundo a exigência do objeto, determinar os meios de investigação e a ordem da pesquisa. Ele é, pois, fator de segurança e economia (JOLIVET, 1966, p. 71).

Destarte, uma das principais preocupações de Lipman é a elaboração de método de ensino de filosofia a partir de uma abordagem pragmática, onde não há uma separação definida entre metodologia e finalidade, ambos se confundem numa relação dialética, sendo concomitantemente causa e consequência. Nesse sentido podemos afirmar que a comunidade de investigação filosófica é, além de um método de ensino, um próprio estilo de vida que conduz à racionalidade. A práxis não desvincula a teoria da prática, e faz com que a coerência entre o pensar e o agir seja uma busca permanente e a razoabilidade um resultado da aplicação do método lipmaniano. Nessa perspectiva, Marie- France Daniel afirma que:

Filosofar, graças à comunidade de investigação constitui, pois, ao mesmo tempo a causa e a consequência de uma existência coerente e razoável. É uma práxis aqui e agora; é um caminho que conduz senão a verdade e à sabedoria, pelo menos à philo-sophia. O filosofar coloca-se, pois, indiscutivelmente, numa ótica pragmática de investigação em comum tendo em vista o desenvolvimento integral da pessoa. (DANIEL, 1999, p. 128)

Conforme podemos constatar na citação acima, a filosofia elaborada por Lipman se afasta do modelo tradicional, conforme descreve Pierre Hadot, na medida que reconhece que a filosofia foi esvaziada pelo catolicismo como criação da teologia; a criação de uma comunidade de investigação filosófica, lembra a ideia da academia platônica, do Liceu aristotélico e dos círculos pitagórico, nos quais o que era discutido era vivido. A influência de Dewey também é uma marca importante no pensamento de Lipman. Ele mesmo reconhece em suas obras a relevância de Dewey na construção de seu pensamento e assume o pragmatismo como posição filosófica a partir do qual ele arquiteta e edifica todo arcabouço teórico e prático de seu programa de ensino de filosofia. A partir desse ponto de partida, ela identifica os elementos constitutivos da comunidade de investigação filosófica proposta por Lipman, classificando-o de acordo com a forma, a estrutura, a metodologia e os princípios fundamentais. Com essa manobra estratégica, Lipman insere definitivamente sua proposta metodológica nos marcos do pragmatismo, uma vez que os valores fundamentais do programa de ensino de filosofia para crianças – educação para o pensar comungam com os mesmos valores do pragmatismo. Nesse sentido, ele afirma:

(...) a comunidade de investigação proposta por Matthew Lipman insere-se no paradigma do pragmatismo, à medida que os elementos que a compõem, isto é, sua forma (microsociedade), sua estrutura (não hierárquica e não competitiva), sua metodologia de ensino (relação paritária entre adulto e criança) seus objetivos (desenvolvimento integral da pessoa), assim como seus princípios fundamentais (motivação intrínseca, continuidade da experiência, educação central na criança) demonstram que os valores aceitos pela Filosofia para criança são os que são veiculados nas correntes de pensamento pragmático. (DANIEL, 1999 p. 130)

Conforme podemos constatar na citação acima, que descreve os elementos essenciais constitutivos da comunidade de investigação filosófica, à luz do pragmatismo, sintetiza os elementos essenciais da filosofia educacional desenvolvida por Lipman e apresenta um pensamento que vai além do discurso meramente teórico e inútil da filosofia tradicional e se coloca como condição indispensável para a realização do ensino de filosofia para crianças e jovens em sentido pleno. A coerência e a harmonia entre os diversos elementos constitutivos do método são condições para o desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos.

O programa de ensino de filosofia, a partir da comunidade de investigação filosófica ganha a forma de microsociedade, organizada não hierarquicamente, com base na colaboração entre os agentes do processo de educação e uma metodologia de ensino com fulcro na equidade,

no respeito e no diálogo. Essas características são essenciais para a formação integral das pessoas na perspectiva filosófica advogada por Lipman.

Diante do exposto, a participação ativa nas comunidades de investigação filosófica é um pré-requisito àqueles que pretendem adentrar a senda da filosofia. Motivado pelo desejo de desvelar o mistério da realidade a partir do questionamento e da investigação, o aluno encontra nessa comunidade as condições essenciais para se desenvolver. Pois, é no seio desta, que o diálogo colaborativo e dialético acontece e os alunos se tornam parceiros de jornada imbuídos nesse projeto comum para o desenvolvimento de sua autonomia (LIPMAN, 1997a).

Quais as contribuições que a comunidade de investigação filosófica, na perspectiva lipmaniana, pode proporcionar para a formação da criança e do adolescente? Para Lipman, a formação eficaz da criança e jovem deve ganhar uma dimensão pragmática, sob pena de cair no verbalismo inútil, próprio do paradigma filosófico tradicional. Sendo assim, ele desenvolve a ideia de comunidade de investigação filosófica que é o elemento essencial de seu programa de ensino de filosofia, o ponto de partida e o ponto de chegada de sua metodologia cujo objetivo é o desenvolvimento dos alunos que são qualificados para viver a experiência filosófica em detrimento da teoria (LIPMAN, 1997b.). Assim, Para Lipman, a comunidade de investigação filosófica propicia o desenvolvimento de comportamentos morais e sociais: como ouvir, respeitar às ideias dos outros, a abertura do espírito, assim como o desejo de ser transformado pelo outro. Essas diferentes atitudes incitam à troca dialógica e contribuem para elevar a discussão a um estágio filosófico em um novo patamar de reflexão (LIPMAN, 1990).

A ideia de Lipman acerca do ensino de filosofia para crianças e jovens se opõe à maneira tradicional de ensinar filosofia e tem como ponto de partida o reconhecimento da criança e do adolescente como principais sujeitos do processo de ensino de filosofia. Lipman concebe que a comunidade de investigação filosófica é o método de ensino de filosofia para crianças e jovens fundado, não apenas em ideias abstratas, mas em procedimentos práticos e espaço para o reconhecimento de princípios morais como, por exemplo, a valorização e respeito do aluno, suas ideias, suas contribuições, suas angústias e procuras. Assim, a interação dialógica, nessa perspectiva, é entendida como requisitos essenciais para a formação integral dos alunos. Nesse sentido, a busca incessante pela valorização do diálogo e da interação tem sido uma preocupação permanente de Matthew Lipman e se constitui a espinha dorsal do pensamento lipmaniano (KOAN, 1999).

Segundo Pierre Levy, as comunidades virtuais também são uma forma de fazer sociedade; pois são rizomática, transitória, desprendida de tempo e espaço, baseada muito mais na cooperação e na troca objetivas do que na permanência de laços. Ele também demonstra

que esta universalidade desprovida de significado central, este sistema da desordem, está transparência é universal e constitui a essência paradoxal da cybercultura. (LEVY, 2002). Nesse sentido, o aluno consegue encontrar, nas redes sociais virtuais, uma zona de proximidade, onde tempos atrás seria impossível: pessoas compartilham ideias, conhecimentos, informações sobre seus problemas, dificuldades e carências que não seria possível partilhar se estivessem “próximos”, simplesmente porque estariam limitadas no tempo e no espaço. As redes sociais ou comunidades locais tradicionais, são resultados no esforço natural do ser humano, ampliá-las é o nosso grande desafio.

Diante das novas tecnologias, das ferramentas de comunicação sociais das plataformas digitais e como utilizá-las no processo de ensino aprendizagem, nos faz pensar como podemos de modo diferente do tradicional nos organizar em grupos e comunidades reais e virtuais.

É necessário ter calma e persistência para superar a tensão resultante entre o saber filosófico e o conhecimento relacionado às ferramentas de comunicação das redes sociais e os problemas que emergem do processo de ensino aprendizagem para que o professor possa atuar de forma plena, colocando em pauta sempre os valores éticos, o compromisso com a missão de garantir aulas de filosofia de qualidade, significativa e motivadora para o jovem estudante do ensino médio.

1.3 – O diálogo e a interação nas aulas de filosofia

Qual a importância do diálogo e da interação para o ensino de filosofia na concepção de Matthew Lipman? Antes de entrar na questão proposta, devemos preliminarmente, refletir sobre o conceito de diálogo, diálogo filosófico e interação e qual seu lugar dentro da proposta de ensino de filosofia para criança elaborada por Matthew Lipman.

O nosso vocábulo diálogo chegou-nos por via do latim *dialogus*, do grego clássico διάλογος (diálogos), e tinha, nesta língua, basicamente o mesmo significado que hoje conhecemos em português. O vocábulo grego é constituído por dois elementos: *diá* e *lógos*. (JAPIASSU, 2006). Etimologicamente, o termo diálogo é oriundo de dois vocábulos do grego clássico: *diá* lógos do *diálogos*, que significava diálogo. Esse termo possui basicamente o mesmo significado que hoje conhecemos na língua portuguesa atual. Segundo o dicionário Aurélio Júnior, o termo diálogo é “a fala alternadamente duas pessoas ou mais pessoas; conversação, etc (...). Troca ou discussões de ideias, opiniões, etc.” (FERREIRA, 2011, p. 323). Do ponto de vista filosófico, o termo diálogo, ganha contorno diferente dependendo da corrente filosófica a partir do qual é abordado. Nessa perspectiva, afirma Japiassu:

Para Sócrates e Platão, o diálogo consiste na forma de investigação filosófica da verdade através de uma discussão entre o mestre o discípulo, cabendo ao mestre levá-lo a descobrir um saber que trazem em si mesmo, mas que ignoram. 2. Para o pensamento fenomenológico e existencialista, o diálogo é uma troca recíproca de pensamento através da qual se realiza a comunicação de consciências. 3 o pensamento liberal reduziu o diálogo a um mero esforço de conciliação nas disputas concernentes às questões trabalhistas envolvendo o patronato e os sindicatos, a preocupação dominante sendo a de resolver tais problemas a fim de evitar o confronto pelas greves. 4. Dialogar tanto pode significar aceitar os riscos de não ver prevalecer seu ponto de acordo quanto ao essencial, quanto acreditar que, para além dos interesses e das opiniões que opõem os homens entre si, exista um lugar comum dependendo de um outro registro do ser do homem (distinto do mundo sensível) e que seja possível tornar único caminho capaz de superar as particularidades individuais) e passionais e impor uma universalidade. (JAPIASSU, 2006 p. 74)

Filosoficamente o termo diálogo possui várias conotações, conforme a definição apresentada por Japiassu. A diversidade de definições resulta da inúmeras correntes filosóficas, como acima apresentado. No entanto, há algo comum em todas as definições apresentadas por Japiassu, segundo as quais, o diálogo é um dos métodos reconhecido filosoficamente para o filosofar. Sócrates e Platão adotaram, em última instância, o diálogo como método. Lipman compartilha da tese segundo a qual, o diálogo é o método filosófico por excelência, afirmando que, através da comunidade de investigação filosófica, as condições para o diálogo e a interação entre os alunos são dadas, a missão do professor é promover o debate e levá-los a descobrir um saber que trazem em si mesmo, mas que ignoram. Foi nessa perspectiva que Sócrates, com a maiêutica e Platão com seu método dialético; ambos utilizaram o termo diálogo como instrumento para a prática filosófica. (Lipman, 1995). Destarte, o termo diálogo não deve ser tratado como um termo isolado, estanque e separado de seu pensamento filosófico. Esse termo ganha sentido a partir da relação com outros conceitos essenciais que fazem parte de sua orientação filosófica. Assim, a palavra diálogo deve ser pensada na sua relação com a comunidade de investigação filosófica e com o próprio conceito de filosofia (KOHAN, 1999).

Na concepção de filosofia na perspectiva lipmaniana, o termo filosofia, diálogo, diálogo filosófico e comunidade de investigação filosófica, são conceitos que resumem a orientação do programa de Matthew Lipman cuja essência é pragmática. (LIPMAN, 1997a). Conforme observa a ideia de práxis filosófica, a partir da concepção pragmática lipmaniana, o conceito de diálogo é um dos elementos fundamentais da definição de sua filosofia, bem como na elaboração e implementação da ideia de comunidade filosófica. Assim, o termo diálogo, foi elevado à condição de instrumento para o desenvolvimento do pensar do educando. Essa

operação intelectual realizada por Lipman, de abordar o diálogo como instrumento oferece ao termo diálogo a mesma equivalência ao termo filosofia, uma vez que ela também é um instrumento cujo objetivo é desenvolver as habilidades do educando.

Destarte, o termo filosofia na concepção de Lipman é sinônimo de diálogo filosófico (LIPMAN, 1990). Assim, além de ser um meio, isto é, um instrumento de verificação, organização das ideias e do conhecimento, o diálogo filosófico, realizado no seio das comunidades de investigação, devem criar condições para que as crianças possam formular novos problemas e propor novas soluções aos problemas apresentados aos alunos. Nesse diapasão, o diálogo filosófico, se constitui um elemento essencial para o desenvolvimento do processo de autoaprendizagem, na medida em que ele, dialeticamente, superando suas deficiências e buscando boas razões, torna-se essencial no ensino filosófico da criança e do adolescente.

Lipman entende que o diálogo filosófico constitui um meio de verificação e de superação de hipóteses, das ideias e dos conhecimentos. Assim sendo, ele ensina a criança a buscar sempre formulações novas e novas perspectivas. Portanto, o diálogo permite à criança entrar num processo de autoaprendizagem reflexiva e autocorreção. Nesse sentido, “a filosofia oferece um fórum no qual as crianças podem descobrir por si mesmas, a relevância, para suas vidas, dos ideais que norteiam a vida de todas as pessoas” (LIPMAN, 1990, p. 13). Assim, o diálogo filosófico promovido na comunidade de investigação filosófica permite ao aluno participar do discurso do outro, ouvindo, falando e discutindo. É através da construção coletiva de um projeto comum, realizado por meio das comunidades de investigação filosófica, que o diálogo permite a partilha de informações, sonhos, pontos de vistas, interesses, às vezes divergentes. Nesse sentido, o diálogo quando passa a ser filosófico, apesar de ser uma atividade marcada pela racionalidade, é movido pelo amor¹⁸. É nesse sentido que Lipman, diz que o diálogo é *philia*-sofia, ou seja, que é amor pela sabedoria e não amor pela argumentação retórica vazia e inútil, próprio método tradicional de ensinar filosofia (LIPMAN, 1997b).

No programa de ensino de filosofia apresentado por Lipman, o aluno é o eixo gravitacional a partir do qual tudo gira. Para que o aluno possa desenvolver suas habilidades e potencialidades, precisa de um ambiente educacional onde ele possa ter o direito e garantias para livremente dialogar sem medo de dizer e partilhar suas experiências. Nesse sentido, a prática dialógica à luz da concepção de Lipman é uma técnica de liberdade que se baseia na

¹⁸ O conceito de amor aqui possui a mesma conotação de *philia* empregado no termo filosofia.

pluralidade de indivíduos, cada qual com seu pensamento e compreensão da realidade. A dimensão ética representada pelo respeito e pela compreensão do pensamento do outro devem ser pressupostos essenciais e constitutivos das comunidades de investigação filosófica regidos pelo diálogo e pelo reconhecimento do outro, enquanto sujeito que está em desenvolvimento e que supera dialeticamente a experiência filosófica com os outros alunos que também partilham o mesmo projeto (LIPMAN, 1994).

Nessa perspectiva Lipman afirma:

O diálogo filosófico representa uma experiência intelectual compartilhada na qual uma série de indivíduos isolados são transformados numa comunidade de investigação. Em tal comunidade, as conversações são estimuladas pelo espírito de investigação e guiadas por considerações lógicas e filosóficas. Os participantes descobrem em si mesmos a necessidade de serem racionais em vez de controversos. Nesse processo tornam-se pensadores autocríticos e reesponsáveis. (LIPMAN, 1990, p. 150)

Assim, o diálogo é o caminho para que as crianças possam alcançar o desenvolvimento do pensamento e da autonomia pessoal. Essa busca, na concepção pragmática ocorre através da práxis por meio da comunidade de investigação filosófica. Ou seja, é uma busca em comum. Nesse sentido, é inútil e sem sentido qualquer tentativa de aprender e ensinar filosofia por métodos teóricos desvinculado de uma prática dialógica; pelo contrário, o ensino de filosofia para criança deve ser fundamentado numa metodologia dialógica e numa experiência coletiva. Na ausência de diálogo não se pode falar que há filosofia, na concepção lipmaniana do termo, ou seja, a prática do diálogo é da natureza da filosófica.

Não há ensino de filosofia sem o diálogo na concepção lipmaniana. Ele, o diálogo, se encontra em todo processo aprendizagem e se manifesta como uma necessidade de expressão do pensamento (diálogo interior) através da conversa escrita, verbalizada ou digitalizada. Nesse sentido, o grande desafio das aulas de filosofia é promover o diálogo; e por essa razão, que surge a ideia de comunidade de investigação filosófica, como uma condição para estabelecer à práxis dialógica, que em última instância, é o próprio filosofar. É dialogando que se aprende a filosofar, o que equivale a afirmar que é filosofando que se aprende a filosofar. Essa é uma preocupação de Lipman, criar um programa de ensino de filosofia, cujo método fosse fundamentado numa práxis filosófica autêntica, coerente e aberta ao diálogo.

Corroborado as essas ideias lipmaniana, Daniel afirma, em seu livro, *Filosofia e criança*:

(...) a filosofia para crianças tem como objetivo o desenvolvimento do pensamento na criança e que deste resulta a autonomia pessoal. O caminho preconizado para atingir esses objetivos essencialmente o *dialogos*, o qual pressupõe uma busca em comum (por oposição ao diálogo interior, por exemplo). (DANIEL, 1999, p. 145)

O diálogo, assim como o conceito de comunidade filosófica, a partir da concepção filosófica de Lipman, possui uma abordagem tridimensional. Primeiramente, reconhece e prioriza a dimensão ética como essencial, sem rejeitar as características racionais. O respeito ao outro, o reconhecimento da pluralidade e da importância do conflito como elemento essencial de uma comunidade de investigação filosófica são exemplos irrefutáveis do papel da ética como elemento central da sua concepção de ensino de filosofia. Em segundo lugar, mas não menos importante, está a necessidade de reconstruir a partir do diálogo a experiência individual ou coletiva como uma necessidade para realizar a práxis, que em última instância é ação aliada à reflexão e vice e versa. Por fim, o processo de ensino aprendizagem deve ser sempre é um processo reflexivo, dinâmico e permanente na medida em que busca sempre a superação. Portanto, a atividade de ensino de filosofia se justifica por ser um instrumento a serviço da construção da autonomia do aluno. (LIPMAN, 1997a)

Através do diálogo filosófico que ocorre no seio da comunidade de investigação filosófica, o aluno se desperta para a busca da compreensão da realidade. Em contato com o outro, professor e alunos, ela ganha consciência de si, dos outros e da realidade, e passa a edificar e organizar seu próprio sistema de conhecimento. Assim, construindo o conhecimento acerca da realidade ele se descobre enquanto ser único. (LIPMAN, 1997a). Um dos aspectos a ressaltar, na concepção filosófica esculpida por Lipman em seu programa de ensino de filosofia, é o fato do ensino filosófico ser iminentemente coletivo, à medida em que a interação entre seus colegas nas comunidades de investigação filosófica ser uma condição essencial para construção do conhecimento e desenvolvimento das habilidades e potencialidades do indivíduo. Por essa razão que a todo o momento Lipman insiste na necessidade de estimular a troca de conhecimento, experiências, histórias, pontos de vistas sobre os problemas abordados. Além disso, ele faz questão de deixar clara a necessidade de ultrapassar a reflexão apenas solitária, característica do saber dogmático e tradicional, em face da inutilidade de seu método se aplicado ao ensino de criança. Assim, “a filosofia que se encontra no programa lipmaniano estimula a troca, a inter-relação e a interação como seus pares em vez da reflexão solitária, do saber dogmático.” (DANIEL, 1999, p. 146).

Por fim, insta salientar que o pensamento filosófico de Lipman acerca de como ensinar filosofia para crianças e adolescentes, parte da ideia segundo a qual a filosofia é um instrumento

eficaz para a formação das novas gerações. Ele propõe uma metodologia revolucionária para o ensino de filosofia, a partir da qual a comunidade de investigação filosófica permite o exercício do diálogo e da interação entre os alunos e criam condições e possibilidades para que eles possam desenvolver suas habilidades e competências para o pensar filosófico, partindo de questões significativas e relevantes para eles. Nessa perspectiva, o aluno é protagonista e o processo de educação acontece de forma coletiva, nas comunidades de investigação filosófica, o que pressupõem para a realização das aulas de filosofia nessa metodologia o desenvolvimento dos valores éticos, como respeito, solidariedade, tolerância, justiça, dentre outros (LIPMAN, 1997b).

Assim, podemos afirmar que segundo Lipman, as aulas de filosofia devem ter como pressuposto o diálogo e a interação. A comunidade de investigação filosófica é o método que ele elaborou para que as aulas de filosofia se tornasse significativa e relevante para os alunos. Ocorre que na atualidade, sobretudo com o advento da informática, da internet, das tecnologias da informação e das ferramentas de comunicação das redes sociais, o diálogo e a interação ganha uma nova dimensão, permitindo que o diálogo e a interação as aulas de filosofia passassem a ser, na perspectiva lipmaniana, mais participativas, dinâmicas, interativas. Como recurso complementar às aulas de filosofia, as ferramentas de comunicação das redes sociais, amplia as possibilidades de compartilhamento de conhecimentos através de arquivos digitais, *links*, *download*, *upload*, conversas em grupos, comunidades virtuais, dentre outras ferramentas disponíveis nas plataformas das redes sociais, como o *Facebook*, por exemplo. Ou seja, na atualidade, as ferramentas de comunicação das redes sociais se constituem um instrumento capaz de elevar o nível de interação e, portanto, de diálogo, entre os alunos e professor nas aulas de filosofia, além de permitir a construção de uma comunidade de investigação filosófica virtual como apoio à comunidade de investigação filosófica real, funcionando como um mini ambiente virtual de aprendizagem. Nos próximos capítulos iremos refletir sobre a importância das ferramentas das redes sociais e sua aplicação nas aulas de filosofia no ensino médio.

CAPÍTULO II:

2 - A IMPORTÂNCIA DAS FERRAMENTAS DAS REDES SOCIAIS

No primeiro capítulo, abordamos sobre a importância do ensino de filosofia para crianças e adolescentes à luz do pensamento filosófico de Lipman. Segundo o autor, a filosofia tem como objetivo principal colaborar com o desenvolvimento das novas gerações para que elas possam ser adultos críticos, autônomos e responsáveis. Para alcançar seus objetivos, Lipman desenvolveu um método de ensino de filosofia denominado comunidade de investigação filosófica, a partir do qual o diálogo e a interação são os elementos essenciais de sua concepção acerca do ensino de filosofia.

Nesse capítulo, pretendemos abordar a questão: “qual a importância das redes sociais virtuais nas aulas de filosofia?”. Apesar de aparentemente simples, essa é uma pergunta complexa e relevante para o ensino de filosofia na atualidade. Para refletir sobre esse assunto, abordaremos os seguintes tópicos: redes sociais: o que são? A era da informação e grande rede de computadores, as redes sociais virtuais, comunidade de investigação filosófica em um ambiente virtual de aprendizagem a utilização e a importância das ferramentas das redes sociais nas aulas de filosofia.

2.1 - Redes sociais, o que são?

Apesar de ser utilizado há muito tempo, a expressão ‘rede social’ passou a ser utilizada pelos sociólogos como peça central de uma perspectiva dos fenômenos sociais a partir da década de 1970. Nesse sentido, o dicionário de sociologia Johnson, define:

A rede é simplesmente um conjunto de relações que ligam pessoas, posições sociais ou outras unidades de análise, como grupos e organizações. Ao focalizar a atenção em redes, os sociólogos podem fazer uma grande variedade de perguntas, desde a maneira como pessoas adquirem poder ao motivo por que organizações funcionam e como. (JOHNSON, 1997, p. 190)

O conceito de rede apresentado acima possui uma ideia comum: conjunto de elementos interligados, ou seja, a ideia de rede é o entrelaçamento de nós interconectados. Por sua vez, nó é o ponto de interseção entre os diversos elementos da rede. É nesse sentido que o conceito de rede é aplicado de diversas formas, conforme vemos na definição acima. São comuns as expressões: rede de computadores, rede de solidariedade, rede de dormir, rede de intriga, dentre outras. Todas essas expressões têm em comum a ideia de grupo, conjunto formado por nós

responsável pela conexão entre os diversos elementos. O significado de cada nó depende da natureza do que se quer dizer.

Segundo o sociólogo espanhol Castells, o mundo atual é uma grande aldeia, onde as redes sociais são estruturas abertas, capazes de se expandirem sem limites, integrando novos nós, desde que eles tenham capacidade de comunicação com a rede, ou seja, desde que tenham a mesma natureza e compartilham os mesmos códigos (CASTELLS 2002). Nesse sentido Castells afirma:

A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade. [...] [A invenção da Internet] reforça também a ideia de que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias à inovação do que a competição e os direitos de propriedade. (CASTELLS, 2002, p. 75).

Segundo Castells, no mundo atual é caracterizado por redes, as estruturas econômicas, políticas e sociais, estão conectadas com a realização de negócios e os processos através das redes sociais e das tecnologias de comunicação e informação. A internet viabiliza esse modelo econômico, mas não transpõe para si um modelo social horizontalizado e descentralizado das relações horizontalizadas, sob a égide de um sistema estruturalmente verticalizado, ou seja, o fato de haver a democratização do acesso à informática, não significa necessariamente a democratização das riquezas nem o fim da exclusão social. As contradições fazem parte do sistema de produção vigente.

Nesse sentido, é correta a afirmação segundo a qual a sociedade atual, apesar de predominantemente ser marcada pelo individualismo é também extremamente competitiva. As ferramentas das redes sociais permite a interação e os relacionamentos entre as pessoas, que apesar de aparentemente isoladas estão sempre compartilhando com os demais. A contradição entre a experiência da coletividade e igualdade vivida nas redes sociais e a experiência na sociedade, marcada por uma estrutura hierárquica extremamente verticalizada (FEENBERG, 2010).

2.2 - A Era da informação e a grande rede mundial de computadores

Com o advento da era da informação, desencadeado, sobretudo pela invenção, desenvolvimento e disseminação do uso dos computadores, pela ampliação das redes, o uso

intensivo da internet, pelo barateamento dos equipamentos, o conceito de rede ganha um novo significado e surge a rede mundial de computadores (GIDDENS, 2005).

A combinação de computadores com as comunicações teve profunda influência na maneira como sistemas de computadores são organizados. O conceito de "centro de computação" como uma sala com um grande computador, a que usuários traziam seu trabalho para ser processado, agora é obsoleto. O antigo modelo, de um único computador servindo todas as necessidades computacionais de uma organização foi substituído por outro em que um grande número de computadores separados, mas interconectados, fazem o trabalho. Esses sistemas são chamados de redes de computadores. Nesse sentido, "A internet é uma extensa de rede de computadores interligados, mas independentes". (HEIDE, 2000, p. 22)

Em um sistema distribuído, um conjunto de computadores independentes aparece para os usuários como um sistema único e coerente. Usualmente, ele tem um único modelo ou paradigma que é visível para os usuários. Frequentemente, uma camada de software no topo do sistema operacional, chamada *middleware*¹⁹, é responsável pela implementação desse modelo. Um exemplo bem conhecido de sistema distribuído é Rede Mundial de Computadores, em que tudo parece um documento na página da internet (FEENBERG, 2010). Em termos genéricos, a principal meta do uso da internet para usuário comum é a interação para diversos fins, comércio eletrônico, pesquisa, entretenimento. Essa combinação entre os diversos atores que se conectam e interagem remotamente através da Rede Mundial de Computadores forma o que denominamos de redes sociais virtuais. (KIRKPATRICK, 2001)

2.3 - As redes sociais virtuais

Há atualmente inúmeras redes sociais virtuais; cada uma delas com características próprias e peculiaridades. Podem ter diferentes modelos de interação e finalidades diferentes. As redes sociais mais populares atualmente são: o *Facebook*, *Youtube*, *Twitter*, *Linkedin*, *Google+*, *Foursquare*, *Instagram*, *Flickr*, *Badoo*, *Tinder*, *Dihitt*, *Ningi*, dentre outras. As redes sociais estão cada vez mais sólidas no país e no mundo.

Para muitos usuários, principalmente àqueles que ficam muito conectados e que fazem parte da chamada geração internet ou digital, as redes sociais *online*²⁰ não são apenas uma maneira de manter contato, mas um modo de vida. (FEENBERG, 2010). Nesse sentido, muitos

¹⁹ *Middleware* é um recurso utilizado para aglutinar, mediar e articular diferentes tecnologias e *softwares* proporcionando agilidade e qualidades aos processos nas redes de computadores.

²⁰ *Online* é um termo inglês que significa conectado a uma rede de computadores ou sistema de comunicação, permitindo a comunicação instantânea e imediata de dados por meio escrito ou falado.

dos recursos das ferramentas de comunicação das redes sociais *online* são comuns para cada um dos mais de inúmeros *sites* de rede social existente atualmente. A capacidade de criar e compartilhar um perfil pessoal normalmente é um recurso mais básico formado por uma página. Essa página de perfil normalmente possui uma foto, algumas informações pessoais básicas (nome, idade, sexo, local) e um espaço extra para que a pessoa informe sobre músicas, livros, programas de televisão, filmes, *hobbies* e *sites* preferidos (KIRKPATRICK, 2001).

A maioria das redes sociais na internet permite postar fotos, vídeos e blogs pessoais na sua página de perfil. Mas o recurso mais importante das redes sociais é encontrar e fazer amigos com membros de outros *sites*. Na sua página de perfil, esses amigos aparecem como *links*²¹, assim os visitantes podem navegar na sua rede de amigos *online*.

A rede social *Facebook*, surgiu como um aplicativo de rede social de uma faculdade, inicialmente era muito mais restrita e orientada a grupos. No *Facebook*, só é possível encontrar pessoas que estão em uma das suas redes existentes. Elas podem incluir empresas onde o usuário trabalha a faculdade (e/ou colégio) onde ele estuda ou estudou; além disso, o usuário também pode participar de várias das centenas de redes menores criadas por outros usuários do *Facebook*, algumas fundadas em organizações reais, outras que só existem na mente de seus fundadores.

Para fazer contato através de uma rede social *online*, é necessário primeiramente criar uma conta, também chamada de perfil. É preciso escolher um nome e uma senha. A maioria das redes sociais exige que tenha um *e-mail*²² cadastrado ou um número de celular para verificação da conta. Depois de fazer isso, deve-se fornecer algumas informações básicas, como nome, sexo, idade, endereço e alguns hobbies ou interesse específico. (KIRKPATRICK, 2001)

Para personalizar o perfil, o interessado deve adicionar fotos, informações pessoais, além de vídeos. O perfil é imagem que você está se apresentando ao mundo *online*. Na maioria dos *sites* você pode ter um controle sobre quem pode visualizar seu perfil completo; para acionar esse recurso no *Facebook*, basta ir à função configuração e configurar de acordo com seu interesse. Em alguns *sites* apenas amigos ou aqueles que você convidou podem visualizar seu perfil. Na maioria das redes sociais, incluindo o *Facebook*, pode procurar amigos ou fazer contatos enviando convites para que eles possam fazer parte de sua rede social *on-line* e

²¹*Link* é uma palavra em inglês que significa elo, vínculo ou ligação. Portanto, criar um *link* em um texto significa estabelecer uma ligação com outra página, outro texto, que o leitor pode abrir clicando numa palavra ou grupo de palavras, por exemplo.

²² *Email* também chamado de correio eletrônico é um serviço disponível na *internet* que possibilita o envio e o recebimento de mensagens.

importar lista de endereços das suas contas de *e-mail*, como o *Hotmail*, *yahoo* ou *gmail*, por exemplo.

Após convidar seus amigos virtuais atuais, pode procurar pessoas que têm interesse parecido com os seus. Por exemplo, se o usuário gosta de ler os livros de Aristóteles, ele pode procurar outras pessoas que também gostam de Aristóteles e convidá-las para participar de sua rede; ou ainda, o usuário pode procurar pessoas que estudam ou estudaram na mesma escola que ele, pessoas que possuem a mesma marca de carro, gosta do mesmo esporte ou o mesmo tipo de música. O usuário pode convidá-las para fazer parte de sua rede social ou mesmo criar uma comunidade virtual e adicioná-las como membro (KIRKPATRICK, 2001).

Nesse sentido, as plataformas das redes sociais através de suas ferramentas de comunicação das redes sociais têm sido uma das principais promotoras da interação social da juventude na atualidade. Dessa forma, o uso das redes sociais virtuais na educação também deve ser considerado nas estratégias educacionais, uma vez que um dos objetivos da educação, sobretudo na disciplina filosofia, é contribuir com a busca da autonomia do sujeito em interação social ou o modo como ele estabelece relações com outros indivíduos e com cultura. Nessa perspectiva Johnson afirma:

Interação é o processo que ocorre quando pessoas agem em relações recíprocas em um contexto social (...). Na interação percebemos outras pessoas e situações sociais e, baseando-nos nelas, elaboramos ideias sobre o que é esperado e os valores, crenças e atitudes que a ela se aplicam. (JOHNSON, 1997, p. 131)

Destarte, todo processo de socialização ocorre em um contexto de interação social, ou seja, as influências recíprocas nascem e se desenvolvem na interação entre os indivíduos. Assim, a sociedade resulta das interações sociais estabelecidas entre os indivíduos. No entanto, para que elas formem a sociedade, seu conteúdo precisa estar representado de acordo com parâmetros que representam diferentes formas de interação. Esses parâmetros formam a base na qual as interações sociais se desenvolvem. Por exemplo, um grupo de amigos resolve criar uma equipe de futebol no bairro onde moram. Como é um time amador, não precisa estar nas regras oficiais do futebol, no entanto, para que o empreendimento produza efeito desejado, eles devem utilizar como modelo as equipes de futebol existentes na sociedade (SIMMEL, 2012). Assim, as formas de interação se repetem, apesar de seu conteúdo possa variar de acordo com a situação real. As diferentes formas de interação social, como a cooperação, a competição e o conflito, são padrões estáveis, ainda que possam manifestar seu conteúdo no trabalho doméstico tanto quanto nas atividades escolares (cooperação), nos esportes nos concursos (competição),

ou mesmo nas relações laborais (empregados versus patrões) ou entre conflitos ideológicos (movimento sem terra versus fazendeiros).

Ocorre que, na sociedade contemporânea, as ferramentas de comunicação das redes sociais e os demais recursos da *internet* vêm facilitando a articulação e a criação de redes que promovem novas formas de expressão e comunicação e atraem particularmente os adolescentes e os jovens, uma vez que permitem a invenção e reinvenção dos vínculos sociais. Assim, a sociedade contemporânea é caracterizada pelo consumo, pelas imagens e informações veiculadas pela mídia. Além disso, nas redes sociais, alguns internautas deliberadamente e ostensivamente expõem aspectos de sua intimidade, conquistas, viagens e gostos pessoais, posições políticas, tornando-se alvos da observação social. Mais do que ser notado, eles pretendem ser seguidos, para alcançar o máximo à visibilidade social (SIMMEL, 2012).

Para muitos jovens, a concepção de sociabilidade inclui necessariamente o ambiente *online*, mas não se limita a ele. Os contatos se estabelecem nas interfaces digitais das redes sociais, continuam na interação pessoal e podem retornar a seu início, marcando seus rastros por imagens, fotos e mensagens que permanecem expostas e podem ser visitadas e revisitadas constantemente. As redes sociais e as comunidades virtuais têm posições centrais nas estratégias de vida dos jovens. Quem não faz parte das redes perde a oportunidade de afirmar-se no grupo e de construir sua rede de relacionamentos pessoais offline. Nesse sentido, Giddens afirma:

Enquanto estão viajando ou trabalhando no exterior, os indivíduos podem aproveitar a internet para se comunicarem regularmente com os amigos e com os parentes em casa. A distância e a separação passa a ser mais toleráveis. A internet também permite a construção de novos tipos de relacionamentos: usuários on-line “anônimos” podem se encontrar em salas de bate-papo e discutir tópicos de interesse mútuos. Esses cibercontatos às vezes evoluem para verdadeiras amizades eletrônicas, ou mesmo resultam em encontros que ocorrem pessoalmente. Muitos usuários da internet passam a fazer parte de animadas comunidades online que são qualitativamente diferentes daquelas em que habilitam o mundo físico. Os estudiosos que consideram a internet um acréscimo positivo à interação humana defendem a ideia de que ela expande e enriquece as redes de contatos sociais das pessoas. (GIDDENS, 2005, p. 382)

Assim, é elemento essencial da estratégia de muitas gente, inclusive dos jovens praticantes da cultura digital; eles são usuários assíduos das ferramentas das redes sociais virtuais, uma vez elas podem ser consideradas um elemento essencial para a sociabilidade dos adolescentes e da juventude atual. Nesse sentido, é no mundo juvenil a percepção de algumas

das mudanças impactantes e profundas da sociedade contemporânea: onde nem os pais nem a religião não ditam mais o padrão de comportamento; a escola não é o único lugar do saber e tampouco o livro e o eixo que articula a cultura. Os jovens vivem hoje a emergência de novas possibilidades com o advento da internet e das tecnológicas atuais, que vai da informação absorvida pelo adolescente em sua relação com a televisão à facilidade de entrar e navegar nas diversas redes ofertadas pela grande rede de computadores. A proliferação de *youtubers*²³ abordando qualquer tema e ensinando sobre qualquer assunto é apenas um exemplo desse fenômeno. Ademais, a internet, através dos *sites* pessoais e das plataformas das redes sociais virtuais como o Facebook, permite ao usuário a experiência pessoal, cotidiana e permanente, na qual ele pode promover a exibição de si mesmo e a contemplação de si e do outro nas publicações. Assim, A busca de popularidade, reconhecimento e autoafirmação são alguns dos elementos que influenciam os adolescentes a consumir de forma discriminada das redes sociais e torná-los usuário assíduo dos bens de consumos culturais digitais, pautando sua sociabilidade. Ora, se as ferramentas de comunicação das redes sociais promovem o diálogo e interação, porque não as utilizar para apoiar o ensino de filosofia no ensino médio? A partir do próximo tópico abordaremos sobre esse tema.

2.4 - A comunidade de investigação filosófica virtual ou Ambiente Virtual de Aprendizagem²⁴

Na perspectiva de Lipman, a educação resulta de um processo através do qual o ensino-aprendizagem ocorre na interação permanente de informações e conhecimento mediatizada pelo professor. Em uma sala de aula convencional onde é utilizado um método tradicional de ensino, todo conteúdo da aula ocorre da seguinte maneira: os estudantes veem e ouvem o professor, o professor vê o ouve os seus alunos, e estes veem e ouvem uns aos outros. A comunicação ocorre verbalmente entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem e é combinada com

²³*Youtuber* é aquele que faz vídeos e posta em seus canais no *youtube*. Existem vários tipos de *Youtuber*; são eles: *youtuber Gamer* (posta vídeos de jogos), *youtuber vogler* (posta vídeos falando de assuntos gerais), *youtuber craft* (ensina artesanatos e *DIY*), *youtuber gourmet* (ensina receitas culinárias) e *youtuber Streamer* (faz vídeos ao vivo).

²⁴ Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é sistemas computacionais disponíveis na *internet* cujo objetivo é oferecer suporte às atividades de interação, veiculando conteúdos entre os autores do processo educativo. Ressalta-se que esses ambientes possuem as seguintes ferramentas: textos, imagens, vídeos, conferências, *links* dentre outros. Os Ambientes virtuais de Aprendizagem permite o ensino a distância (EAD), Educação *Online* e pode ser utilizada também como apoio à educação presencial.

outros recursos didáticos e várias mídias, tais como projeto ligado ao computador, áudios, sons e assim por diante. Nesse sentido, Carneiro afirma:

No caso da educação à distância, essa comunicação ocorre entre pessoas que não estão todas no mesmo local e que necessitam, portanto de recursos tecnológicos que propiciem um acoplamento entre si. A interação comunicativa pode ocorrer tanto através de uma rede de interação (intranet) quanto através de meios de telecomunicação, produzindo redes comunicativas mais amplas sem um centro único (CARNEIRO. 2001 p. 511).

Nesse sentido, o avanço da tecnologia das informações e da comunicação permite o surgimento de novas formas de produção e disseminação de conhecimento, através dos quais todos os agentes envolvidos no processo educacional (pais, professores, gestores, pesquisadores, alunos) podem encontrar meios de superar a educação tradicional e alcançar novas possibilidades, atividades e conceitos (HEIDE, 2000).

A introdução deste aparato tecnológico no dia-a-dia do professor é hoje uma realidade. O barateamento dos computadores pessoais, a disseminação do acesso à internet e a constante inovação tecnológica trouxeram a tecnologia para dentro da sala de aula, possibilitando outros desenhos antes impossíveis de serem vividos. O uso desses recursos pode ir além do apoio ao ensino presencial, propiciando a expansão da Educação a Distância (EAD), constituindo um novo espaço simbólico de ensino e aprendizagem chamado rede. (CARNEIRO, 2010, p. 114)

Destarte, a combinação de recursos tecnológico da internet, em especial as ferramentas de comunicação das redes sociais permitem o acoplamento das pessoas que não estão no mesmo local e no mesmo tempo em torno de um objetivo comum: o estudar, mesmo a distância. Nessa perspectiva, indagamos: como é possível utilizar as ferramentas de comunicação da rede social *Facebook* como ambientes virtuais de aprendizagem? A resposta a essa pergunta é positiva, se considerarmos que apesar do *Facebook* não ser uma plataforma edificada exclusivamente para ser uma plataforma educacional, ela possui algumas características importantes que podemos equipará-la, sem muito prejuízo, a uma plataforma criada para ser um ambiente virtual de aprendizagem, como por exemplo, *Teleduc*²⁵ ou *Moddle*²⁶.

²⁵O *Teleduc* é um ambiente criado em 2002, destinado para a criação, participação e administração de cursos na Web, e vem sendo desenvolvido conjuntamente pelo Núcleo de informática Aplicada à Educação (NIED) e pelo Instituto de Computação (IC) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (BARBOSA, 2005, p. 78).

²⁶ *Moddle* é uma plataforma online de gestão da aprendizagem colaborativa conectado à internet destinado à criação de comunidades online em ambientes virtuais de aprendizagem. Ele permite a criação de cursos, grupo de trabalhos e comunidades de aprendizagens.

Segundo Feenberg (2010), a educação à distância mediatizada via internet em meados da década de 1990. Ela visava de início substituir o ensino presencial clássico ofertado cursos regulares por um produto industrial, produzido e reproduzido a baixos custos, com CDS, vídeos ou softwares. Essa manobra estratégica permitiria a diminuição significativa dos custos e das despesas em geral e a educação tornar-se-ia um negócio rentável. Houve resistência de algumas instituições de ensino, mas teve outras que aproveitaram o ensejo e investiram nos cursos a distância, e ofereceram ao mercado produtos de educação a distância baseado na interação humana através das ferramentas da internet. Assim, segundo Feenberg:

(...) o significado do computador se desloca de uma fonte de informação fria, racional, para um meio de comunicação, um suporte para o desenvolvimento do ser humano e de **comunidades virtuais**. Tal possibilidade pode ser mais bem delineada no plano das questões sobre o projeto técnico que envolve, por exemplo, escolhas acerca da concepção do tipo de *software* educacional, assim como do papel que os fóruns de discussão podem representar no dia-a-dia das pessoas que o utilizam em momentos não programados. (FEENBERG, 2010, p. 144), (Negrito nosso).

Para Feenberg, a educação a distância via *internet* coloca o estudante como um novo sujeito que utiliza as ferramentas de comunicação das plataformas digitais de interação aplicada à educação para construir seu conhecimento na interação a distância como os professores, tutores e outros alunos. A comunidade virtual surgida da interação viabilizada pelo ambiente de aprendizagem da plataforma digital inaugura uma nova forma de conceber a educação e o processo de ensino aprendizagem. Assim, as modelos de educação a distância, adotados por algumas universidades, gerenciados em plataformas online envolvem uma instrumentalização bem mais complexa do computador e de seu papel na divulgação de um novo mundo social contíguo ao mundo social no campus tradicional, o mundo on-line. Feenberg afirma:

O sujeito *online* descreve um tipo novo da atividade social, não limitada por um jogo de opções enlatadas do cardápio ao papel do consumidor individual. O *software* educacional correspondente aumenta a escala de iniciativas dos usuários muito mais extensamente do que um projeto automatizado. É uma concepção mais democrática de rede, que une usuários por meio de uma perspectiva mais ampla de necessidades humanas. (FEENBERG, 2010, p. 183)

Nesse sentido, a análise das ferramentas de comunicação das redes sociais *online*, não se limita às opções ofertadas pelos softwares de maneira automatizada, pelo contrário, os usuários buscam ampliar suas interações nas redes sociais formando uma extensa rede unida pelas necessidades humanas. O domínio dos meios permite realizar inúmeras combinações e possibilidades sobretudo àqueles que a atuam na educação.

A recente discussão sobre a *Internet* é relevante, uma vez que a promessa de mudanças em nossas vidas já é uma realidade. Em nenhum campo do conhecimento tais mudanças provocadas pela internet foi tão afetada a educação. Com a educação à distância mediatizada através dos recursos da internet, por exemplo, o conteúdo substancial das disciplinas pode agora ser mais facilmente enviados aos por *e-mail* ou postado nas plataformas de ensino colaborativa como o Moodle e o TelEduc (FEENBERG, 2010). Segundo Feenberg, a educação à distância mediatizada via internet em meados da década de 1990 visava de início substituir o ensino presencial clássico ofertado cursos regulares por um produto industrial, produzido e reproduzido a baixos custos através da produção de CDS, DVDs, vídeos, softwares e aplicativos. Essa estratégia permitiria a diminuição significativa dos custos e das despesas, sobretudo com o pagamento de professores e a educação tornar-se-ia um negócio rentável e atrativo. Houve resistência de algumas instituições de ensino, mas teve outras que aproveitaram o ensejo e investiram nos cursos a distância, e ofereceram ao mercado produtos de educação a distância fundado na interação humana através das ferramentas da internet. Assim, segundo Feenberg.

Significado do computador se desloca de uma fonte de informação fria, racional, para um meio de comunicação, um suporte para o desenvolvimento do ser humano e de **comunidades virtuais**. Tal possibilidade pode ser mais bem delineada no plano das questões sobre o projeto técnico que envolve, por exemplo, escolhas acerca da concepção do tipo de *software* educacional, assim como do papel que os fóruns de discussão podem representar no dia-a-dia das pessoas que o utilizam em momentos não programados. (FEENBERG, 2010, p. 144), (Negrito nosso).

Nesse sentido, segundo Feenberg a educação a distância via internet coloca o estudante como um novo sujeito em companhia dos menus, das atividades e exercícios realizado em plataformas virtuais, além da companhia de outros seres humanos, também conectado ao mesmo ambiente de aprendizagem unidos com o mesmo propósito. Assim, os modelos de cursos *online* envolvem uma instrumentalização bem mais complexa do computador e de seu papel na divulgação de um novo mundo social contíguo ao mundo social no campus tradicional, o mundo *online*. Nesse sentido, Feenberg afirma:

O sujeito *online* descreve um tipo novo da atividade social, não limitada por um jogo de opções enlatadas do menu ao papel do consumidor individual. O *software* educacional correspondente aumenta a escala de iniciativas dos usuários muito mais extensamente do que um projeto automatizado. É uma concepção mais democrática de rede, que une usuários por meio de uma perspectiva mais ampla de necessidades humanas. (FEENBERG, 2010, p. 183)

Nesse sentido, a análise das ferramentas de comunicação das redes sociais *online*, revela padrões em toda a sociedade moderna. O domínio dos meios permite realizar inúmeras combinações e possibilidade, sobretudo para àqueles que atuam na educação.

A recente discussão sobre a Internet enfatiza a promessa de uma época que trará mudanças em nossas vidas. Em nenhum campo do conhecimento tais mudanças afetaram tanto como a educação. Com a Educação a distância mediatizada através dos recursos da internet, por exemplo, o conteúdo substancial das disciplinas pode agora ser mais facilmente entregue por computadores do que por professores.

Como participante do início do desenvolvimento da Educação *online*, espero poder trazer um toque de realismo ao debate. Debate não limitado à Educação, pois ocorre simplesmente como uma entre tantas frentes de batalha para definir a sociedade do futuro, cujo significado, inclusive o de modernidade, está em jogo. (FEENBERG, 2010, p. 183)

Nessa perspectiva, o debate acerca da utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais, sobretudo o *Facebook* deve contribuir significativamente com o entendimento sobre a relação entre o ensino e as ferramentas de interação *online* e a possibilidade de utilização dessas ferramentas na educação de adolescentes no ensino médio. Além disso, o uso contumaz das ferramentas das redes sociais pela maioria da população, se dá pelo fato delas possuírem uma plataforma intuitiva, enxuta, não necessitando que o usuário seja especialista em computação. Do mesmo modo, o conjunto de suas ferramentas de comunicação: *Messenger*, discussão, comentários, mural e bate-papo, câmara de vídeo, anexo, por exemplo, permite utilizar a plataforma *Facebook* como um mini ambiente de aprendizagem virtual. Considerando que todas as ferramentas são internas ao ambiente da plataforma, ou seja, para se ter acesso às mensagens do correio, à comunidade, às discussões, e aos debates em grupo é preciso apenas ter um perfil e estar conectado à rede social *Facebook*. Mister ressaltar que é uma plataforma grátis.

O gestor das comunidades do Facebook tem a prerrogativa para propor debates temáticas ou de interesse, adicionar membros, postar temas, *links*, organizar e mediatizar Fóruns de Discussões. Existe também a ferramenta Mural, em que podem ser postados recados, como avisos de eventos e comunicados em geral, e links interessantes encontrados na internet podem ser anexados por qualquer membro da comunidade.

A comunidade de investigação filosófica virtual na plataforma *Facebook* pode ser criada para ser mais um recurso de apoio às aulas de filosofia. Vale ressaltar que ela não pretende substituir o ensino presencial, apesar de possui todas as características de um ambiente de

aprendizagem virtual e seu intuito é ser um elemento a mais para promover o diálogo, a interação, a reflexão, o debate, o compartilhamento e a publicação das produções dos alunos e outros conteúdos relevantes para o ensino de filosofia. Esse recurso é possível com a democratização dos computadores, a disseminação do uso de aparelhos celulares e a familiarização das redes sociais, principalmente da plataforma *Facebook*, pelas crianças e adolescentes; além da análise das possibilidades de exploração de as ferramentas de comunicação das redes na exploração, reflexão e publicação de atividades filosóficas realizada nas aulas de filosofia.

O reconhecimento da importância das ferramentas de comunicação das redes sociais e sua utilização como ferramenta de apoio didático de filosofia resulta do fato da internet ser uma das dimensões sociais mais importantes dos adolescentes e jovens na atualidade. Eles são consumidores vorazes dos jogos eletrônicos, possuem conta em diversas redes sociais; além disso, seus círculos de amizade possuem, além do contato presencial, contatos nas redes virtuais; as interações, os eventos os fatos mais relevantes têm a rede social como apoio como instrumento de divulgação, articulação e comunicação instantânea, seja individualmente ou coletivamente no grupo.

As ferramentas utilizadas pelos jovens nas redes sociais são recursos que possibilitam uma comunicação próxima da linguagem próximo da conversa e do diálogo. Elas permitem aproximar as pessoas, facilitasse e otimiza o diálogo, a interação e o debate, independente dos interlocutores estarem no mesmo espaço e no mesmo tempo. A busca por uma ferramenta que permite ampliar as possibilidades do diálogo, do ponto de vista é relevante pelo fato dos próprios filósofos terem elevado o diálogo ao *status* de método.

Sócrates foi um dos filósofos que reconheceu a importância do diálogo para o ensino de filosofia. Segundo ele, através da dialética, isto é, de perguntas e respostas, o mestre conduzia o discípulo na senda do conhecimento filosófico. Por meio do diálogo Sócrates instigava, motivava, questionava e refletia as questões filosóficas relevantes (LIPMAN, 1990). Lipman, inspirado no método socrático dialógico, ele concebe a ideia de comunidade de investigação filosófica como estratégia para promoção da interação e do diálogo e como método de ensino de filosofia.

Com o objetivo de propiciar a ampliação do processo de diálogo e interação nas aulas de filosofia, do aumento da participação ativa dos alunos, a comunidade de investigação filosófica online funciona como um mini ambiente virtual de aprendizagem, uma vez que nele o aluno tem a sua disposição ferramentas que permitem postar suas atividades, tecer comentários, curtir a atividade do outro, mandar recados, publicar no mural, fazer perguntas,

publicar trabalhos, postar *lives*, *links*, vídeos enfim, interagir. Na interação se aprende a filosofar: essa é a ideia principal da comunidade de investigação filosófica

As atividades desenvolvidas, ao longo da presente pesquisa, mostram que a familiaridade dos alunos com as ferramentas das redes sociais estão se tornando cada vez mais necessárias e presentes a utilização destas ferramentas nas situações de aprendizagem em filosofia. Além disso, convém ressaltar que as atividades desenvolvidas pelos alunos podem, por exemplo, serem devidamente registradas por uma câmara de um celular. Nessa perspectiva é possível também realizar entrevistas com temas relacionados ao currículo oficial para as séries do ensino médio. É possível também explorar as possibilidades pedagógicas disponibilizadas na rede social *Facebook*, do ambiente virtual de aprendizagem como fonte de aprofundamento, avaliação, e novas análises.

Nesse sentido, que afirma Barbosa:

Com o avanço da ciência e da tecnologia, como pesquisas no campo da inteligência artificial produzindo robôs interativos e pesquisas sobre realidade virtual. Torna-se inconcebível que a educação seja tratada de forma tradicional. Sabe-se que o desenvolvimento tecnológico proporciona uma nova dimensão ao processo educacional, dimensão essa que transcende os paradigmas ultrapassados do ensino tradicional, pontuado pela instrução programada, pela transmissão de informações e pelo treinamento do pensamento algoritmo e mecânico. (BARBOSA, 2005, p. 82)

Nesse contexto, o professor de filosofia deve assumir um papel fundamental no processo de tornar as tecnologias da informação e da comunicação parte integrante da realidade do aluno, uma vez que a interatividade e a aprendizagem colaborativa podem ser promovidas pela participação das crianças nas diversas formas de utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais. A comunidade de investigação filosófica virtual promove o diálogo e a interações entre os alunos, em torno de uma ideia, problema, tema a partir do qual os alunos, no ambiente de aprendizagem virtual proporcionado pela *Facebook*, promove discussão sobre os temas debatidos, as trocas de entendimento e busca da realização de uma atividade proposta pelo professor durante as aulas de filosofia.

A partir dos problemas apresentados pelo professor através das ferramentas de comunicação das redes sociais no *Facebook*, aos alunos se mobilizam, na comunidade de investigação filosófica virtual, em torno de um projeto a partir do qual eles delineiam estratégias, a partir das quais reavaliam constantemente os objetivos a serem alcançados, considerando os conhecimentos anteriormente adquiridos em situações anteriores; enfim, a comunidade de investigação filosófica virtual na plataforma digital *Facebook* é um mini

ambiente de aprendizagem na medida em que permite a interação, diálogo e a realização de atividades e projetos propostos para serem realizados nas aulas de filosofia no ensino médio.

A comunidade de investigação filosófica virtual possibilita a integração do aluno em uma comunidade cujo objetivo é promover o diálogo filosófico a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula. Assim, os alunos reagem de forma motivadora a sua utilização, identificando-se com o ambiente e considerando amigável e de fácil utilização, além de acessível para ser utilizados para aprender e ensinar filosofia na perspectiva do pensamento filosófico de Lipman. Assim, é perfeitamente possível a utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais na rede social *Facebook* nas aulas de filosofia, uma vez que a criação de uma comunidade virtual é, na prática, um ambiente virtual de aprendizagem e suas ferramentas podem ser utilizadas como suporte das aulas de filosofia.

Ademais, a utilização da *internet* aparentemente também colabora com o aumento do interesse do aluno pela filosofia. Diante do exposto, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para que os professores de filosofia reflitam sobre os seus métodos de trabalho, adequando-os às necessidades do ensino de filosofia na atualidade, e se integrando no contexto da sociedade tecnológica atual, ou seja, a utilização das ferramentas de comunicação das redes social *Facebook* na educação como um ambiente de aprendizagem virtual é o reflexo da opinião e da interação dos seus usuários interconectados, eles são uma amostra da sociedade em rede em escala diminuta.

2.5 - As ferramentas de comunicação das redes sociais nas aulas de filosofia

A resposta à pergunta: ‘como utilizar as ferramentas de comunicação das redes sociais como apoio didático nas aulas de filosofia no ensino médio?’ Tem como pressuposto a premissa segundo a qual, o processo de transmissão de conhecimento adquirido ao longo da história da humanidade precisa apropriar-se das tecnologias e ferramentas didáticas disponíveis. Nessa perspectiva, a *internet* é para o professor da atualidade o que o esquadro foi para Pitágoras.

Segundo Lipman a participação ativa do educando no processo de ensino aprendizagem é um pressuposto. Nessa perspectiva, possível pensar numa comunidade de investigação filosófica sem pensar no aluno como sujeito do processo de aprendizagem. Nesse sentido, é necessário conhecer suas aspirações e opiniões sobre aquilo que eles consideram indispensáveis na formação do educando, garantindo que as diferenças sejam valorizadas, não só na formação do futuro cidadão.

As tecnologias estão presentes em todos os aspectos da vida do homem contemporâneo. Elas são ferramentas cuja finalidade é auxiliar o homem a solucionar os problemas apresentados no dia a dia. Nesse sentido, Johnson afirma:

Tecnologia é o repositório acumulado de conhecimentos culturais sobre como adaptar, usar e atuar sobre ambientes físicos e seus recursos materiais, com vistas a satisfazer desejos e vontades humanas (...) consiste de conhecimento prático sobre como usar recursos materiais. (JOHNSON, 1997, p. 230)

Destarte, tecnologia na perspectiva apresentada acima, tem implicações reais e diretas em nosso meio, e conseqüentemente na sociedade. Assim, apenas a mera utilização de recursos tecnológicos, incluindo as redes sociais não é por si, um elemento determinante para alterar situação de inclusão ou exclusão da pessoa no mundo tecnológico de maneira plena, mas representa uma situação a partir do qual a escola deve utilizar como plataforma para realizar seu papel fundamental na formação dos cidadãos no âmbito do mundo tecnológico. Dessa forma, os terminais de acesso à internet não devem ser apenas um meio de acesso acrítico de informações e produtos, mas principalmente um recurso para apoiar o processo de ensino aprendizagem para a autonomia (FEENBERG, 2010).

Dessa forma, a educação na atualidade está passando por um momento estimulante e desafiador caracterizado por constantes mudanças. A utilização da internet, das ferramentas de comunicação das redes sociais e das mídias educacionais, não deve ser tomada isoladamente para analisar o desempenho dos alunos; deve-se fazer uma integração entre a tecnologia e o método de ensino de filosofia, visando não simplesmente acelerar o processo de aprendizagem ou ensinar novas habilidades tecnológicas, mas combinar a utilização da tecnologia com outros esforços para ajudar os alunos a alcançarem os objetivos estabelecidos nas situações de aprendizagem. Nessa perspectiva, não basta apenas aplicar mecanicamente os recursos tecnológicos nos conteúdos filosóficos, é necessário utilizar filosoficamente um método de ensino de filosofia que seja compatível com as novas tecnologias, nesse sentido que consideramos que o método da comunidade de investigação filosófica de Lipman é compatível com a utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais para promoção do diálogo e da interação nas aulas de filosofia. Esse método transforma o *Facebook* num ambiente de aprendizagem virtual de apoio às aulas de filosofia. Nessa proposta, os professores, inclusive, os de filosofia, têm a responsabilidade de oferecer aos alunos da atualidade as habilidades e as competências que eles precisarão para ter sucesso não só nos ambientes de trabalho que, cada vez mais, baseia-se nas informações, mas na vida como um todo. Essas habilidades necessárias,

na atualidade, incluem saber utilizar computadores; mais importante ainda são as habilidades pessoais e sociais que devem ser desenvolvidas, uma vez que o mundo atual é uma aldeia global (GIDDENS, 2005). As fronteiras tradicionais, políticas, econômicas e sociais estão diminuindo. A complexidade dos valores e culturas e estruturas sociais profundamente distintas geram inúmeros conflitos. Nesse sentido, a educação será a chave para entender os problemas econômicos, culturais, e as gerações mais jovens é que precisarão encontrar soluções (FEENBERG, 2010).

Destarte, o acesso à *internet* é uma ferramenta de comunicação incrivelmente eficiente, que proporciona a invenção e descoberta, compartilhando suas experiências, organizando novas maneiras nas escolas, novas práticas e programas em suas próprias aulas que ilustram a verdadeira reforma educacional promovida pela democratização do uso dos computadores conectados à rede mundial de computadores (GIDDENS, 2005). Nesse sentido, Giddens afirma:

Alguns estudiosos que observam esse fenômeno falam de uma ‘revolução na sala de aula’ – advento da ‘realidade virtual do *desktop*’ e da sala de aula sem paredes. Poucas dúvidas restam em relação ao fato de que os computadores ampliaram as oportunidades da educação. Eles oferecem às crianças a chance de trabalharem de forma independentes, de pesquisarem tópicos com a ajuda de recursos online e de aproveitarem *softwares* educativos que permitem a elas progredirem em seu ritmo. No entanto, a visão (ou pesadelo) de sala de aula com crianças que aprendem exclusivamente através de computadores individuais ainda não se transformou em realidade. Na verdade, a imagem da ‘sala de aula sem paredes’ parece bastante distante por uma simples razão: não existe computadores suficientes na escola ou em casa. Mesmo escolas que possuam muitos recursos precisam desenvolver programas de revezamento que estabeleçam horários para que os alunos possam utilizar as estações de trabalhos. Em escolas que contam com um número limitado de computadores, é provável que os alunos passem apenas alguns minutos por semana diante de um computador, ou tenha aulas de tecnologia da informação em pequenos grupos. A maioria dos lares ainda não possui um computador. (GIDDENS, 2005, p. 408)

Segundo o excerto acima, a internet é uma força revolucionária poderosa que pode alterar o paradigma educacional. O grande desafio para os professores é aprender a integrar as novas tecnologias da informação às aulas de forma significativa em termos educacionais. A aplicação das tecnologias, além de ajudar do desenvolvimentos de habilidades e competências relacionados às materiais e conteúdos, ela auxiliar os alunos a desenvolverem um sentido de responsabilidade pessoal com seu próprio aprendizado. Ela permite expandir seus horizontes, aprendendo a comunicar-se, colaborar com os demais, a aprender. O mundo está mudando. Na atualidade, a internet é uma ferramenta vital para produzir tal mudança. (HEIDE, 2000).

A sala de aula, na perspectiva da metodologia da comunidade de investigação filosófica, deve ter no aprendizado um esforço comum nas quais todos são encorajados, a partir do diálogo, a compartilhar conhecimento, habilidades e novas descobertas. Uma abordagem de equipe para aprender é uma das coisas que torna a internet divertida para os alunos. Uma abordagem de equipe também permite que os alunos se tornem ativos em sua própria educação e reforçar o valor da responsabilidade pessoal. Compartilhar experiências é a melhor maneira de dominar a internet. A integração da tecnologia no currículo é uma tendência em toda parte do mundo, você não está sozinho. Utilizar a internet irá assegurar que os alunos ocupem seus lugares em um mundo globalizado (GIDDENS, 2005).

O ambiente da internet está em constante mudança, manter-se atualizado é um desafio frustrante. Para os professores, esse desafio é ainda maior, por que eles devem também saber integrar a tecnologia às salas de aula de forma significativa. Por isso, a necessidade de investir tempo e recursos para aprender a utilizar as tecnologias da informação nas aulas. Apenas assim, o professor poderá utilizar e explorar de forma significativa os recursos tecnológicos disponíveis na de sala de aula e nos ambientes e aprendizagem *online*. O professor deve utilizar as redes sociais e e buscar sempre aprimorar sua metodologia, buscando na própria internet novas ideias para suas lições, dicas, instruções. Ser usuários iniciantes, mas apenas o estudo e a dedicação permitem explorar ao máximo o potencial das tecnologias da informação, principalmente das ferramentas de comunicação das redes sociais (FEENBERG, 2010).

Assim, os computadores nas escolas, por si só, não mudaram significativamente a natureza do ensino e aprendizagem. Os computadores podem oferecer aprendizagem de uma nova maneira, mas ainda estão longe de oferecer o tipo de experiência de aprendizagem que queremos para nossas crianças e adolescentes. Mas, com advento da internet, essa situação está mudando e muito rapidamente. Aos poucos, utilizando a internet, os alunos vão tomando consciência de que é um membro dessa comunidade global e se sentem envolvidos por isso. A vida na aldeia global acontece de maneira interativa e por conexão; as ferramentas das redes sócias permitem às crianças e aos adolescentes a aprender a pensar neles próprios como cidadão global (NEDER, 2010). A Internet, principalmente as ferramentas de comunicação das redes sociais, tem potencial para produzir mudança social não apenas na educação, mas em toda sociedade. A enorme quantidade de informações e as oportunidades para compartilhá-las e comunicar-se com pessoas de todo o mundo.

Nesse sentido, as ferramentas de comunicação permite a construção da aprendizagem na medida que contribuem para que a comunidade de aprendizagem filosofica virtual visa subsidiar a interação social se torne importante aliada às discussões do grupo, que aliada à

metodologia de comunidade de investigação filosófica se torne uma aliada significativa na produção de conhecimento filosófico cooperativo, os quais possam impulsionar a evolução do conhecimento e o desempenho coletivo dos alunos.

Assim, a ideia de participar de uma comunidade virtual pode estimular os estudantes a formação de uma inteligência coletiva, às quais os alunos possam recorrer para trocar informações e conhecimentos. A comunidade de aprendizagem virtual representa um importante riqueza em termos de conhecimento distribuído, de capacidade de ação e inteligência cooperativa. Em nossa sociedade atual, as redes sociais digitais representam hoje um fator determinante para a compreensão de novas formas virtuais e ampliação desse potencial.

Além disso, as ferramentas de comunicação das redes sociais através da internet oferecem cada vez mais possibilidade para os educadores e mostra como as tecnologias de telecomunicações têm potencial para transformar as maneiras de ensinar e aprender (GIDDENS, 2005). Como os professores de filosofia podem educar as crianças e adolescentes nascidos em um mundo onde há disponibilidades de recursos disponíveis pelos simples pressionar de uma tecla? Primeiramente, deve-se levar em conta que para os alunos reunirem e modificarem ideias, acessarem e estudarem informações, as ferramentas tradicionais da sala de aula como lápis, cadernos e livros ainda são exigidos, mas são inadequadas. O computador o vídeo e as outras tecnologias engajam os alunos pela proximidade com que são usados no dia a dia. A chave não é qual tecnologia está disponível na sala de aula, e sim como ela é utilizada. A acessibilidade dos aprendizes a informação pelo uso da internet permite que eles desenvolvam seus próprios estilos de recuperação e organização das informações. Utilizando a internet como uma ferramenta, de comunicação os alunos podem explorar ambientes, gerar perguntas, questões, colaborar com os outros e produzir conhecimento, em vez de recebê-los passivamente (HEIDE, 2000).

2.6 - Aprendendo através das ferramentas da *internet*

Cada ferramenta da internet possui uma função específica. Tais ferramentas podem ser utilizadas para fornecer aos alunos oportunidades animadoras para acessar e interpretar o mundo ao redor deles. O professor em sala de aula tradicional geralmente tem de criar um mundo artificial, a partir de quaisquer recursos que estejam disponíveis para proporcionar oportunidades de aprendizagem que simule o mundo real. Assim, as ferramentas de comunicação das redes sociais é um dos recursos mais importantes da *internet*, ela permite a conexão e a interação entre o aluno e outras pessoas ao redor do mundo. Uma atividade

educacional simples, utilizando apenas correio eletrônico, ou *Messenger* ou *whatsapp*, conecta alunos com seus pares em outros lugares. Essa é uma maneira excelente para aprenderem e desenvolverem habilidades linguísticas, compartilhem seus pensamentos sobre questões e problemas contemporâneos e envolver a classe em um projeto. As redes sociais podem auxiliar a desenvolver pesquisas, uma vez que, por meio de um motor de busca é possível acessar conteúdos elaborados por especialistas; além dos alunos poder se tornar mentores de outros alunos (FEENBERG, 2010).

Embora as salas de aulas sejam capazes de conectar-se a recursos da internet, aprender pode tornar-se uma aventura. Existem uma ampla variedade de recursos disponíveis na internet oferecendo multimídia e interatividade, além de revistas, notícias e arquivos de assuntos históricos e documentação *online* de eventos atuais. Além disso, os alunos podem construir conhecimento coletando, compartilhando informações com outros. As diversas ferramentas disponíveis na plataforma da rede social *Facebook* permite caracterizá-la com um ambiente virtual de aprendizagem; que pode ser utilizada como apoio às aulas de filosofia na perspectiva do projeto de Lipman, se transformando assim, numa comunidade de investigação filosófica, na qual são promovidos o diálogo e a interação em torno de assuntos filosóficos.

Nessa perspectiva, a tecnologia educacional, sobretudo as que utilizam as ferramentas das redes sociais, continuará a progredir a passos cada vez mais rápidos, a tarefa do professor, sobretudo o de filosofia, é reconhecer a importâncias desses recursos tecnológicos como uma das educacionais da atualidade, planejar e programar sua utilização nas aulas da melhor maneira possível para todos os alunos (HEIDE, 2000). Assim, os instrumentos de comunicação das redes sociais devem fazer parte do currículo de modo significativo e incorporá-las às práticas da sala de aula, sendo um elemento integrante das comunidades de investigação filosófica, afinal, conforme afirmava Lipman, as aulas de filosofia devem ser criativas e contextualizadas (LIPMAN, 1990). Os projetos de internet podem fornecer um contexto autêntico em que os alunos, possam dialogar e interagir através das ferramentas de comunicação das redes sociais.

Esse projeto pretende incluir nas atividades, o desenvolvimento tanto das habilidades de currículo oficial da disciplina filosofia como das habilidades relacionadas ao manuseio das ferramentas de comunicação das redes sociais e da internet. Dessa forma, esse projeto visa, sobretudo, a desenvolver uma metodologia que permita ajudar os alunos e professores de filosofia a utilizarem algumas ferramentas básicas de comunicação da rede social *Facebook* para possam ser bem-sucedidos nas aulas de filosofia.

Nessa perspectiva, é possível realizar com os alunos inúmeras atividades utilizando as redes sociais, nas quais são possíveis que classes diferentes conduzam certas atividades juntas

no mesmo projeto (por exemplo, explorando um tema, escrevendo e trocando relatórios, compartilhando informações), conforme podemos verificar nas atividades desenvolvidas nas aulas de filosofia no ensino médio nas Escolas Estaduais Porto Primavera e Escola Estadual Santa Clara (Escola rural), sendo uma no município de Rosana e a outra no município de Mirante do Paranapanema, ambas pertencem à Diretoria de Ensino de Mirante do Paranapanema no Estado de São Paulo.

As redes sociais não foram plataformas digitais construídas exclusivamente para serem utilizadas no ensino; no entanto, elas possuem inúmeras ferramentas que permitem motivar, aperfeiçoar a interação e promover o diálogo entre os alunos e tornar a aula mais significativa. Essas razões justificam a utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais na realização de atividades de ensino nas aulas de filosofia. Assim, para as redes sociais podem e devem ser utilizadas como ferramentas didáticas nas aulas de filosofia.

As redes sociais, em especial o *Facebook*, disponibilizam vários recursos que podem perfeitamente ser usado com êxito pelo professor de filosofias, como por exemplo, temos: a possibilidade de criar uma comunidade virtual para debater temas propostos nas aulas filosofia, comentários, curtir, compartilhamentos, postagem de links de aplicativos e/ ou outras redes sociais, como por exemplo, vídeos do *youtube*, *snapchat*, *blogger*, *Messenger*, fotos de atividades realizadas, sites especializados no tema proposto, arquivos, *download*, *upload*, *gift*, transmissão ao vivo de eventos, dentre outros recursos.

A utilização das ferramentas de comunicação da rede social *Facebook* quando utilizada nas aulas de filosofia, como vimos anteriormente, cria condições para a interação, o diálogo, a exposição de pontos de vistas, o debate, enfim, a troca de experiências filosófica. Além disso, ela facilita aos alunos tirar dúvidas individual com o professor ou outros alunos e também é possível fazer uma revisão de um conteúdo em horário previamente combinado, onde todos possam se conectar e interagir em torno de uma situação filosófica. O importante, que a utilização das ferramentas das redes sociais utilizadas como apoio às aulas de filosofia, permite, ao professor, superar as limitações impostas pelo reduzido número de aulas, salas superlotadas, dificuldade de comunicação de alguns alunos, tempo reduzido das aulas, indisciplina, além da possibilidade de realizar opinião permanente e efetuar devolutiva às questões postadas pelos alunos. Nesse sentido, cabe ao professor ir além e incentivar a participação ativa dos alunos, para dialogar a partir das questões apresentadas e desenvolver, dessa forma, uma cultura de colaboração e construção coletiva do debate filosófico. Nesse sentido, dentro da comunidade de investigação filosófica e explorando as ferramentas de comunicação da rede social *Facebook* temos as bases da construção pressupostos que

permitem ao aluno ser mais crítico e autônomo intelectualmente; além de oferecer a possibilidade de dar visibilidade aos trabalhos dos alunos por meio de compartilhamento das experiências filosofia, através dos inúmeros recursos apresentados por elas.

2.7 - A utilização das ferramentas do *Facebook* nas aulas de filosofia

Insta salientar que o *facebook* é uma plataforma digital que possui inúmeras ferramentas de comunicação social que podem ser utilizadas para promover o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de filosofia no ensino médio, uma vez que elas são instrumentos que permitem a troca de informação, o diálogo e a interação entre todos os agentes da educação, proporciona importante auxílio não apenas para tornar a aula mais dinâmica e significativa, mas sobretudo por aproximar a vida escola da realidade dos alunos, que estão em sua maioria presentes nas redes sociais diariamente para confirmar o poder de engajamento do facebook. Ademais, o Facebook é uma rede social prática, eficiente e dinâmica e está ao alcance de todos aqueles que têm acesso à internet

Nessa seção, destacaremos as principais ferramentas de comunicação que podem ser utilizadas como apoio ao ensino e à aprendizagem dos alunos no ensino médios são: criação de grupos, compartilhamentos, *Facebook Messenger*, adicionar fotos, escolher figurinhas, *gifs*, *emojis*, jogar, jogar, anexar arquivos, tirar fotos, agendar e organizar atividades, ícone curtir, câmera para videoconferência, configuração do *Facebook Messenger*.

A Ferramenta que permite criar e manter grupos no *Facebook*, aplicada como apoio às aulas de filosofia no ensino médio permite convidar os alunos para participar de uma comunidade de aprendizagem virtual, cujo objetivo é ser um apoio às aulas presenciais de filosofia no ensino médio. Esse recurso possibilita à união dos alunos em torno de uma comunidade criada exclusivamente para eles. Ela é um instrumento que permite a interação, a motivação, conversas e o diálogo entre os alunos em torno de assuntos ligados à filosofia ou de temas que despertam o interesse dos estudantes e que são relevantes para as aulas de filosofia e para eles. Papel do professor nesse grupo deve ser o de mediador, estimulador e orientador dos alunos nesse ambiente virtual de apoio à aprendizagem filosófica. Nesse trabalho, criamos três grupos no *facebook*, um para cada série do ensino médio. A foto de capa do grupo utilizada foi a obra de Rafael, em 1509, no museu do Vaticanos, ela retrata a Escola de Atenas representando os mais importantes filósofos, matemáticos e cientistas da antiguidade. Cada grupo é constituído por integrante das três séries no ensino médio, no qual o presente trabalho

foi aplicado. Todos os membros da sala aderiram ao projeto; a maioria já possuía conta ativa na rede social; àqueles que não tinha colaboram abrindo a conta.



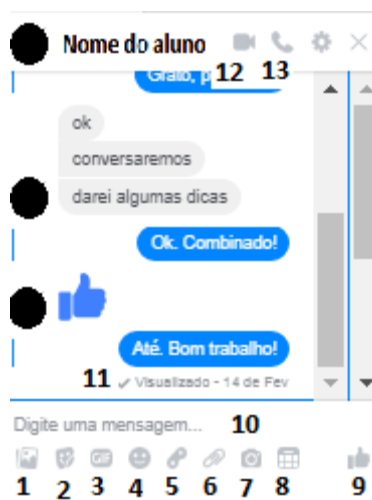
Compartilhamento é outra importante ferramenta do *Facebook*, cujo objetivo é permitir o compartilhamento de conteúdo que podem servir de apoio ao aprendizado nas aulas de filosofia. O conteúdo compartilhado pode ser replicado pelos usuários do facebook inúmeras vezes. No exemplo abaixo, a publicação do aluno²⁷ foi compartilhada por outros usuários por 20 vezes e ainda pode ser compartilhada inúmeras outras; além disso, esse aluno compartilhou essa postagem de outro; ou seja, essa ferramenta permite a divulgação massiva e até mesmo viral de conteúdos disponibilizado nas redes sociais, por isso, ela pode ser utilizada também de forma eficiente para divulgar conteúdos filosóficos em diversos formatos e links de conteúdos já disponibilizados *online*. Vários professores de filosofia na atualidade, utilizando essa ferramenta se tornaram *Youtubers*²⁸, na medida que disponibilizando seus vídeos para serem compartilhados nas plataformas das redes sociais se tornaram acessíveis a um grande número ouvintes.

²⁷ O nome e a foto do aluno, neste trabalho, será mantida no anonimato para resguardar o direito de imagens e da identidade do adolescente conforme o disposto no ordenamento jurídico pátrio.

²⁸ Professor Paulo Giraldelli é um dos professores de filosofia que possui um canal no *Youtube*.

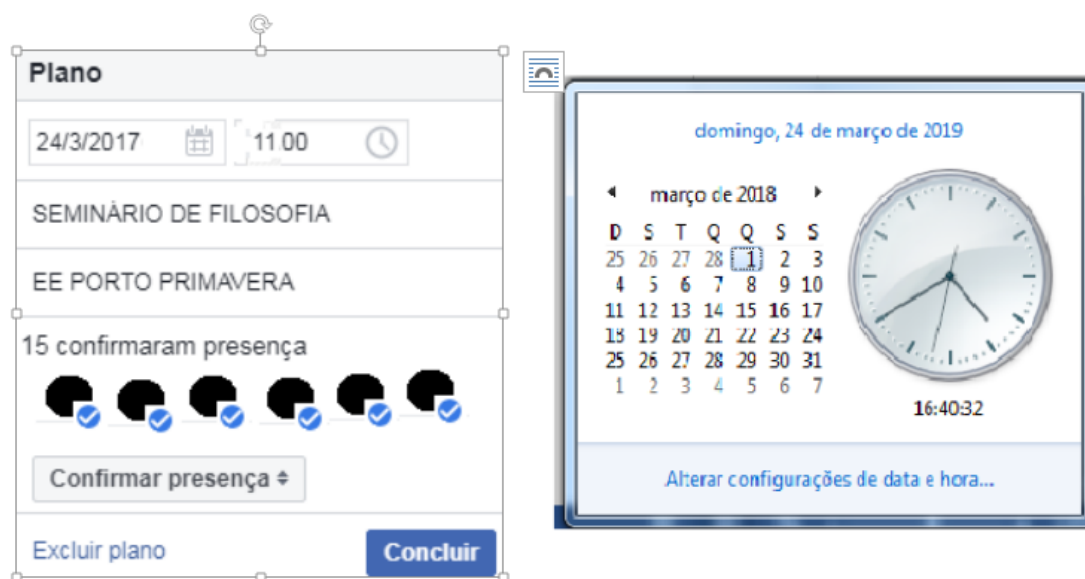


Facebook Messenger é um sistema de comunicação em tempo real do *Facebook* que permite contato entre os usuários, se aplicado na educação, entre os agentes do processo de ensino aprendizagem, isto é, professores e alunos. Essas ferramentas podem ser utilizadas de diversas formas, como por exemplo, em plantão de dúvidas, recados individuais ou coletivos ou para enviar materiais em formatos diversos. Deve-se ressaltar ainda que há, nesta ferramenta há várias funções, como por exemplo: adicionar fotos, escolher figurinhas, *gifs*, *emoji*, jogar, anexar arquivos, tirar foto, agendar e organizar atividades, e o ícone curtir. Na parte superior da ferramenta está disponível as ferramentas câmera para bate-papo com vídeo, é possível tirar foto do vídeo e outro recurso que permite realizar vídeo conferências entre várias pessoas; além disso, o *Facebook Messenger* permite a configuração de cor, apelido, criação de grupos, silenciar conversar, ignorar mensagem, bloquear e até comunicar o *Facebook* se há algo de errado com essa ferramenta. Veja a foto abaixo



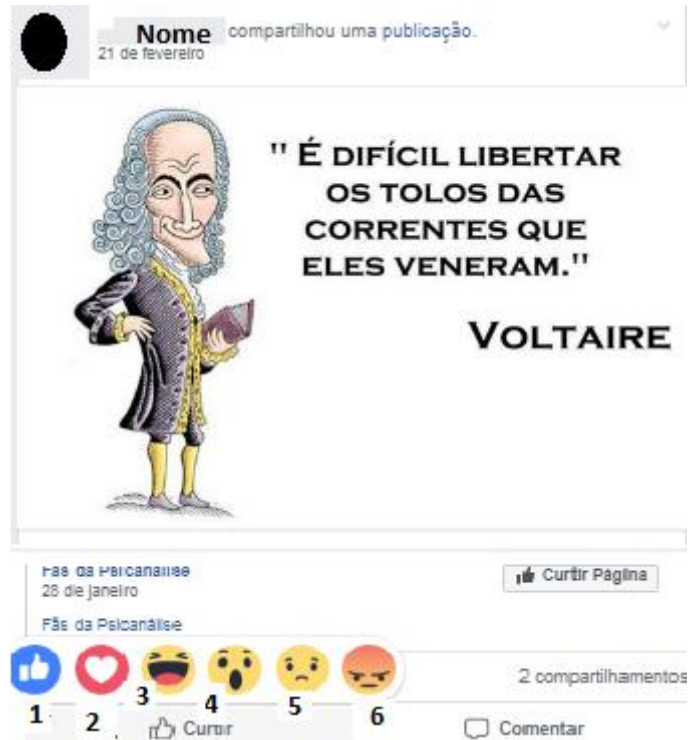
Legenda: 1) adicionar; 2) escolher figurinhas; 3) gifs; 4) emoji; 5) jogar; 6) anexar arquivos; 7) tirar foto; 8) agendar e organizar atividades; 9) ícone curtir; 10) digitar mensagens; 11) Indicação de mensagem visualizada; 12) câmera para vídeo conferência entre várias pessoas; 13) aplicativo de conversa em áudio; 14) a configuração de cor, apelido, criação de grupos.

Calendário de eventos é uma ferramenta do *Facebook Messenger* permite a criação e gestão de eventos. É usado para planejar e divulgar atividades curriculares e/ou extracurriculares, como participações em palestras, trabalhos, avaliações, debates, por exemplo. A função do calendário pode ser empregada também para enviar lembrete de entrega de trabalhos, pesquisas e provas. Nessa ferramenta é possível configurar o dia, mês e ano das atividades propostas (basta clicar no ícone calendário); no ícone relógio é possível configurar o horário da atividade; dar um nome ou título para a atividade, identificar o local onde será realizada, e convidar os membros, além disso eles podem retornar confirmando sua presença ou dizendo que não comparecerá.



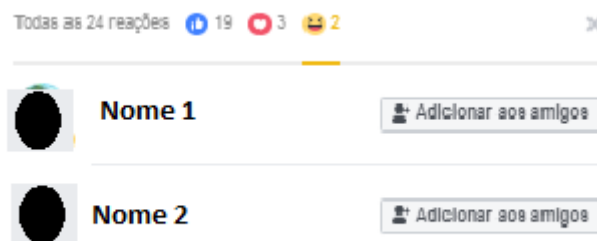
Likes é uma ferramenta do *Facebook* cujo objetivo é fazer com que os usuários sinalizem sua interação com as páginas e conteúdos postados. Há várias ferramentas nessa função. Destacaremos a função curtir, amei, triste e Grr. O botão curtir serve para ser clicado quando a pessoa divertiu com algo. O botão amei é utilizado quando a pessoa quer demonstrar muita felicidade com a publicação de um amigo ou simplesmente concorda com as ideias postadas. A função Haha serve para expressar um tom irônico, sarcástico ou demonstrar um pouco mais de simpatia do que um simples “curtir”. A função *Uau* é ideal para quando algo surpreende o usuário, é representado pelo emoji boquiaberto. É utilizado para expressar situações surpreendentes boas ou ruins. A função *Triste* é serve para expressar a tristeza. É usado por exemplo, quando é anunciado a morte de uma pessoa querida ou como símbolo de desaprovação, mágoa ou nostalgia. A função *Grr* serve para expressar polêmica; é caracterizado por um emoji irritado. Expressa raiva, desaprovação ao conteúdo publicado na rede social. Esse emoji deve ser utilizado com prudência para evitar causar conflitos e magoar os amigos.

Essa ferramenta serve também para sinalizar o grau de engajamento e o sentimento dos usuários com a postagem. Aplicado às aulas de filosofia, essa ferramenta serve para estimular os alunos a acessar as postagens e interagir, sinalizando sua reação com o conteúdo apresentado; no caso em comento, os conteúdos postados no grupo destinado ao apoio às aulas de filosofia devem ser de natureza filosóficos ou relevante para os alunos.



Legenda: Curtir; 2) Amei; 3) Haha; 4) Uau; 5) Triste e 6) Grr.

A postagem acima é uma postagem de conteúdo filosófico e foi compartilhada por um dos alunos envolvidos no projeto, conforme as orientações em sala de aula. Clicando em cima das funções dos likes é possível verificar a quantidade de reações e o nível de interação e engajamento dos participantes com a postagem. A postagem teve as seguintes interações, como podemos verificar abaixo: 24 reações, sendo 19 likes, 03 amei e 02 Haha. Além disso, a ferramenta *like* registra o nome e o *link* dos usuários que interagiram na postagem. Se o usuário quiser pode enviar convite para adicionar ao seu rol de amigos.



A função discussão no grupo do Facebook permite a interação eficiente entre os usuários, sendo um espaço eficiente para compartilhar, discutir, debater, curtir, comentar, promover conversas e ampliar assuntos. Os participantes além de participar ativamente das discussões

internamente no grupo, é facultado compartilhar, divulgar e promover o debate, em seu perfil, acerca dos temas abordados nas aulas de filosofia. Nesse projeto, em sua parte prática, criamos na plataforma digital do facebook na qual criamos grupos de estudo e discussão com os alunos para prepara-lo para as aulas, isto é, municiar o aluno para participar dos debates em sala de aula é um dos objetivos desse trabalho, além de preparar materiais para que pudessem utilizar as redes sociais como um polo divulgados de conteúdos filosóficos. A partir de temas sugerido nas situações de aprendizagem, é disponibilizado material para promover a reflexão, o estudo e o debate em diversos formatos, vídeos, imagens, questões. As atividades eram organizadas a partir de uma comanda, determinando o que seria realizado pelos alunos, conforme podemos verificar abaixo. Os alunos podiam interagir, curtindo, comentando, compartilhando, conforme podemos verificar abaixo:

Avisos Ver tudo (2)

 **Paulo Reis**
14 de maio de 2018

#ATIVIDADE_FILME
#Debate_Filosofico

Em O naufrago, o personagem interpretado por Tom Hanks, imagina uma bola falante, dotada de pensamento, a qual foi dada o nome de Wilson. Esta criação do naufrago evitou que a solidão o levasse à loucura e ao suicídio, até ser resgatado. Diante dessa abordagem, reflita sobre a importância da frase de Aristóteles: o homem é um animal político. A seguir, comente as intervenções de seus colegas.

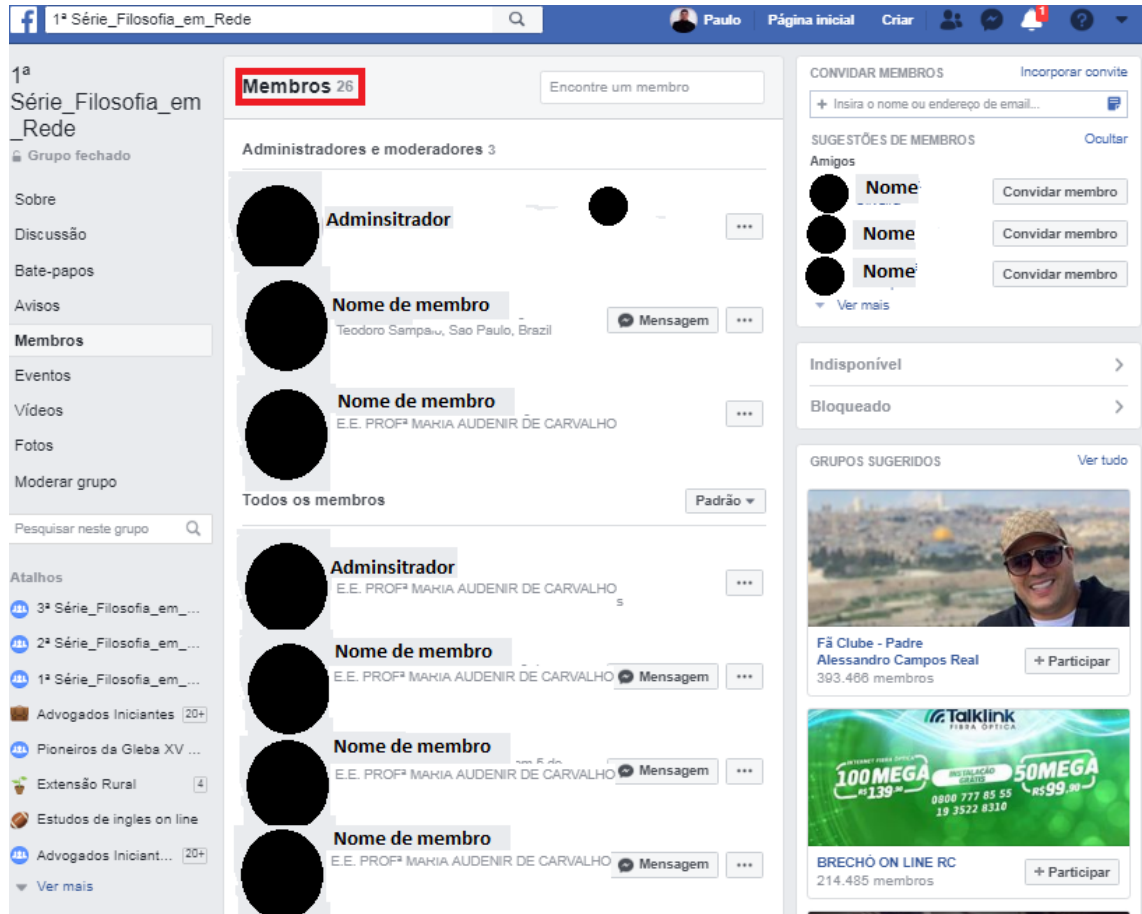
Link: https://www.youtube.com/watch?v=jwf0wsHU_EY&t=2167s



 9 20 comentários Visualizado por 22

A ferramenta membros dos grupos apresenta um uma lista nominal de todos os membros dos grupos de acordo com suas funções (administrador, moderado e membros). Além disso é essa ferramenta apresenta outras funções como enviar mensagem, mudar de função, remover

função, moderar grupo, vincular grupo existente criar novo grupo, sair do grupo ou adicionar membros. O grupo abaixo é formado por alunos da primeira série do ensino médio e é composto por 26 membro, sendo u administrador e três moderadores. Vejamos:



O *facebook* é uma plataforma digital que quando utilizada como ferramentas de auxílio à aprendizagem pode ser utilizada como um mini ambiente virtual de aprendizagem na qual é possível *link* para um *PDF* que está em outra rede social ou se preferir o usuário pode enviar diretamente um *PDF* diretamente de seu perfil e compartilhar com seus contatos. A seguir, os membros do grupo podem baixar o arquivo e ler em seu computador, tablete ou celular, conforme podemos verificar abaixo:

Nome	Tipo	Última modificação
O mito de sisifo. Ensaios sobre o absurdo...	PDF	6 de agosto de 2018 às 13:34
John-Locke-Carta-Acerca-da-Tolerancia.pdf	PDF	21 de maio de 2018 às 00:04
Bukkio Dendo Kiokay.pdf ncia de Deus...	PDF	26 de março de 2018 às 22:16
Martin Heidegger - Ser e Tempo (Parte I).p...	PDF	28 de fevereiro de 2018 às 01:16

Por fim, com o advento da *internet*, das redes sociais e das ferramentas de comunicação virtual, a interação social ganha uma nova dimensão, a online. A utilização desses recursos empregados na educação atual se faz necessário, principalmente quando se trata da educação no ensino médio. O uso da plataforma *Facebook* provoca uma sinergia capaz de unir em torno do processo de ensino-aprendizagem da filosofia um movimento filosófico que surge na sala de aula e que se espalha através dos perfis do *facebook* a partir da reflexão de temas relevantes do cotidiano do jovem nas aulas de filosofia e da divulgação de pensamentos de filósofos tradicionais. O das ferramentas de comunicação das redes sociais nas aulas de filosofia é um trabalho dialético que se desenvolve progressivamente. Seu valor educacional dependerá do que colocarmos e do que fizermos com as informações que retiramos dela. A melhor maneira de assegurar que a utilização das redes sociais será significativa na própria sala de aula é unir-se a outros aprendizes, facilitando o crescimento, a mudança, a capacitação, a independência, a construção de conhecimento, a colaboração e a comunicação. Assim, *internet* o professor dominando o conhecimento disponível, ele pode beneficiar seus alunos, afinal, para ter alunos na era da informação, dentro e fora da sala de aula, são necessários professores que possam

ensiná-los por meio das tecnologias disponíveis e que possa ajudá-lo a transformar informação em conhecimento.

CAPÍTULO III

3 - A UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS DAS REDES SOCIAIS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Esse trabalho de pesquisa possui duas partes. A primeira parte trata de questões relativas aos conceitos e pressupostos teóricos, desde a concepção acerca de filosofia e seu ensino, o método de comunidade de investigação filosófica, o diálogo e interação da perspectiva do pensamento de Lipman, no primeiro capítulo; no segundo capítulo abordamos temas relacionados à rede social, rede social virtual, era da informação, internet, interação *online* e utilização das ferramentas das redes sociais nas aulas de filosofia. Na segunda parte desse trabalho apresentaremos algumas atividades realizadas nas aulas de filosofia utilizando as ferramentas de comunicação das redes sociais *Facebook* nas aulas de filosofia

Vale a pena ressaltar que o programa curricular da disciplina filosofia está estruturado em várias situações de aprendizagens. Cada uma delas está estruturado da seguinte forma: introdução, sensibilização, problematização, desenvolvimento do tema a partir de leitura de fragmento de textos filosóficos e avaliação. Os recursos didáticos utilizados em sala de aula, apostila do aluno e os livros didáticos são suporte que permitem ao aluno ter contato com a literatura filosófica e possibilita refletir filosoficamente sobre o tema propostos. Toda sequência didática proposta visa aprimorar e desenvolver as competências e habilidades dos alunos.

A cada início de ano letivo é elaborado o plano de ensino da disciplina filosofia (ANEXO B). Esse plano corresponde ao planejamento de trabalho a ser desenvolvido durante o ano letivo definindo em termos genérico seus objetivos, conteúdos, avaliações e bibliografia. A implementação desse plano de ensino no cotidiano da sala de aula de filosofia exige planejamento mais detalhado e específico em diferentes etapas. A formulação de situações de aprendizagem ou unidades do plano atende a essa necessidade ao articular o conteúdo e atividades que compõem cada elemento do plano de ensino da disciplina filosofia. Nesse sentido, cada situação de aprendizagem corresponde a uma unidade didática.

Denomina-se unidade didática porque é constituída por um conjunto de conteúdos e atividades que tem em si mesmo e se desenvolvem num tempo determinado, e didático porque orienta o processo de ensino-aprendizagem (GUTIERREZ, 2014). Assim, uma situação de aprendizagem, por se constituir uma unidade didática, pode ser caracterizada como um conjunto de atividades estruturadas, visando alcançar os objetivos do plano de ensino a determinado conteúdo. Portanto, é uma sequência didática curta – duração de 4 a 6 aulas com o objetivo

específico no interior de uma situação de aprendizagem integrada por uma série de atividades. Assim, pode-se afirmar que ela constitui é o nível mais elementar da ação pedagógica, na qual todos os elementos do processo ensino-aprendizagem são organizados em sequência didáticas visando o aprimoramento das competências e habilidades dos alunos.

Assim, cada tema do programa de ensino de filosofia serve de base para elaborar as sequências didáticas que constituem cada situações de aprendizagem. A partir dela é possível desenvolver o ensino e a aprendizagem filosófica, uma vez que ela tem como objetivo organizar e promover o estudo filosófico a partir da proposta curricular.

Os temas selecionados nesse trabalho não tiveram apenas a preocupação de subordinação estrita e sistemática ao plano de ensino, pelo contrário, foram selecionados levando em conta seu potencial interesse e significação na formação do adolescente que se inicia na filosofia. No interior de cada unidade didática os conteúdos são introduzidos e problematizados com base numa interlocução inicial com as experiências e representações dos alunos, de modo que mobilizem sua pré-compreensão sobre os assuntos abordados. O aprofundamento da análise e o desenvolvimento mais articulado do tema processam-se com base em textos filosóficos, inseridos num contexto de explicação e comentários sobre o seu autor e problemática que abordam acompanhados de exercícios ao longo das situações de aprendizagem, com a intenção de adicionar estratégica interativa da concepção de Lipman, ou seja, o debate e a pesquisa a partir da comunidade de investigação filosofia e as atividades utilizando as ferramentas de comunicação das redes sociais *Facebook*. Além disso, é realizado um trabalho com glossários filosóficos e demais termos desconhecidos que surgem em decorrência da leitura dos textos filosófico são longo da situação de aprendizagem sendo considerada uma atividade básica necessária ao ensino de filosofia no ensino médio.

3.1 - Situação de Aprendizagem 01: Formação da comunidade de investigação filosófica virtual

Nessa seção, temos como objetivo apresentar o processo de formação de uma ‘comunidade de investigação filosófica’ virtual utilizando a ferramenta ‘grupo’ da plataforma *Facebook*. Inicialmente apresentamos aos alunos o presente projeto de mestrado, destacando sobretudo o conceito de comunidade de investigação como estratégia de ensino-aprendizagem nas aulas de filosofia a partir da concepção de Lipman e da utilização das ferramentas de comunicação da rede social *Facebook* como apoio as aulas presenciais de filosofia no ensino médio.

A criação desse grupo objetiva ser uma plataforma de interação virtual entre os alunos, cujo objetivo é apoiar as aulas presenciais de filosofia, permitindo a postagem de conteúdos filosóficos ou de relevância filosófica para que eles possam acessar e se prepararem melhor para as aulas. Além disso, através das diversas ferramentas de interação do *Facebook*, é possível a participação *online*, curtindo, comentando, compartilhando, enfim, interagindo com as atividades de apoio propostas. Assim, as ferramentas disponíveis no grupo virtual de aprendizagem permitem a interação dos alunos em torno do estudo filosófico ‘extra sala’, uma espécie de lição de casa online, por essa razão, que chamamos esse grupo de ‘comunidade de investigação filosófica virtual’.

Após apresentar os projetos, destacando a utilização das ferramentas de interação dos alunos na plataforma digital do *Facebook*, os alunos foram convidados para participar do grupo de sua respectiva série. Na sequência, foi enviado para os alunos convites para participarem da comunidade. As aceitações do convite tornaram todos os alunos membros da comunidade de investigação filosófica de sua série.

Inicialmente, o professor deu boas-vindas aos membros do grupo, desejou aos alunos que essa experiência fosse significativa e proveitosa para todos. Na sequência foi apresentado a missão da semana: o roteiro de apresentação dos alunos e a seguinte pergunta: ‘qual a importância da filosofia para a formação do jovem na atualidade? Justifique. Por fim, desejou a todos uma boa semana de estudo.

O objetivo dessa atividade foi criar a comunidade, apresentá-la aos alunos e convidá-los para fazer parte, atuando de forma ativa, contribuindo para que ela pudesse ser um instrumento de apoio as aulas de filosofia. Conforme podemos verificar, o objetivo estabelecido para essa situação de aprendizagem foi alcançado. Todos os alunos participaram ativamente das atividades, conforme podemos constatar nas ferramentas, 11 alunos curtiram, houve 34 comentários e 35 visualizaram.



Legenda: folha de rosto do grupo da 3ª Série do ensino médio.

Membros dos grupos da 3ª Série do ensino médio.

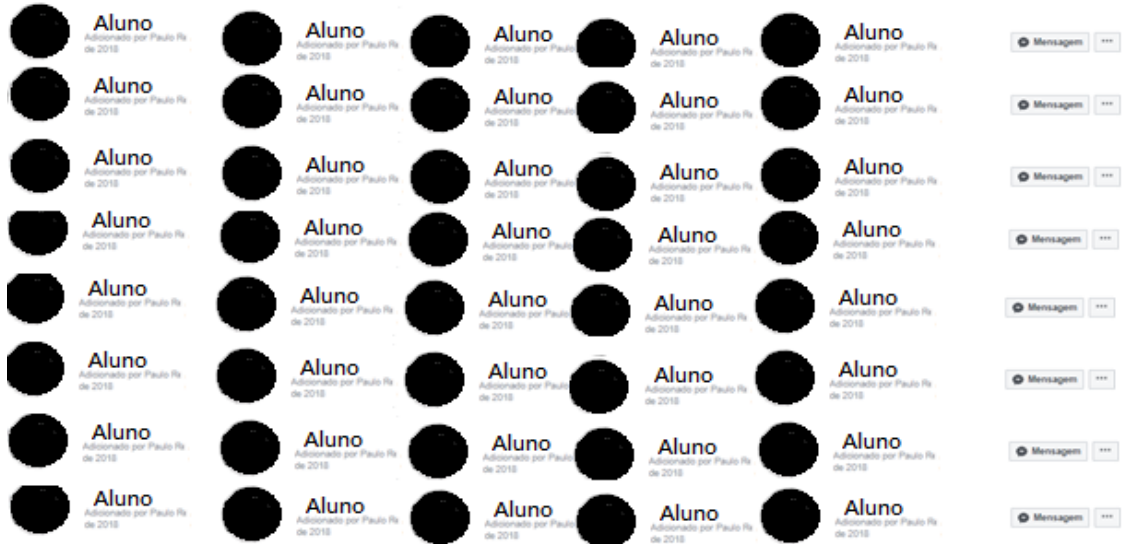


Foto: atividade de Apresentação do Grupo e dos membros.

The image shows a Facebook post from a group named "3ª Série_Filosofia_em_Redde". The post is by Paulo Reis, dated March 4th. The text of the post is as follows:

Olá alunos da EE Porto Primavera e da EE Santa Clara. Esse é o nosso primeiro contato virtual. Em primeiro lugar, desejo boas vindas a todos. Esperamos que essa iniciativa seja uma experiência significativa para todos e que a interação seja proveitosa para todos. Nossa missão nessa semana é: 1) Se apresente: diga seu nome e expectativa para o ano de 2018; 2) comente sobre sua escola, comunidades e sonhos; 3) Responda a pergunta: qual a importância da filosofia para a formação do jovem na atualidade? Justifique. Bom estudo a todos!!!

Below the text, it shows 11 likes, 34 comments, and that it was viewed by 35 people. There are buttons for "Curtir" (Like) and "Comentar" (Comment).

Interação dos alunos a partir da atividade acima proposta

Ver mais 9 comentários

Aluno (a) Oi, estudo na Santa Clara, minha expectativa é concluir o ensino médio e estudar bastante para conseguir uma bolsa de estudos, para fazer Medicina Veterinária 🥰🥰❤️...A escola onde estudo é Boa, tem ótimos professores. A importância da filosofia é que ela ajuda a desenvolver habilidades críticas, e a compreender conceitos fundamentais para a nossa formação de vida.

Curtir · Responder · 24 sem · Editado 👍👍 2


➔ **Aluno (a)** respondeu · 2 Respostas

Aluno (a) Sou aluno da EE Santa Clara. Zona rural, no município de Mirante do Paranapanema. Minha expectativa é viver, terminar o ensino médio e trabalhar. Minha escola é legal. a importância da filosofia é deixar a ignorância e passar a pensar por conta própria.


Amel Responder · 25 sem · Editado 👍👍 3

Aluno (a) Top em

Nome do (a) aluno (a) Sou aluna da escola Porto Primavera da cidade de Primavera. Minha Expectativa nesse ano é concluir o ensino médio entrar na faculdade de medicina. A filosofia tem uma grande importância pois ela ensina o amor pela sabedoria.




Curtir · Responder · 25 sem · Editado  1

Aluno (a) Sou aluno da E.E.Porto Primavera. Minhas expectativas são aprender, ensinar e viver a musica, usar como meio de trabalho e lazer. A Filosofia é importante pois ela está em tudo, nas artes, nas ciências e nas metafísicas. Além disso ela nos dá um olhar crítico sobre a vida e o que nos rodeia

Curtir · Responder · 25 sem · Editado  1

Aluno (a) Olá sou aluno da escola E.E Porto Primavera(Nome do (a) aluno (a)). Queria aprender muito sobre a filosofia, sou um aluno muito dedicado aos estudos e também muito dedicado a tudo. Amo de Paixão a filosofia e os

Aluno (a) ola sou aluna da santa clara minha expectativa pra esse ano e concluir meu livro que pretendo publicar no wattpad. A filosofia é importante pois desperta o olhar critico do aluno.

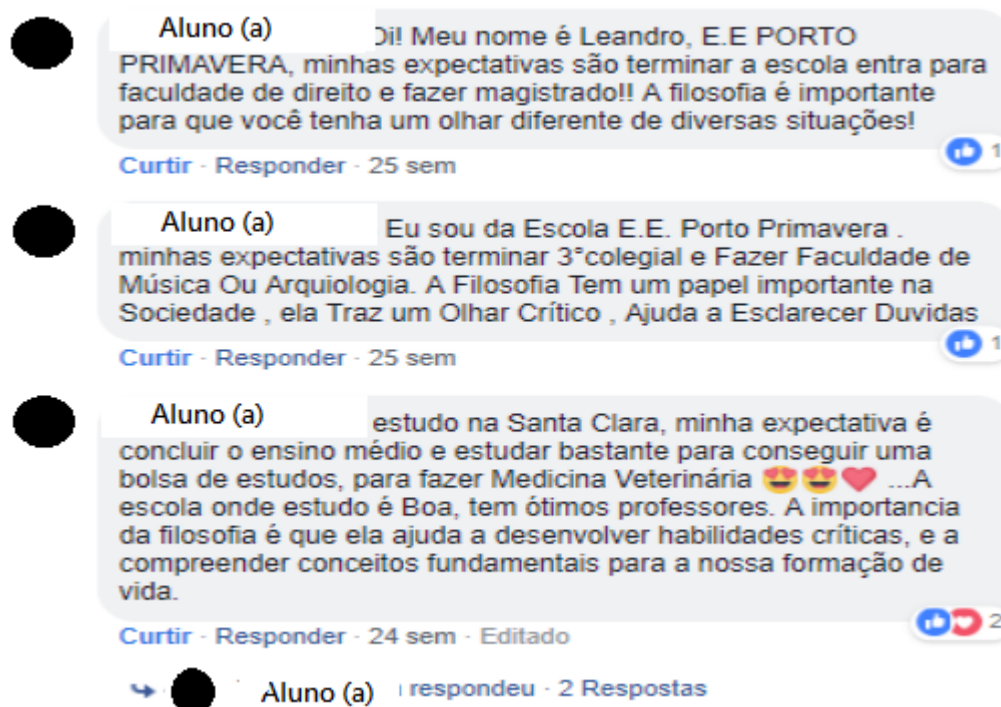
Amei · Responder · 25 sem · Editado    4

Aluno(a) legal eim 😄 1

Curtir · Responder · 25 sem · Editado

Aluno(a) Bem Loko 😄 1

Curtir · Responder · 25 sem



3.2 - Situação de Aprendizagem 02: Preconceito e a filosofia

Nessa situação de aprendizagem vamos utilizar as redes sociais como ferramenta de apoio as atividades de filosofia. No primeiro momento vamos realizar as atividades de acordo com o currículo e na sequencia iremos, como atividade complementar utilizar as redes sociais.

Abordaremos sobre os seguintes tópicos: 1) tema; 2) objetivos; 3) competências e habilidades; 4) O principal referencial teórico; 5) Momentos da situação de aprendizagem: a) sensibilização, b) contextualização, leitura e escrita; avaliação e recuperação.

O objetivo desta situação de aprendizagem pretende fazer que os alunos refletissem criticamente e sobre o tema: “Preconceito e filosofia” apresentado nesta situação de aprendizagem, a partir de uma perspectiva individual e coletiva, isto é, a partir da comunidade de investigação filosófica. Além da reflexão, buscaremos criar condições para que os alunos possam se expressarem oralmente e por escrito a respeito do tema apresentado, a partir das leituras dos textos contidos no caderno do aluno, no livro didático e das atividades postadas na comunidade de investigação filosófica virtual no *Facebook*.

As competências e habilidades que devem ser desenvolvidas na atividade propostas são: relacionar informações, representadas de diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente; ler, compreender e interpretar textos teóricos e filosóficos presente no material; expressar por escrito e oralmente de forma

sistemática; elaborar hipóteses e questões com base nas leituras e nos debates realizados nessa situação de aprendizagem.

Para realizar os objetivos colimados, adotamos a seguinte estratégia: levantamento de opiniões contidas no senso comum sobre filosofia e os filósofos por meio de dinâmicas de grupos; pesquisa de campo e debates; leitura sistemática e problematizada de textos; elaboração escrita do próprio pensamento; pesquisa bibliográfica e na internet.

Adotaremos os seguintes recursos didáticos nessa situação de aprendizagem: figuras de filósofos e filósofas; internet; livro didático, bibliografia complementar. Avaliação: domínio de conteúdo (conceitos, ideias, raciocínio, etc.) estudado; capacidade de expressão clara, fluente, coerente, bem articulada e consistente (bem fundamentada, buscando superar o senso comum); envolvimento nas atividades propostas. Como instrumento de avaliação: redação individual, provas dissertativas e reflexivas e os trabalhos realizados com as ferramentas de comunicação das redes sociais *Facebook* na comunidade de investigação filosófica virtual.

Esta situação de aprendizagem tem por objetivo retomar e aprofundar a discussão, iniciada na 1ª Série do Ensino Médio, sobre o conceito de filosofia, enfatizando, nesse momento, a necessidade de combater e superar as diversas formas de preconceito em relação a ela. O exemplo dos que se expressam em ideias como:

A filosofia é uma atividade intelectual muito difícil e, por isso, restrita a poucas pessoas de inteligência privilegiada; a Filosofia é coisa de gente esquisita diferente meio excêntrico, desligado da vida concreta; a filosofia, por não ter uma aplicação prática imediata (ganhar dinheiro, por exemplo), é absolutamente inútil. (SÃO PAULO, 2014)

Trata-se, portanto, de demonstrar que, ao contrário do que dizem essas imagens preconcebidas e distorcidas da filosofia, ela é uma atividade intelectual da maior importância, especialmente para o exercício crítico e consciente da cidadania, e acessível a todas as pessoas sem distinção.

O principal referencial teórico para essa situação de aprendizagem é o *Caderno do Cárcere*, de Antônio Gramsci, embora nesse primeiro momento ainda não apareça citações explícitas desse autor. Para o encaminhamento do trabalho com alunos serão empregados também trechos dos textos *Apologia de Sócrates*, de Platão, e alguns excertos da obra *A Política* de Aristóteles. Começamos com um rápido levantamento das ideias que as pessoas têm da filosofia, a fim de explicitar a existência de preconceito já mencionado, possivelmente entre os alunos, apesar de terem estudado filosofia nas séries anteriores. Em seguida, passamos ao exame da situação específica de dois filósofos antigos, Tales de Mileto e Sócrates, com o

objetivo de mostrar que esse preconceito, na realidade não é recente, não é exclusivo dos tempos modernos, mas ao contrário, remonta às origens da filosofia. Por fim, retomaremos o caso de Sócrates, retratando particularmente o contexto de seu julgamento e condenação à morte para refletir sobre o caráter político que esse tipo de preconceito pode adquirir.

Inicialmente convidamos os alunos a participar de uma atividade de natureza lúdica. Com o auxílio do caderno dos alunos, apresente-lhes figuras de filósofos e filósofas, sem revelar a identidade deles. A seguir, foi solicitado aos alunos que descobrissem a profissão dessas pessoas, anotando as opções no caderno do aluno e respondendo às questões nele apresentadas. Na sequência, foram elaboradas as seguintes perguntas aos alunos:

- 1) Observe as imagens e atribua, no quadro, uma profissão a cada uma das pessoas representadas, apresentando pelo menos uma hipótese para justificar a profissão atribuída.
- 2) Quais critérios você utilizou para atribuir a profissão a cada uma das pessoas?
- 3) Na sua opinião, quem entre essas pessoas mais se assemelha a um filósofo ou filósofa? Por quê?
- 4) houve preconceito em suas respostas?

O objetivo desse questionamento é chamar a atenção para a possibilidade de que os próprios alunos, muitas vezes, expressam uma visão preconceituosa e estereotipada da filosofia e dos filósofos. Após a discussão, os alunos se dividiram em grupos para ler o texto “Ideias que as pessoas têm da filosofia”, que consta no Caderno do Aluno, na seção Leitura e análise do texto, e respondam às questões que o seguem. Ao terminar, retome o debate em grupo, a fim de que possam avaliar a experiência que tiveram ao refletir sobre a própria percepção de Filosofia. Nessa estratégia, o questionamento a partir da questão “Por que estudar filosofia?”, eles podem responder oralmente, baseados nas experiências e nos conhecimentos sobre o tema. Tudo que foi anotado no quadro, pois cada palavra registrada foi objeto de reflexão e debate, a partir das quais foi desenvolvido a aprendizagem do conteúdo e o desenvolvimento das habilidades desenvolvidas nessa situação de aprendizagem.

Para aprofundar o tema, foi criada uma comunidade no *Facebook*, onde utilizamos as ferramentas de comunicação da rede social *Facebook* como uma plataforma de aprendizagem virtual de apoio às atividades em sala de aula. No primeiro momento, apresentamos aos alunos a ideia do grupo, a seguir, como atividade dessa Situação de Aprendizagem postou, como atividade complementar, uma tirinha com o tema o que é “filosofia?” a partir do vídeo-aula no *youtube* do professor Mario Cortella. A seguir, os alunos deveriam assistir o vídeo e tecer

comentários, fazer indagações, enfim, interagir e dialogar em torno do tema e das questões apresentadas na Situação de Aprendizagem.

Em um segundo momento da sensibilização, foi passado uma entrevista para que eles pudessem entrevistar outros professores (as), e ou familiares e amigos sobre o que eles sabem sobre filosofia. Essa iniciativa permite os alunos entender o contexto em que a filosofia está inserida na nossa sociedade. A partir do resultado das entrevistas, pode-se elaborar uma reflexão a partir da socialização dos resultados e analisa-la a partir dos diversos os conceitos apresentados por eles.

No terceiro momento da sensibilização pode ser realizado a partir das considerações apresentadas por Gramsci a partir do qual todos os homens são filósofos e do filosofar é entendido como ato de reflexão. Nessa fase das atividades os alunos foram convidados para refletir e conversar em grupos sobre frases escolhidas pelo professor para subsidiar a atividade. Escolhemos as seguintes frases: Como conhecemos? Para responder essa questão, que não tem uma única resposta possível, utilizamos para pesquisa o de dicionário de filosofia, na qual os alunos pesquisaram os verbetes “intelecto”, “faculdades”, “experiências”, “conhecimentos”, por exemplo. Essas atividades visava ser um dos elementos a impulsionar e fomentar a compreensão dos processos de reflexão e assim se posicionar em relação ao tema. Uma das definições que os alunos deveriam ter em mente, além de tantas outras, é que a filosofia é uma postura diante do mundo em relação ao ato de conhecer. Ainda sobre o processo de sensibilização acerca do processo de reflexão sobre a motivação de se estudar filosofia, o professor deve provocar o aluno para que ele se manifeste sobre a atividade propostas, ou seja, o estudante deve ser provocado para gerar perguntas, sem respostas prontas e acabadas. Perguntas como: o que é? Como é? Por que é? Para quê? Revelam interesse pela origem, forma, conteúdo e finalidade das coisas, das pessoas, dos sentimentos, do conhecimento e das relações. Esse movimento reflexivo pressupõe análise e a crítica, uma vez que ambas fazem parte da reflexão filosófica.

Outras atividades importantes no processo de sensibilização é a contextualização, na qual o professor deve orientar os alunos para leitura e exercício de textos filosófico no caderno do aluno e complementar seus estudos pesquisando no livro didáticos e sites de pesquisas. Além disso, os alunos ficaram de efetuar, como lição de casa, a atividade postada na “comunidade de investigação filosófica virtual” criada no *facebook*, onde há um roteiro para ser realizado. Nela o tema: “o que é Filosofia” é retomado a partir do vídeo aula do filósofo brasileiro Cortella, como veremos abaixo.

 **Paulo Reis**
11 de março de 2018

Atividade 1 - O QUE É FILOSOFIA ?
Caros alunos, nessa semana, vamos refletir sobre a pergunta: O QUE É FILOSOFIA? Primeiramente, vamos assistir ATENTAMENTE o vídeo abaixo de Mário Sergio Cortella; a seguir, observe o charche; e, por fim, responda nos comentários: O que é filosofia? Qual sua finalidade? Quando a Filosofia é boa? Mãos à obra!



O que é filosofia?



8 comentários Visualizado por 26

Algumas respostas às perguntas apresentadas no vídeo. Vejamos.

- Nome do aluno** Filosofia é a ciência dos porquês, e sua finalidade é fazer com que nós nos questionemos e ela é boa quando humaniza, sem alienações.
Curtir · Responder · 1 a · Editado  1
- Nome do aluno** A Filosofia te leva naturalmente ao questionamento, fazendo assim voce indagar praticamente tudo aprimorando seu conhecimento e te fazendo entender muitas coisas.
Curtir · Responder · 1 a  1
- Nome do aluno** filosofia e a ciência dos porquês
Curtir · Responder · 1 a · Editado  1
- Nome do aluno** A filosofia é uma matéria que faz pensar o porque das coisas
Curtir · Responder · 1 a · Editado  2
- Nome do aluno** A Filosofia é Amor e sabedoria, ela nos leva a questionamentos sobre assuntos diversos, aprimorando assim, nossos conhecimentos. Consiste no problema de estudos fundamentais, relacionados à existência, a verdade, valores morais e estéticos, à mente e à linguagem.
Curtir · Responder · 1 a  1
- Nome do aluno** A Filosofia é Amor e sabedoria, ela nos leva a questionamentos sobre assuntos diversos, aprimorando assim, nossos conhecimentos. Consiste no problema de estudos fundamentais, relacionados à existência, a verdade, valores morais e estéticos, à mente e à linguagem.
Curtir · Responder · 1 a  1
- Nome do aluno** A filosofia e um grande ponto de interrogação porque te faz pensar o porque das coisas, além disso ela traz a possibilidade de questionamento.
Curtir · Responder · 1 a  3
- Nome do aluno** A filosofia é a criação de todas as matérias, e o amor a sabedoria. Sua finalidade é refletir sobre a sociedade em todo.
Curtir · Responder · 1 a  2
- Nome do aluno** É estar sempre perguntando por que?, Com a finalidade de sempre buscarmos uma solução, e é nesse momento que ela é boa
Curtir · Responder · 1 a  2
- Nome do aluno e Araujo** Bom pra mim a filosofia é ter o conhecimento, e a ciência dos porquês onde são colocados os pontos de interrogação
Curtir · Responder · 1 a  1
- Nome do aluno** Segundo Mário Sergio Cortella, Filosofia é um tempo de conhecimento que estuda a existência humana e os porques de uma sociedade.
Curtir · Responder · 1 a  1
- Nome do aluno** Filosofia pra mim é o estudo das questões gerais e fundamentais relacionadas com a natureza da existência humana.
Curtir · Responder · 1 a

A partir das respostas à pergunta o que é filosofia elaborada pelos alunos após assistir o vídeo com o tema *O que é filosofia?* do professor Mário Cortela disponível na comunidade de

investigação filosófica online, vemos claramente que a ideia de utilizar as ferramentas de comunicação do *Facebook* na educação é possível e viável. Assim, podemos verificar que o movimento reflexivo realizado pelos alunos após analisar o vídeo e resumidamente dar sua contribuição nos comentários, que a reflexão proporcionada pelo apoio subsidiado pelas ferramentas de comunicação das redes sociais *Facebook* pode qualificar o debate, tanto em sala de aula como na “comunidade de investigação filosófica virtual.

A partir das questões apresentada no vídeo, em sala de aulas foi encaminhado inúmeras outras com o objetivo de buscar caminhos para introduzir a perspectiva mais rigorosa a partir de contribuições de filósofos clássicos, como Platão, Aristóteles, Descartes e outros filósofos que historicamente sobre o tema: ‘*O que é filosofia?*’. O contexto histórico é fundamental, nesse momento, para vincular o pensamento filosófico ao contexto histórico, além de articular a produção filosófica à produção intelectual de outras áreas do conhecimento.

Além das atividades apresentadas nessa etapa da sequência didática o professor selecionou textos diversos para fomentar a reflexão filosófica a partir do tema “Preconceito e filosofia” e sobre a importância de estudar filosofia no ensino médio. O objetivo da leitura é ajudar o aluno a identificar como se dá o processo do filosofar, compreendendo as etapas da reflexão filosófica para desenvolver o pensamento autônomo e questionador, assim como reconhecer a importância dos diversos tipos de materiais utilizados nas aulas de filosofia e que são importantes elaborar e expressar o pensamento racional. Por meio das leituras, o aluno deve ser educado a expressar por escrito e oralmente os principais conceitos relativos à leitura realizada, desenvolvendo as atividades com a intenção de desenvolver o entendimento de informações em diversas modalidades de textos, reconhecendo o contexto histórico e compreendendo a evolução histórica das ideias.

Ademais, mister consignar que ler textos filosóficos não é uma tarefa fácil, especialmente para os alunos adolescentes no ensino médio. Nesse sentido, a leitura pelo professor precisa ser estimulante e didática para o estudante ouvir a leitura. Uma leitura pausada, bem articulada e compartilhada por ser o início para o estudante iniciar e desenvolver a habilidade de leitura. Nesse caso, deve estar atento as ideias principais do texto, as palavras de uso não corrente, apresentar o autor do texto, ilustrar com fotos, comentar rapidamente sobre a biografia do autor, curiosidades da época. Enfim, o professor de filosofia deve utilizar todos os recursos para tornar a aula atrativa, tornando as leituras estimulantes, respondendo as perguntas, provocando conversas, debates e a releitura do texto ou de outros textos sobre o mesmo tema abordado na aula. Por fim, é relevante elaborar um glossário filosófico a partir de

cada leitura, essa atividade permite o aluno se repertoriar para fazer leituras filosóficas de maneiras autônomas e críticas.

Para avaliar essa situação de aprendizagem, foi proposto uma avaliação para que os alunos avaliassem as atividades realizadas durante a realização das atividades propostas, desde a foto de capa da comunidade de investigação filosófica onde está exposta a cena central do afresco Escola de Atenas, em que Aristóteles com um gesto sinaliza para baixo e Platão para cima, Essa imagem, sobretudo, o gesto precisa ser contextualizada, os alunos devem entender as diferentes perspectivas apresentadas a partir dos gestos. O tema da vídeo-aula aborda o tema da situação de aprendizagem e deve ser a principal pergunta da avaliação. Além disso, os alunos devem entender que a filosofia acontece no diálogo e na interação na busca de entender os problemas principais da humanidade. Os alunos que não entenderam a proposta e não se saíram bem no processo avaliatório devem fazer paralelamente a recuperação do conteúdo ministrado durante o semestre.

3.3 – Situação de aprendizagem 03: Filosofia e Religião

Nessa situação de aprendizagem vamos utilizar as redes sociais como ferramenta de apoio as atividades de filosofia. No primeiro momento vamos realizar as atividades de acordo com o currículo e na sequencia iremos, como atividade complementar utilizar as redes sociais.

Nesta situação de aprendizagem, aprofunda-se a compreensão sobre as características do discurso filosófico, com destaque para a relação entre filosofia e mitologia, ou ainda filosofia e religião. Com a ajuda de historiadores da filosofia, contextualiza-se a origem da filosofia como processo em diálogo e não em ruptura com a mitologia. A partir da reflexão sobre a experiência dos alunos com os dois discursos, amplia-se a possibilidade de desafiá-los a pensar aproximações e distanciamentos entre filosofia e narrativa mitológica.

Conteúdos e temas abordados em sala: relação entre filosofia, mitologia e religião. As competências e habilidades desenvolvidas foram: relacionar informações, representadas de diferentes formas, e conhecimento disponíveis em diferentes situações para construir argumentação consistente; identificar marcas do discurso filosófico e do discurso mitológico; ler compreender e interpretar textos teóricos e filosóficos; expressar-se por escrito e oralmente de forma sistemática; elaborar hipóteses e questões a partir das leituras e dos debates realizados. Estratégias: levantamento de hipótese sobre aproximações e diferenças entre filosofia e religião; leitura sistemática e problematizadora de textos e elaboração escrita do próprio pensamento, pesquisa bibliográfica e na internet. Recursos: aula expositiva, atividade de leitura e reflexão

sites. Avaliação: envolvimento do aluno, produção escrita coletiva e individual, participação nas atividades realizadas a partir das ferramentas de comunicação da rede social *Facebook*.

Para iniciar as reflexões desta situação de aprendizagem, o professor propôs uma sondagem a partir dos acontecimentos destacados no noticiário jornalístico brasileiro em 2006. Organizados em grupos, os alunos devem criar hipóteses sobre possíveis comentários e um filósofo e de um religioso a respeito dos acontecimentos apresentados.


No caderno do aluno, há quadro reservado para o registro²⁹ dos comentários hipotéticos dos grupos, apesar de cada aluno escrever seu comentário individualmente para que todos possam ter os registros em seus cadernos.

O objetivo dessa sondagem é verificar as representações elaboradas pelos alunos a respeito dos possíveis padrões discursivos a partir das características do discurso filosófico e das características do discurso religioso. O diálogo sobre as diferenças entre os dois discursos servirá como introdução para o aprofundamento da natureza entre filosofia.

Análise dos seguintes textos: a) Filosofia e religião (caderno do aluno), trecho da introdução de *Crítica da Razão Pura* de Kant (1981), transcrição do texto *Éros e Psique*. Os trechos se encontram no ANEXO B do presente trabalho.

Para complementar essa situação de *aprendizagem*, utilizamos a plataforma do *Facebook* o link do filme *Deus não este morto 2*. Além de assisti, o aluno deveria realizar uma atividade reflexiva sobre o filme e publicada no grupo, isto é, na comunidade de investigação filosófica virtual. Segue o link do filme e *print* das atividades realizadas. Vejamos:

ATIVIDADE COM FILME



Paulo Reis
14 de maio

...

#ATIVIDADE_FILME
#Debate_Filosofico













Após assistir o filme **DEUS NÃO ESTA MORTO 2**, disserte sobre as principais teses apresentadas; a seguir, apresente uma proposta sobre como lidar com a intolerância religiosa nos dias atuais. Depois, comente as intervenções de seus colegas.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=dxuO9pgUWpQ>

²⁹Situação de aprendizagem em anexo.




- Nome** O filme conta a história de uma professora cristã, a Grace, que foi processada após responder uma pergunta de uma aluna e ter citado Jesus Cristo no meio. O processo vem dos pais da aluna junto com a diretora da escola, a intenção deles era ganhar o processo e tornar dele um exemplo para a sociedade, mais não foi possível, pois o tribunal decidiu que Grace devia ganhar esse processo.
- Curtir · Responder · 15 sem 1
- Nome** O filme "Deus não esta morto" se passa nos Estados Unidos da América em uma cidadezinha, na qual há uma professora que leciona em um escola. Em uma certa altura do filme, a professora que é declaradamente cristã, é indagada por um aluno para responder... Ver mais
- Curtir · Responder · 15 sem 1
- Nome** O filme Deus não está morto relata a história de uma professora cristã que responde uma pergunta feita por uma aluna. Na resposta da pergunta ela acaba falando algo sobre Jesus Cristo, pro esse fato ela responde um processo. No final do filme ela ganha a causa.
- Curtir · Responder · 15 sem 1
- Nome** o filme relata sobre uma menina que perdeu o irmão, e os pais finge que nada aconteceu, a menina vai para escola e pergunta para professora o que fazia ela tão bem e feliz , ela respondeu "Jesus Cristo" na sala de aula é isso acabou se espalhando, os pais da menina processou sobre isso . No final a professora ganha o processos e prova que deus não está morto.
- Curtir · Responder · 15 sem

- Nome** O filme conta a historia da Grace, uma professora cristã que ao responder uma pergunta feita por uma aluna acaba citando Jesus Cristo. Então ela acaba sofrendo um processo feito pelos pais da aluna. Na minha opinião o filme foi bom e a historia bem elaborada.
- Curtir · Responder · 15 sem · Editado  4
- Wellington Hiromitsu Era**
-   
- Curtir · Responder · 15 sem
-  Escreva uma resposta...    
- Nome** O filme mostra um conflito sobre a existência de Jesus Cristo. Após uma professora citar Jesus para responder uma pergunta de aluna ela é processada por pregar durante a aula, e para se defender seu advogado tenta mostrar que Jesus é uma figura histórica e não poderia responder a pergunta sem citar Jesus.
- Curtir · Responder · 15 sem · Editado  3
- Nome** O filme contra que Grace é uma professora cristã e que ao responder uma pergunta feita por duas alunas acaba falando sobre Jesus Cristo na sala de aula. E por causa disso lhe rende um processo administrativo impulsionado pela diretora Kinney, que não quer que assuntos religiosos sejam tratados dentro da sala de aula.
- Curtir · Responder · 15 sem  3
- Matheus Santana** No início do filme a professora Grace estava dando sua aula de história, até que uma aluna pergunta sobre Jesus Cristo e ela, e partir daí surge a acusação de que ela estava
- Curtir · Responder · 15 sem  3
- Sarah Lênia** Muito bom, pois falou o necessário do que aconteceu no filme, gostei muito de assistir
- Nome** O filme relata sobre uma menina que perdeu o irmão, e os pais fingem que nada aconteceu, a menina vai para escola e pergunta para a professora o que fazia ela tão bem e feliz, ela respondeu "Jesus Cristo" na sala de aula é isso acabou se espalhando, os pais da menina processaram sobre isso. No final a professora ganha o processo e prova que Deus não está morto.
- Curtir · Responder · 15 sem

Nome O filme conta a historia da Grace, uma professora cristã que ao responder uma pergunta feita por uma aluna acaba citando Jesus Cristo. Então ela acaba sofrendo um processo feito pelos pais da aluna. Na minha opinião o filme foi bom e a historia bem elaborada.

Curtir · Responder · 15 sem · Editado 4

Wellington Hiromitsu Era



Curtir · Responder · 15 sem

Escreva uma resposta...

Nome O filme mostra um conflito sobre a existência de Jesus Cristo. Após uma professora citar Jesus para responder uma pergunta de aluna ela é processada por pregar durante a aula, e para se defender seu advogado tenta mostrar que Jesus é uma figura histórica e não poderia responder a pergunta sem citar Jesus.

Curtir · Responder · 15 sem · Editado 3

Nome O filme conta que Grace é uma professora cristã e que ao responder uma pergunta feita por duas alunas acaba falando sobre Jesus Cristo na sala de aula. E por causa disso lhe rende um processo administrativo impulsionado pela diretora Kinney, que não quer que assuntos religiosos sejam tratados dentro da sala de aula.

Curtir · Responder · 15 sem 3

Matheus Santana No início do filme a professora Grace estava dando sua aula de história, até que uma aluna pergunta sobre Jesus Cristo e ela, e partir daí surge a acusação de que ela estava

Curtir · Responder · 15 sem 3

Sarah Lênia Muito bom, pois falou o necessário do que aconteceu no filme, gostei muito de assistir

Nome O filme relata sobre uma menina que perdeu o irmão, e os pais fingem que nada aconteceu, a menina vai para escola e pergunta para a professora o que fazia ela tão bem e feliz, ela respondeu "Jesus Cristo" na sala de aula e isso acabou se espalhando, os pais da menina processaram sobre isso. No final a professora ganha o processo e prova que Deus não está morto.

Curtir · Responder · 15 sem

3.4 - Ensino Médio - 1ª Série: 'O homem como ser político'

Nessa situação de aprendizagem, refletiremos o ser humano como animal político. Iniciaremos uma reflexão questionando os alunos sobre o que eles entendem com a palavra política. Inicialmente propomos analisar o tema proposto a partir das referências filosóficas da filosofia de Platão e Aristóteles. Ambos cogitam a política como bom convívio social, política

e justiça e ainda política como marca da natureza humana a partir da leitura e análise de textos filosóficos.

Trabalharemos a partir do tema proposto as seguintes competências e habilidades: relacionar informações, representadas de diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em diferentes situações para construir argumentações consistentes, ler, compreender, interpretar textos teóricos e filosóficos; expressar-se por escrito e oralmente de forma sistemática. Utilizaremos as seguintes estratégias: aula expositiva, levantamento de hipóteses, leituras, escrita, discussões em grupos, utilização da plataforma *Facebook* como apoio as aulas presenciais.

Para iniciar o trabalho, buscamos conversar com os alunos do ensino médio visando entender o que eles pensam sobre a palavra política. Para isso, buscaremos responder a pergunta: o que é Política? Mister consignar que essa palavra está presente no cotidiano. Muitos estudantes colaboraram com suas reflexões. Isso é relevante porque a reflexão filosófica proposta nesta situação de aprendizagem exige o reconhecimento e a valorização da opinião dos alunos para que o diálogo possa fluir positivamente. Esse diálogo entre o saber escolar e o saber cotidiano como objetivo de ampliar o universo cultural dos alunos e desenvolver a capacidade de leitura, escrita e reflexão. Para tanto, debatemos com os alunos três frases, cada uma foi debatida em um grupo.

Frase 1: O voto não deveria ser obrigatório, porque eu nem gosto de política; por que tenho de votar?

Frase 2: O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma política pública que pode ajudar na mudança dos sistemas de ingresso ao Ensino Superior.

Frase 3: A participação política favorece a escolha dos melhores candidatos aos cargos legislativos e executivos.

Após a leitura, os alunos discutiram em grupo os diferentes significados da palavra política em cada uma das frases e, na sequência, elaboraram um texto, utilizando a palavra política com a significação em suas experiências individuais. A atividade deve ser entregue para que o professor posteriormente analise a produção. O objetivo dessas atividades é que a conversa sobre os diferentes significados da palavra política favoreça a recuperação da memória sobre política nas experiências de vida dos alunos.

Após a explicação inicial, o professor apresentou no quadro negro, uma síntese com as palavras e expressões encontradas nos registros dos alunos, fundamentando a conversa sobre a origem dessas referências, o percurso histórico da palavra política e recuperação do significado mais originais da palavra. Como teria surgido a referência à política na história da filosofia?

Segundo a tradição filosófica grega, pode-se destacar, mais uma vez, a contribuição de Platão e Aristóteles para pensarmos a política em uma perspectiva original, distante das conotações assumidas em nossa sociedade e na sociedade brasileira atual em especial. Recuperar o sentido inicial da ideia de política pode ajudar a compreender a importância dessa palavra e de sua prática na história da humanidade. Elaboramos, uma breve introdução sobre a palavra política.

A origem etimológica da palavra política no grego antigo *politique* e *polítikos*, sugerindo a arte de governar a cidade e aquele que é da cidade. Em Platão e /ou Aristóteles, a palavra política está associada à vida na cidade. Um dos diálogos de Platão (428 a.C – 347 a.C), apresenta uma das teses mais antigas sobre a arte da política. Além de antiga, ela tornou-se um marco na história da filosofia.

No livro de Platão- Protágoras, Hipócrates pede que Sócrates o apresente à Protágoras na esperança de tornar-se seu discípulo, por quem tem grande admiração. Sócrates leva Hipócrates a uma reunião, na qual Protágoras se exhibe para uma pequena plateia de atenienses.

Essa situação de aprendizagem exige do aluno esforço individual, leitura silenciosa e atividade em grupos para que ele possa compreender as relações entre a sociedade, a política e a natureza humana. Todas as atividades propostas visam ajuda-los a responder a pergunta: Por que o homem é um ser político, segundo a argumentação de Aristóteles? A partir dessa pergunta, os alunos assistiram ao Filme Naufrago que está postado no grupo “comunidade de investigação filosófica virtual” e fazer um breve relato na ferramenta comentários na plataforma *Facebook*.

Paulo Reis
14 de maio

#ATIVIDADE_FILME
#Debate_Filosofico

Em O náufrago, o personagem interpretado por Tom Hanks, imagina uma bola falante, dotada de pensamento, a qual foi dada o nome de Wilson. Esta criação do náufrago evitou que a solidão o levasse à loucura e ao suicídio, até ser resgatado. Diante dessa abordagem, reflita sobre a importância da frase de Aristóteles: o homem é um animal político. A seguir, comente as intervenções de seus colegas.

Link: https://www.youtube.com/watch?v=jwf0wsHU_EY&t=2167s



Sidney Dias, Allana Vitória e outras 6 pessoas · 20 comentários · Visualizado por 22

Atendendo a comanda, os alunos apresentaram as seguintes respostas:

Nome do aluno O homem é um ser político por causa da convivência com outras pessoas ou da necessidade delas. E varias vezes essa convivência não é passiva, e para a necessidade da sociedade na vida do ser Humano seria para cuidados médicos, mercadorias e etc...

Curtir · Responder · 15 sem · 4

Nome do aluno Eu achei o comentário do meu colega muito bom **parabéns** mlk 🤔👍

Curtir · Responder · 15 sem · 2

Nome do aluno .. A frase queria dizer que um ser um humano não consegue viver sem ninguem porque e dificil porque maioria das coisas que vamos fazer dependemos de outras pessoas em tudo .. Exemplo as roupas que usamos cuidados médicos e entre outros .

Curtir · Responder · 15 sem · Editado · 4

Nome do aluno Muito bom **parabéns** 👍

Curtir · Responder · 15 sem · 1

Nome do aluno .. Muito legal 👍

Curtir · Responder · 15 sem · 1

Aluno O homem é um ser político por causa da convivência com outras pessoas e geralmente precisamos um dos outro em tudo exemplo precisamos no vestimento alimentos e nos cuidados médicos e entro outros

Curtir · Responder · 15 sem · Editado 4

Aluno Eu achei um comentário muito único kk

Curtir · Responder · 15 sem 1

Aluno O homem é um ser político por causa da convivência com outras pessoas e geralmente precisamos um dos outro em tudo exemplo precisamos no vestimento alimentos e nos cuidados médicos e entro outros e é isso ai rapaziada

Curtir · Responder · 15 sem 1

↳ Ver mais respostas

Escreva uma resposta...

Aluno iae aki o manw leo na vizao essa vizao de filme massa pa cri ..mais ae tip curt.. esses filme nao e nem meh emociono ..mais ae tamo junto

Curtir · Responder · 15 sem 3

Aluno **Daora**

Curtir · Responder · 15 sem

Aluno O homem é um ser político por causa da convivência com outras pessoas e geralmente precisamos um dos outro em tudo exemplo precisamos no vestimento alimentos e nos cuidados médicos e entro outros

Curtir · Responder · 15 sem · Editado 4

Aluno Eu achei um comentário muito único kk

Curtir · Responder · 15 sem 1

Aluno O homem é um ser político por causa da convivência com outras pessoas e geralmente precisamos um dos outro em tudo exemplo precisamos no vestimento alimentos e nos cuidados médicos e entro outros e é isso ai rapaziada

Curtir · Responder · 15 sem 1

↳ Ver mais respostas

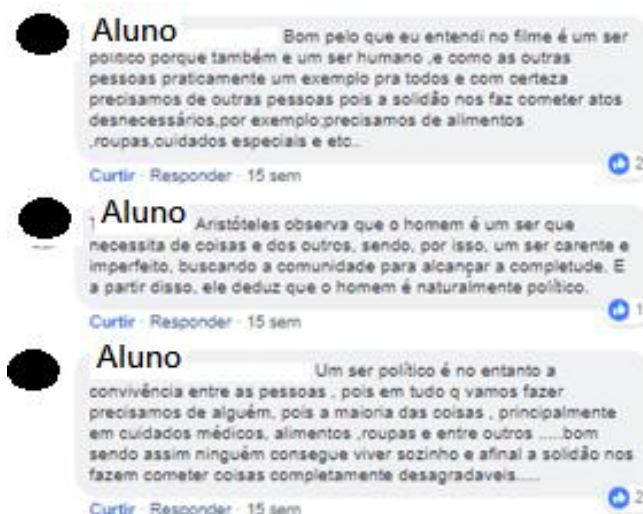
Escreva uma resposta...

Aluno iae aki o manw leo na vizao essa vizao de filme massa pa cri ..mais ae tip curt.. esses filme nao e nem meh emociono ..mais ae tamo junto

Curtir · Responder · 15 sem 3

Aluno **Daora**

Curtir · Responder · 15 sem



Após assistir ao filme, os alunos deverão efetuar a leitura de trecho do texto do livro de Aristóteles “*A Política: livro primeiro: da sociedade civil e da escravidão, da propriedade e do poder doméstico*” disponível na seção leitura e análise do texto no caderno do aluno (ARISTÓTELES, 2009). Esse texto deverá ser lido e analisado. As ideias principais devem ser grifadas, as palavras chaves circuladas e difíceis para os alunos circuladas e depois organizado um glossário filosófico.

Nessa Situação de aprendizagem, todas as atividades realizadas foram tomadas como instrumento de avaliação, isto é, leitura e análise do texto, exercícios com o texto e com o filme *Náufrago*. Além disso, os alunos responderam individualmente duas questões: a) A política como arte de bem conduzir a vida na cidade é algo que se ensina? Justifique sua resposta. B) Justifique a afirmação aristotélica: “O homem é um animal político” (ARISTÓTELES, 2009). A referência para correção são os textos e as sínteses elaboradas através das discussões em sala.

Como recuperação dos alunos que não conseguiram demonstrar um bom entendimento do tema pesquisado, foi realizado um glossário filosófico utilizando o dicionário de filosofia e apresentado as seguintes perguntas para eles responderem: 1) Em Platão e Aristóteles, a palavra política está dissociada a alguma forma de vida? 2) Segundo o mito de Protágoras, quais foram os recursos dados aos homens por Prometeu? Esses recursos foram suficientes para que os homens pudessem viver e prosperar? 3) Quais são os saberes da política que permitem aos homens sobreviver e progredir?

CAPÍTULO IV

4 - A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK NAS AULAS DE FILOSOFIA

Esse capítulo pretende analisar os resultados do trabalho realizado com a rede social *Facebook* como recurso de apoio às aulas de filosofia no ensino médio na E. E. Porto Primavera e na E.E. Santa Clara a partir da perspectiva do programa de ensino de filosofia desenvolvido por Lipman. Nesse sentido, analisaremos os seguintes tópicos: o ensino de filosofia e a interação, a utilização do *Facebook* como recurso de apoio às aulas de filosofia; a interação nas aulas de filosofia; a interação dialógica nas aulas de filosofia, comunidade de investigação filosófica, o diálogo e a conversa nas aulas de filosofia.

4.1 - O ensino de filosofia e a interação

A proposta de ensino de filosofia apresentada por Lipman tem influência filosofia do pensamento de Dewey. Ambos constroem suas teorias educacionais partindo do pressuposto segundo o qual o aluno é o construtor de seu saber, ou seja, aprender não se resume em ter na mente um amontado de informações, mas sobretudo em saber utilizar com inteligência, cuidado e sensibilidade essas informações.

Nessa perspectiva, o conhecimento se dá pela pesquisa, pela experiência e sobretudo pelo diálogo e pela interação. A tomada de consciência do aluno, em relação a esse fato, permite delinear uma proposta de ensino de filosofia cujo objetivo seja o de proporcionar condições para que o aluno possa ampliar as oportunidades para que ele possa construir um conhecimento racional mais consistente e razoável (LIPMAN, 1995). Segundo Lipman, a principal justificativa para investir no processo educativo filosófico com fulcro no desenvolvimento do pensar da criança é a necessidade da construção e defesa de uma sociedade democrática. Nesse sentido, Lipman afirma:

Uma sociedade democrática exige igualmente civismo. Esse tipo de sociedade não pode prescindir de leitores, jurados, pais, administradores, e consumidores racionais e sensatos. As sociedades justas e livres são aquelas cujas instituições são equitativas, que estimulam a participação dos cidadãos e nas quais estes deliberam de forma crítica e criativa. Assim, o julgamento e o raciocínio são indispensáveis, e tentar resolver esses elementos sem a filosofia seria o mesmo que encenar Hamlet suprimindo o papel do príncipe da Dinamarca (LIPMAN, 2008, p. 18).

Dessa forma, segundo Lipman, o raciocínio e julgamento crítico são condições essenciais para a construção de uma sociedade democrática, justa e racional. O ensino de filosofia é o instrumento essencial para o processo educacional no ensino médio. No entanto, apenas a presença da filosofia na grade curricular como disciplina obrigatória, não garante a formação cognitiva. Nesse sentido que a proposta de Lipman consolidada no Programa de ensino de filosofia, segundo a qual a filosofia não é apresentada como redentora da educação, mas como um método de investigação, cuja estratégia gira em todo do diálogo como elemento capaz de promover, através do comunidade de investigação, a interação a interação como estratégia de aprendizagem. Dessa forma, sem os pressupostos básicos da educação democrática, todo esforço de tentar educar tende ao fracasso. Nesse sentido, Lipman afirma:

Educação para cidadania é muito mais do que preparar os jovens para saberem tomar decisões. Eles precisam mais do que preparar os jovens para saberem tomar decisões. Eles precisam aprender como viver de modo a diminuir as chances das crises sociais e poder melhor contorná-las caso ocorram. Tal educação é preventiva com relação ao crime e ao vício e dirige-se a uma nova geração de pais que pode ser mais efetiva em transmitir valores racionais e saudáveis para seus próprios filhos. (LIPMAN, 1990, p. 69)

A abertura para o diálogo é a base para educação para cidadania e traz em seu bojo a possibilidade de romper os próprios limites, pois pressupõe uma predisposição para ouvir o outro. Ouvir e ser ouvido é uma disposição de todo ser humano que permite ao outro e a si mesmo a abertura para outros pontos de vistas e construir e reconstruir conhecimentos e aplicá-los em suas práticas cotidianas.

Os estudantes do ensino médio possuem a tendência de questionar o mundo, as pessoas e os fenômenos que elas não entendem. A curiosidade gera indagações e reflexões. Perguntas e reflexões são atos filosóficos por excelência. Nesse sentido, Lipman afirma:

Assim como os filósofos, as crianças se fazem perguntas sobre o mundo. Conseguem compreender conceitos filosóficos desde que sejam formulados em uma linguagem compreensível para elas, e são capazes de inventá-los. Em suma, as crianças têm uma afinidade natural com a filosofia. (LIPMAN, 2008, p. 18-19)

É por meio do diálogo que os alunos questionam, fazem perguntas, elaboram hipóteses, tiram conclusões, expressam seus pontos de vistas, definem termos, se inspiram, fazem classificações e identificam e analisem problemas e respondem às indagações suscitadas. Para Lipman, os problemas filosóficos não são exclusivamente dos adultos, eles são problemas universais e pertencem a toda humanidade. No entanto, comumente adotamos a postura

segundo a qual os problemas filosóficos se resumem a problemas da linguagem (WITTGEINTEIN, 2009) e que a filosofia necessita de um vocabulário específico que é adequado apenas aos adultos, sendo excluído desse grupo as crianças e os adolescentes.

Além disso, Lipman enfatiza que a afirmação segundo a qual as crianças e os adolescentes não possuem a faculdade de abstração é preconceituosa e reforça que as crianças, assim como os adolescentes são seres humanos em desenvolvimento, ou seja, sua capacidade de abstração está em desenvolvimento.

4.2 – As redes sociais e sua utilização como recurso de apoio às aulas de filosofia

O ser humano é um ser de interação. Aristóteles já afirmara que o homem é um ser político (ARISTÓTELES, 2009). As habilidades de comunicação humana vêm sendo paulatinamente desenvolvidas longo dos tempos, devido sobretudo à necessidade de interagir e trocar informações. Segundo Robbins, primeiro a humanidade desenvolveu a fala, que se evoluiu das formas mais primitivas de grunhidos até a linguagem atual. Depois, os seres humanos sentiram a necessidade de deixar registradas de forma permanente o que acontecia em suas comunidades, e por isso, criaram signos primitivos, o que mais tarde veio a tornar-se a escrita (ROBBINS, 2002).

A comunicação consiste num processo de trocas de significados por mensagens simbólicas, que ocorre quando duas pessoas ou mais tem os mesmos interesses, necessitando compreender e transferir mensagens. Ao longo da história da humanidade, os canais de comunicação que permitem a comunicação são diversos e inúmeros, porém, nas últimas décadas, a utilização da internet como ferramenta de comunicação aumentou significativamente, com isso novas práticas de interação e mediação passam a ser aplicadas no processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, as redes sociais, passam a ser um desafio ao docente na busca pela autonomia do discente a partir de uma postura dialógica que permite a expressão dos sonhos, desejos, anseios e percepções dos alunos. Hoje é indiscutível a importância das ferramentas de comunicação das redes sociais como um canal de comunicação aberta, promovendo interação e integração, além de ser um instrumento motivacional para os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (ROBBINS, 2002).

A principal pergunta que norteia esse trabalho é: qual é o papel das ferramentas de comunicação das redes sociais – *Facebook* - nas aulas de filosofia? Como utilizar essas ferramentas para promover a interação, o diálogo e viabilizar uma comunidade de investigação filosófica. Essas questões nortearam presente trabalho de pesquisa. Nesse sentido, vale ressaltar

que a maioria da população jovem que frequenta o ensino médio utiliza as tecnologias da informação e comunicação e possui perfil nas redes sociais e não encontram dificuldade nem oferecem resistência em realizar alguma atividade com as ferramentas de comunicação das redes sociais propostas pelo professor de filosofia, além disso, é comum eles navegarem diariamente nas redes sociais.

Destarte, as redes sociais têm sido um dos meios de comunicação mais utilizados na atualidade, permitindo a interação, troca de informações e geração de conhecimento em diferentes públicos, a partir da criação de grupos ou simplesmente nas postagens em perfis. Essas ferramentas de comunicação social criaram as possibilidades de Cursos de Ensino a Distância (EaD) formatado a partir de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que são plataformas onde estão disponibilizadas videoconferências, vídeos-aulas, arquivos em PDF³⁰, fóruns, portfólios, murais, etc. Nesse contexto, as ferramentas das redes sociais podem ser utilizadas como um ambiente de aprendizagem virtual complementar ao processo de ensino-aprendizagem, tornando o ambiente propício às relações entre discente-discente e discente-docente, onde os envolvidos podem conversar, trocar informações, discussões, partilhar informações e orientações e manter um contato menos formal do que no Ambiente virtual de Aprendizagem.

Apesar de não ser uma plataforma construída exclusivamente para ser utilizado no ensino, o *Facebook* é uma rede social que possui inúmeras ferramentas que permitem realizar várias atividades de apoio às aulas de filosofia. Nessa perspectiva, as atividades complementar postadas na “comunidade de investigação filosófica virtual” para serem realizadas antes ou após as aulas como atividades complementares às aulas presenciais. Há no *Facebook* ferramentas que permitem verificar se as atividades postadas foram visualizadas pela totalidade dos alunos matriculados que frequentam os cursos presenciais; além disso, os alunos podem sinalizar que visualizaram a atividade e até certificarem que acessaram o conteúdo na medida em que eles “curtiram” e comentaram a postagem, sejam os vídeos aulas disponibilizados ou orientações, por exemplo.

Apesar dos alunos terem participado ativamente, verificamos que as ferramentas permitem o diálogo e a interação entre os membros da comunidade escolar. No entanto, deve-se ressaltar que o curso é presencial e que a utilização da plataforma digital visa apenas subsidiar

³⁰ PDF significa *Portable Document Format* que significa Formato de Documento Portável desenvolvido pela *Adobe Systems* em 1993 para representar documentos independente do aplicativo, do *Hardware* e do sistema operacional.

e completar as tarefas que devem ser efetuadas presencialmente. As dificuldades apresentadas nas atividades realizadas através das ferramentas de comunicação das redes sociais é semelhante as realizadas através dos exercícios cujo suporte é o papel.

As interações promovidas pelas ferramentas de comunicação das redes sociais se diferenciam da interação promovida no seio das comunidades de investigação filosófica real?

Segundo Lipman, o ambiente propício para promover o diálogo e a interação é a comunidade de investigação filosófica, na qual a pessoalidade é uma das características principais. Por outro lado, a impessoalidade é uma das características das ferramentas de comunidades das redes sociais, que em última instância, o contato acontece com a máquina e as plataformas digitais. Ora, apesar do contato mediatizado pelas ferramentas das redes sociais serem uma forma de interação, ele não garante por si o diálogo, uma vez que o diálogo é fruto de um esforço de interação resultante de diversos fatores, conforme podemos refletir no próximo item.

4.3 - A Interação dialógica nas aulas de filosofia

Segundo Lipman, as aulas de filosofia devem ser aulas interativas. A comunidade de investigação filosófica foi a estratégia que Lipman encontrou para que a interação pudesse estar presente em todo o momento das aulas de filosofia. O diálogo é a expressão da interação. Destarte, a interação é formada por todos os acontecimentos que ocorrem na sala de aula, visto que ela é formada por um grupo de alunos coordenado pelo professor. Assim, a interação pessoal entre alunos e entre esses e o professor acontecem dentro de uma trama temporal em que os acontecimentos ganham significado na medida em que vão se sucedendo. Assim, a interação perpassa tudo que ocorre na sala de aula. Por essa razão, pode-se afirmar que ela é um dos elementos fundamentais para o ensino de filosofia na perspectiva do pensamento de Lipman (LIPMAN, 1997b). Conforme podemos verificar nas postagens, as aulas de filosofia objeto de análise do presente trabalho teve a interação e o diálogo como pressuposto; a utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais, promove a interação e fomenta novas condições para que a interação e o diálogo seja otimizado e as aulas de filosofia seja mais significativa e atraente para os adolescentes estudantes no ensino médio.

A interatividade é a principal característica do trabalho docente, uma vez que sua tarefa é adentrar a sala de aula e desenvolver uma série de interações com os alunos, seja ensinando conteúdo, auxiliando em atividades, corrigindo ou chamando atenção quanto ao comportamento. De um modo geral a estrutura hierárquica das interações em classe está

dividida entre orientação sobre as tarefas, mediação, controle e gestão do comportamento da sala. Nem sempre a interação entre os alunos adolescentes ocorrem de maneira pacífica. Eles oferecem resistência às propostas apresentadas pelos professores; por essa razão que o professor deve ter claro a ideia de que seu trabalho é promover a promoção e através dela a aprendizagem. Nem sempre o professor encontra um ambiente amistoso, uma vez que a disciplina “depende da interação complexa de todos os fatores que se inter-relacionam nas situações de ensino” (ZABALLA, 1998, p. 15), que vão desde os princípios metodológicos, postura do professor, currículo, conteúdo, procedimentos utilizados e a realidade de cada aluno. A comunidade de investigação virtual criada a partir das ferramentas de comunicação do *Facebook* visa em última instância promover a interação e o diálogo entre os membros da comunidade.

A significação fornece o sentido ao processo de ensino de filosofia no ensino médio; visto que ensinar filosofia não é fazer alguma coisa qualquer, mas fazer com alguém alguma coisa significativa, ou seja, uma atividade comunicativa e dialógica. Dessa maneira, a significação acontece em vários âmbitos: na interação, motivos e objetivos do aluno, no processo de comunicação interativa entre eles; no pano de fundo das ações, quando se percebe que a comunicação está sendo entendida e na contextualização da ação reflexiva. Assim, a educação é o resultado de um processo de interação social, uma vez que atinge a coletividade dos alunos.

A interação não é um assunto que diz respeito apenas ao professor, ela também é uma das características presente nos alunos, que não são mero objeto de trabalho deste profissional, mas também sujeito ativo do ato de ensinar. O objeto do ofício de ensinar filosofia é o trabalho com outros seres humanos; este por sua vez apresenta várias características; a individualidade é uma delas, pois cada aluno é diferente e estas diferenças devem ser respeitadas. Outra característica importante que deve ser reconhecida e respeitada é a afetividade e o componente emocional está também muito presente no processo educativo. Nesse sentido, a sala de aula é heterogeneidade e pode se expressar de diversas maneiras; afinal, cada aluno possui suas peculiaridades vinculadas. Os alunos são livres para realizar as atividades propostas pelo professor; por essa razão, cabe a este, além de apresentar uma proposta que seja significativa para o aluno, deve motivá-lo, pois um aluno motivado que vê a aplicação e a utilidade do conhecimento filosófico no seu dia a dia, tem maior probabilidade de se comprometer com as aulas ministradas pelo professor. Por essa razão, que o professor é mais do que um profissional, é um ser humano, assim como o aluno. Tudo isto faz com que a relação professora aluno seja complexa, passando pelas dimensões profissional, emocional e tantas outras implícitas nas

relações sociais. Dada esta complexidade, para que o processo de ensino e aprendizagem se desenvolva, o professor deve contar com a colaboração do aluno, ela voluntária ou não.

Com todas estas variáveis, o ofício de ensinar filosofia, assim como qualquer trabalho, possui suas técnicas e tecnologias para promover a interação. Nessa esteira Tardif afirma: “nós designaremos a tecnologia do ensino, simplesmente o conjunto dos meios utilizados pelos professores para chegar a seus fins nas atividades de trabalho com os alunos (TARDIF E LESSARD, 2007, p. 260). Nesse sentido, todas as profissões possuem seu repertório de técnicas e procedimentos para que possam cumprir com seus objetivos. Na educação, estes meios são mais do que os visíveis, que são materiais, ensino programado, trabalho de grupo e tantos outros, eles incluem as relações sociais e a organização simbólica do ensino, dentre eles estão o controle do grupo e a motivação dos alunos. A técnica do professor é parte da pedagogia e está diretamente ligada à transmissão de conhecimento, assim temos que ter claro que as técnicas do ensino não são um aparato separado, mas parte da totalidade do processo de ensino.

As verdadeiras tecnologias do ensino correspondem às tecnologias da interação, que podem ser divididas em: coerção, autoridade e persuasão, elas permitem ao professor impor seu programa de ação em detrimento as ações contrárias dos alunos. A coerção consiste no comportamento punitivos reais e simbólicos por parte do professor em relação aos alunos, ela existe também na própria instituição escolar, visando, por exemplo, evitar a evasão. Não existe educação sem exigência e coerção, é ela que mantém os alunos longos anos dentro da escola. A autoridade é distinta de três maneiras por Weber (apud TARDIF E LESSARD, 2007, p. 266) a tradicional, fundada no costume e na convenção; a carismática, baseada na qualidade do líder e a autoridade racional-legal, embasada em um conjunto de regras. Estes três tipos de autoridade influenciam no trabalho docente.

A personalidade do professor também se torna uma tecnologia do trabalho componente como o carisma, a empatia, a compreensão, as aberturas de espírito constituem trunfos do docente enquanto trabalhador interativo. O professor sempre coloca sua própria pessoa em jogo como parte das interações com os estudantes, mesmo os êxitos e fracassos dos alunos tendo causas “objetivas” o professor sempre acaba tendo parte nos resultados alcançados, dado seu comprometimento humano com o trabalho e esforço investido no esforço de ensinar e aprender, mas existem também o trabalho emocional e o trabalho mental, visto que o professor carrega a matéria-prima de seu trabalho consigo (SIMMEL, 2012).

O professor deve estar envolvido com o processo de ensino, a ele cabe motivar o aluno, desenvolver técnicas para alcançá-los, transmitir conhecimentos, ser mentor intelectual e moral, ou seja, interagir com todas as facetas humanas presentes nos alunos e, conseqüentemente, na

escola. Na comunidade de investigação filosófica, a presença do professor, assim como a presença dos alunos são essenciais para que ocorra o processo de ensino aprendizagem.

Portanto, a capacidade interativa do professor, assim como a capacidade interativa dos alunos, a partir da perspectiva de ensinar filosofia de Lipman, são fatores essenciais para que ocorra o ensino de filosofia. Esses elementos pessoais, não estão presentes nas ferramentas de comunicação das redes sociais e por essas razões devem servir de apoio às aulas presenciais de filosofia na perspectiva apresentada por Lipman.

4.4 - A comunidade de investigação filosófica, o diálogo e a interação.

A busca pela articulação entre o diálogo e a interação proporcionada pela comunidade de investigação permite o desenvolvimento integral da criança é sempre um pressuposto das aulas de filosofia. A iniciativa de fomentar a reflexão a partir das ferramentas de comunicação das redes sociais, visa otimizar e subsidiar a interação e qualificar o nível do diálogo e a qualificação das aulas de filosofia. No modelo de ensino de filosofia apresentado por Lipman, na qual a construção do conhecimento não ocorre de forma solitária, mas na interação mediatizada pelo diálogo. A comunidade de investigação filosófica foi a estratégia que Lipman propôs para promover o ensino de filosofia e promover o desenvolvimento integral do aluno.

As atividades desenvolvidas na comunidade de comunicação, colaboram na apreensão dos conceitos, pois apresentam dentro de um contexto significativo para os alunos. Aprender por meio da contextualização é sempre mais acessível, significativo e prazeroso do que a aprendizagem por meio de exposições argumentativas, na qual o professor apresenta o conceito e em seguida exemplifica para tornar mais acessível sua compreensão conceitual. Mas a aprendizagem nos termos apresentada por Lipman trazem em primeiro uma situação envolvendo o conceito e, a partir do diálogo da situação, a própria criança constrói o conceito.

A linguagem tanto escrita como oral é para Lipman o principal instrumento escolar de fomento e expressão da inteligência, pois a linguagem é parte do raciocínio e a oralidade deve ser estimulada na escola. Nesse sentido, a intervenção dos alunos deve ser fomentada. Afinal, sem a interação entre o professor e os alunos, a aula corre o risco de ser apenas um monólogo e não um diálogo.

A maior motivação é a possibilidade do aluno de encontrar respostas para suas inquietações. Contudo, a imposição de uma linguagem muito abstrata pode fazer com que as coisas se tornem muito desinteressantes, daí a importância das narrativas e dos contextos em

que as palavras são empregadas. Os alunos querem que as coisas ou palavras façam sentidos. Quanto a isso, talvez o “segundo Wittgenstein” possa colaborar emprestando o seu conceito de jogos de linguagem, pois saber o que o outro está querendo expressar com determinada palavra é importante tanto para a construção do próprio conhecimento como para compreender o outro, podendo assim agir de modo mais eficiente. No entanto, diferentemente do segundo Wittgenstein que opõe a fixidez lógica, há por parte de Lipman uma preocupação com o rigor lógico (LIPMAN, 1995). A adoção da comunidade como método para a realização das aulas de filosofia torna o aluno mais familiarizado e motivado para participar ativamente das atividades; além disso, as ferramentas de comunicação da rede social utilizada nesse trabalho é um canal a mais para que ele possa compartilhar de suas inquietações filosóficas e propor solução para os problemas enfrentados pelos adolescentes dentro ou fora da escola, mas que são significativos para eles.

Lipman acredita que o trabalho em grupos, as atividades dirigidas e as discussões sobre pontos concretos compõem o melhor método de ensino do raciocínio. O Julgamento não pode ser ensinado, mas pode ser aprendido por si mesmo num processo de autoconstrução. A comunidade de investigação seria esse ambiente coletivo da pesquisa que seria essa autoaprendizagem. Enquanto ambiente de diálogo e investigação a comunidade de investigação é um ambiente que pode oferecer à criança estímulo e encorajamento para a pesquisa, para a investigação.

Após a exposição oral dos trabalhos produzidos no grupo, deve sempre ocorrer as ponderações e os julgamentos. As conclusões alcançadas após a deliberação e o diálogo é um instrumento do raciocínio, mas a elaboração de críticas ou formulações de hipóteses é um julgamento. O raciocínio é uma técnica e pode ser ensinado e o julgamento não é uma arte, mas uma capacidade, uma arte que não pode ser ensinada. (LIPMAN, 2008)

A comunidade de investigação se fundamenta no diálogo que se diferencia da conversa. Segundo Lipman,

“...ao confrontarmos o diálogo e a conversação, não podemos deixar de perceber em uma conversa um processo onde o tom pessoal é acentuado, porém o fio lógico é tênue, enquanto que no diálogo ocorre exatamente o contrário” (LIPMAN, 2008, p. 335)

A necessidade de diferenciar o conceito de diálogo de conversa para Lipman é de suma importância, uma vez que o diálogo é a base a partir do qual foi edificada toda sua teoria educacional. Essa diferenciação não é fácil, mesmo Lipman reconhece ser tênue o que diferencia um conceito do outro. Para elucidar esses dois conceitos é necessário refletir sobre suas semelhanças e diferenças.

4.5 - O diálogo e a conversa nas aulas de filosofia

O diálogo é o objetivo de toda educação filosófica. A comunidade de investigação filosófica visa promover a interação dialógica a partir da reflexão filosóficas de temas pertinentes para os adolescentes. O diálogo é uma conversa articulada, reflexiva com um objetivo claro e fundado em argumentos razoáveis e ideias concatenadas. Normalmente o diálogo se inicia com uma conversa aparentemente despretensiosa. O ideal que as aulas de filosofia se inicia com uma conversa rumo ao diálogo.

Na conversa há o predomínio de um protagonista e depois o de outro; não há avanço, é como um pendulo ou uma gangorra que movimentam os protagonistas, há um equilíbrio na conversa, não há avanço. Já no diálogo, há um desequilíbrio que impulsiona os momentos da fala. No diálogo há argumentação e contra argumentação, há razões e contrarrazões que movimentam e impulsiona o discurso e cada protagonista para além de si mesmo em um movimento dialético de tese, antítese e síntese. Nesse sentido Lipman, afirma “... uma conversa é uma troca de sentimentos, pensamentos, informações, interpretações. Um diálogo é um exame, uma investigação, um questionamento.” (LIPMAN, 2008, p. 336).

Destarte, o diálogo visa promover a colaboração, enquanto a conversa pretende a cooperação. Para Lipman, a conversa é semelhante ao jogador de tênis que rebatem a bola para estender o jogo ao máximo possível de cooperação. E, o exemplo dos operadores do direito, que trabalham juntos num mesmo caso com o objetivo de resolvê-lo num sistema de colaboração para explicar o diálogo. Esse último pressupõe rigor lógico e uma conclusão, já numa conversa não há necessidade nem de rigor lógico nem necessidade de se concluir algo. A conversa visa à colaboração, a adaptação à mesma linha de pensamento do outro, os protagonistas não se divergem e não pretendem assumir posições contrárias.

Assim, a conversa apesar de relevante ainda não possui o riqueza e a relevância do diálogo para as aulas de filosofia e por essa razão ela não tem condições para ser fundamento da comunidade de investigação filosófica na perspectiva filosofia de Lipman; no entanto, o diálogo lógico e disciplinado é a forma de investigação filosófica que é otimizado pela estratégia de utilização das comunidades de investigação filosofia, a criação de uma comunidade de investigação filosófica virtual fomenta e subsidia o diálogo e a interação entre os alunos e entre esse e o professor.

4.6 - A comunidade de investigação filosófica e a educação filosófica

A criação de uma comunidade de investigação filosófica presencial é um imperativo para o professor de filosofia que pensa a educação filosófica nos termos apresentados por Lipman em seu programa de ensino de filosofia. A comunidade de investigação quando fomentada promove o diálogo e a interação. O conhecimento é construído e reconstruído pelo sujeitos da experiência e por ela, os membros da comunidade de investigação filosófica compartilham, fomentam e divulgam a experiência filosófica. Quando um aluno ouve a experiência dos outros, ele pode trazer mais significações às próprias experiências. Assim, a experiência do diálogo por si só, fortalece a solidariedade grupal em busca da compreensão além de caracterizar o grupo como espaço filosófico. O caminho para o aperfeiçoamento do aluno depende de sua disposição para dialogar com o outro. Dessa forma, pensar por si mesmo, o aluno depende indiscutivelmente da interação e de uma comunidade colaborativa organizada com o propósito de auxiliar o aluno a pensar, isto é, a partir da contextualização criada pela comunidade de investigação filosófica,

Se a comunidade de investigação está intimamente preocupada com a construção do significado, ela deve dessa maneira estar preocupada com o conteúdo. Tal conteúdo não é restrito à informação previamente empacotada, contida nos livros e nas cabeças dos professores, que é transmitida em seguida para os livros e (talvez) para as cabeças dos alunos. Nesse processo de transmissão, o que é transmitido tende a ser inerte e, portanto, incapaz de estimular alunos a pensarem por si mesmos ou formular as perguntas do tipo que levam a investigação (SPLITTER; SHARP, 1999, p. 38).

Destarte, a prática filosófica tem como essência a prática da comunidade do diálogo, que de acordo com a proposta de ensino de filosofia apresentada por Lipman, é a prática por excelência do filosofar, uma vez que é em torno de problemas relevantes e significativos que se dá o diálogo reflexivo e crítico que serão úteis para a vida. Além disso, Splitter e Sharp reforçam a tese de Lipman, segundo a qual “a comunidade da sala de aula é muito mais que um instrumento para o ensino do pensamento, é uma forma de vida para as crianças que participam dela” (SPLITTER E SHARP 1999, p. 34). Além disso, segundo eles:

(...) a transformação de salas em comunidades de investigação é um imperativo educacional de máxima importância. A comunidade de investigação torna possível para as crianças verem a si mesmas como pensadores ativos mais que aprendizes passivos, como descobridores mais que receptores e como valiosos e valorizados seres humanos mais que recursos ou mercadorias (SPLITTER; SHARP, 1999, p. 34) (grifo nosso).

Nesse sentido, a comunidade de investigação voltada para a prática filosófica tem como meta não apenas ensinar a pensar, mas a pensar bem, para isso é necessário a presença de um professor de filosofia, cuja responsabilidade principal é mediar o diálogo e incentivá-lo, promovendo atividades reflexivas e dialógicas criando novas ideias, hipóteses, situações problemas e modelos teóricos.

Assim, Lipman destaca que um dos elementos mais importantes do seu Programa de ensino de filosofia é o professor de filosofia, pois esse deve compreender seus alunos, ser sensíveis aos temas filosóficos e ser capaz de manifestar-se durante as aulas seu comprometimento com a investigação filosófica e com o ensino de filosofia, isto é, ele deve fazer da filosofia não apenas seu ofício e sua missão de vida; apenas assim, ele poderá motivar seus alunos a atravessar a senda do conhecimento filosófico.

O ensino de filosofia consiste em reconhecer e seguir bem de perto aquilo que as crianças estão pensando, ajudando-as a verbalizar e objetivar esses pensamentos, e, depois, cuidando do desenvolvimento das ferramentas que necessitam para refletir (LIPMAN, 1994, p. 120).

Conforme podemos constatar, para Lipman, o ensino de filosofia deve partir da tese segundo a qual o pensamento é uma ação que precisa ser continuamente aperfeiçoado. Assim, as crianças precisam permanentemente ser estimuladas para que desenvolvam a capacidade de filosofar. A partir das diversas ferramentas teóricas apresentados pela filosofia, a lógica é uma delas, pensamento, vai se depurando, tornando mais criterioso e coerente. Nesse sentido, vale destacar que não chegar a uma conclusão logicamente válida e determinada, não avaliar, classificar mal, também possui o seu valor a partir da perspectiva elaborada por Lipman.

Assim, “o objetivo de um programa de habilidades de pensamento não é transformar as crianças em filósofos [...], mas ajudá-las a pensar mais, ajudá-las a serem indivíduos mais reflexivos, ajudá-las a terem mais consideração e serem mais razoáveis” (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 1994, p. 35). E nesse ponto, é possível tecer uma observação sobre a visão de Lipman e seus colaboradores sobre a prática do ensino de filosofia nas instituições oficiais de ensino, nessa esteira mencionam que

O problema pedagógico é, ao menos no primeiro estágio, transformar a criança que já pensa numa criança que pensa bem. Um programa confiável de habilidades de pensamento deveria fazer mais que capacitar as crianças a lidarem de modo efetivo com as tarefas cognitivas imediatas, tais como problemas a serem solucionados ou decisões a serem tomadas. Deveria buscar consolidar as potencialidades cognitivas das crianças de modo a

prepará-las a um pensar mais efetivo no futuro (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 1994, p. 35).

Conforme podemos constatar, o objetivo da proposta de ensino de filosofia elaborada por Lipman e aperfeiçoada por seus colaboradores, pretende não apenas preparar os alunos para enfrentar o futuro, mas principalmente é criar condições para que eles possam desenvolver suas habilidades e competências no decorrer das habilidades. Mister salientar que a comunidade de investigação filosófica é o lugar por excelência na qual é desenvolvido a arte de melhor pensar, através do desenvolvimento do diálogo.

Segundo Splitter e Sharp,

O pensamento que tem lugar na comunidade investigativa, explora e questiona o próprio processo de investigação. Enquanto a investigação pode ter seu próprio assunto, ela inevitavelmente se torna parte do assunto, entrelaçada com o tema original (1999, p. 121)

A comunidade de investigação filosófica qualifica a reflexão na medida em que ela explora e aprimora as competências e as habilidades de pensar. Assim, desenvolvendo a habilidade do pensar com mais lógica e significativa (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 1994). Além disso, quando a sala de aula se torna, na perspectiva de Lipman uma comunidade de investigação filosófica, ela se torna um ambiente propício para se discutir assuntos não só da aula, mas também assuntos de interesse do grupo. Essa atividade não é uma atividade simples e fácil, é necessário desenvolver nos alunos hábitos de escuta e sobretudo de reflexão. No ensino tradicional, os temas são apresentados como solucionados, tudo está pronto e muitas vezes isto tem pouca relação com os sentimentos, pensamentos e visões de mundo dos estudantes.

A comunidade de investigação supera essa dificuldade porque é uma experiência autêntica para crianças; um lugar onde o que elas pensam, dizem e fazem realmente tem um impacto sobre o que acontece no mundo à sua volta (SPLITTER, SHARP, 1999, p.34).

Por ser dialógica, a comunidade de investigação filosófica é um lugar de construção de significado. Nesse sentido, Lipman, afirma “a filosofia insiste no diálogo racional, mas apenas como um meio pelo qual os estudantes podem chegar a seus próprios pontos de vistas e suas próprias conclusões” (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 1994, p. 128). Além disso, insta destacar que, na prática dialógica, os alunos devem paulatinamente respeitar seu colega, considerando os pontos de vistas dos outros e aprender a argumentar para defender as próprias

opiniões percebendo suas capacidades em troca de impressões, perspectivas e experiências. Ao ingressar no diálogo, o aluno não precisa chegar à verdade inquestionável, mas apenas buscar construir um conhecimento razoável pautado em boas razões, ou seja, a construção dialética do conhecimento se faz e refaz guiado pela busca de verdades.

O diálogo fomenta a imaginação, permite a exposição de sentimentos e a troca de experiências, no entanto, nem sempre os pontos de vistas são convergentes, as discordâncias e as concordâncias resultante das diversidades de pontos de vistas, ideias, valores, crenças faz da comunidade de investigação filosófica uma experiência impar para o despertar da consciência do aluno.

Segundo Lipman e seus colaboradores Oscanyan e Sharp, o diálogo é um é o ponto de partida a partir do qual nasce toda experiência filosófica. Nesse sentido que para eles a reflexão é gerada pelo diálogo e não o contrário. Ressaltam ainda que

Quando as pessoas se envolve num diálogo, são levadas a refletir, a se concentrar, a levar em conta as alternativas, a ouvir cuidadosamente, a reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral, realiza um grande número de atividades mentais nas quais não teria se envolvido se a conversação não tivesse ocorrido (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 1994, p. 44).

O diálogo gera a reflexão e se reproduz no diálogo entre os alunos em torno do debate em torno de uma questão que se expressam através dos argumentos e das opiniões proferido pelos alunos. A partir do diálogo é possível ouvir e dizer as inferências, pressuposições, opiniões, razões e contrarrazões dos alunos. A mediação dessas interações deve ser mediatizada pelo professor. No diálogo, dentro da comunidade de investigação filosófica é combatido e criticado. Todos se envolvem de modo crítico, todas as posições podem ser questionadas em um vai e vem de críticas e reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo o presente projeto de pesquisa sido desenvolvido com o objetivo de entender como se dá o processo de utilização e aplicação das ferramentas das redes sociais como recurso de apoio às aulas de filosofia no ensino médio a partir da concepção filosófica de Lipman durante o ano letivo de 2017 nas Escolas E.E. Porto Primavera EE Santa Clara é possível afirmar com veemência que foi uma experiência impar que contou com a colaboração de todos os estudantes matriculados nas escolas supracitadas.

O presente trabalho foi organizado em três partes. A primeira parte é composta por dois capítulos teóricos; no primeiro analisamos o ensino de filosofia a partir da perspectiva de Lipman e no segundo a importância das ferramentas de comunicação das redes sociais como apoio às aulas de filosofia a partir da concepção filosófica de Feenberg. A segunda, formada pelo terceiro capítulo, a partir de uma abordagem prática, apresentaremos como foi realizado as ferramentas de comunicação das redes sociais como apoio às aulas de filosofia a partir de três situações de aprendizagem. Na terceira parte, formada pelo terceiro capítulo, realizamos uma reflexão crítica a luz dos pressupostos teóricos sobre a experiência da utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais nas aulas de filosofia no ensino médio.

No primeiro capítulo, analisamos os conceitos basilares do pensamento filosófico de Lipman: filosofia, comunidade de investigação filosófica, diálogo e a interação nas aulas de filosofia. A proposta de ensino de filosofia proposta por Lipman tem como ponto de partida a crítica à concepção de filosofia tradicional e a tentativa de resgatar a concepção filosófica dos filósofos gregos. Para ele, a filosofia tradicional é teórica e formalista, pois abordar temas abstratos não relevantes para a vida dos alunos. Citando Pierre Hadot, Lipman afirma que o esvaziamento histórico da filosofia e sua redução ao formalismo teórico ocorre após a consolidação do cristianismo com o surgimento da teologia e dos exercícios espirituais adotado como prática religiosa diária. Vale ressaltar que, para os gregos, a filosofia consistia em um exercício permanente da arte de viver, uma terapêutica das paixões e a sabedoria consistia em viver conscientemente, buscando sempre uma conduta pautada pela razão, evitando as paixões, e se precavendo contra os dissabores e os sofrimentos da vida, através de uma vida racional e virtuosa. A dialética platônica e a maiêutica socráticos, por exemplo, são caminhos de verdadeira de análise de consciência e conversão e integral do indivíduo. Recusando seguir as trilhas da filosofia tradicional, Lipman se empenha em criticar o esvaziamento e o formalismo da filosofia tradicional ocidental e propõe um modelo de fazer filosofia a moda dos gregos

clássicos, resgatando a totalidade da experiência da pessoa com o processo do ensino filosófico através da comunidade de investigação filosófica.

O conceito de filosofia para Lipman é marcado pelo resgate busca da experiência total do adolescente com a experiência do aprender a filosofar. Nesse sentido, ele afirma que o ensino de filosofia não pode ser reduzido a mera especulação teórica, mas deve envolver a totalidade do ser do aluno. A filosofia é um instrumento eficaz para a formação integral do aluno na medida em que ela, além de método para o cultivo do pensamento, deve fomentar o desenvolvimento dos valores éticos, como respeito, solidariedade e da tolerância. Por essa razão que o ensino de filosofia deve ter como base uma comunidade de investigação filosófica na qual deve permanentemente estimular as habilidades e as competências que ajudam a desenvolver o pensamento lógico, a reflexão coerente, a oralidade e a capacidade de análise rigorosa dos conceitos. Destarte, as aulas de filosofia ensinam o aluno a filosofar, na medida em que ele vive ativamente a experiência da reflexão filosófica na comunidade de investigação na qual ele é integrante além de estimular o pensamento do jovem estudante para o desenvolvimento de sua autonomia.

Lipman elabora o conceito de comunidade de investigação filosófica como uma estratégia utilizada para superar o formalismo, o vazio e a inutilidade dos métodos tradicionais de ensinar filosofia com ênfase no resgate da totalidade da experiência. A comunidade de investigação filosófica é constituída pela união de pessoas cujo objetivo é o estudo da filosofia. Ela visa criar um ambiente propício para a reflexão filosófica, é para o aluno um modelo de racionalidade e de cidadania, onde o diálogo e a interação são os pilares fundamentais. Assim, as discentes também são protagonistas do processo de ensino aprendizagem que se estenderá pelo resto de suas vidas. Nesse sentido, como membro de uma comunidade filosófica, o aluno buscar um modo racional de viver, na qual se supera a ignorância através do estudo filosófico e da vivência das virtudes, além de ter, nessa comunidade um fórum a partir do qual podem descobrir na interação com outros, a importância de nortear de maneira racional a vida dela, além de ser uma referência de racionalidade para outras pessoas.

Para promover o ensino de filosofia significativo sem incidir nos erros do ensino tradicional, precisa promover o diálogo e a interação, para isso Lipman criou a comunidade de investigação filosófica, cujo objetivo é permite ao aluno participar do discurso do outro, ouvindo, falando, analisando, discutindo e interagindo. Dessa união de propósito, surge um projeto racional comum, no qual a partilha de informações, sonhos, projetos e interesses. Nessa perspectiva, o diálogo não é apenas formal, mas permeia a integralidade da vida do aluno. Apesar do diálogo filosófico ser marcado pela racionalidade ele também é movido pelo

sentimento de amor, uma vez que é amor pela sabedoria e não amor pela argumentação retórica vazia e inútil, próprio método tradicional de ensinar filosofia. Além disso, insta salientar a dimensão ética do diálogo. O reconhecimento e o respeito ao outro como membro da comunidade e que compartilha o mesmo projeto filosófico. O diálogo e a interação são os elementos centrais a partir dos quais giram todo o programa de ensino e filosofia elaborado por Lipman. Não dá para falar em ensino de filosofia sem considerar o diálogo como catalisado de todo esforço de ensinar e aprender filosofia e por fim, analisamos as redes de comunicação sociais como apoio às aulas de filosofia no ensino médio.

No segundo capítulo, abordamos a importância das ferramentas das redes sociais nas aulas de filosofia. Primeiramente buscamos analisar o conceito de rede como um conjunto de relação que ligam pessoas e coisas. Na atualidade, o conceito de rede está vinculado a ideia de tecnologia e internet, principalmente em razão da disseminação do uso de computadores, do barateamento das tecnologias da informação, da democratização uso do smartphone, o conceito de rede social ganhou um novo significado e passou a adentrar todos os meandros da vida social. Para muitas pessoas, a chamada geração internet ou digital, as redes sociais online não são apenas uma maneira de estar conectado, mas um modo de vida. A interação virtual faz parte da estratégia de vida dos jovens atuais que vivem e são praticamente da cultura digital.

A combinação dos recursos tecnológicos da internet permite uma nova dimensão do ensino aprendizagem em torno da interação a distância mediatizada pelas redes sociais, viabilizando e potencializando sua utilização no ensino, uma vez que elas podem propiciar o processo de ampliação do diálogo e da interação se utilizada como instrumento de ensino aprendizagem como apoio às aulas presenciais. A utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais são ferramentas essenciais para a sociabilidade de grande parte dos adolescentes e jovens que frequentam o ensino médio do país, uma vez que as tecnologias presentes na atualidade devem ser ferramentas cuja finalidade é auxiliar o homem atual a resolver os problemas apresentados pelo momento histórico que estamos vivendo. Assim, a plataforma da rede social *Facebook*, permite a criação de uma comunidade de investigação filosófica virtual possibilitando o diálogo e a interações entre os alunos, em torno dos conteúdos, das ideias e dos problemas estudados em sala de aula. Através da reflexão dos temas abordados em sala e postado como atividade complementar no ambiente de aprendizagem virtual proporcionado pela *Facebook* e criado para subsidiar às aulas de filosofia, permite discussão e a interação sobre os temas debatidos, propiciando trocas de entendimento e viabilizando a busca da realização de atividade proposta pelo professor durante as aulas de filosofia.

Nesse sentido, vale destacar que não basta apenas aplicar mecanicamente os recursos tecnológicos nas aulas de filosofia, é necessário que as aulas de filosofia, além de ser filosófica, deve estar afinada com as novas tecnologias, ou seja, as habilidades e as competências nas aulas de filosofia devem ser desenvolvidas de acordo com os novos desafios da modernidade. Enfim, *Facebook* é um ambiente de aprendizagem virtual que permite a interação, o diálogo e a realização de uma proposta que visa melhorar a relação dos alunos com as redes sociais e as aulas de filosofia, na medida e que ela possibilita a integração do aluno também virtualmente.

A plataforma *facebook*, apesar de não ter sido elaborada para promover a educação, ela possui inúmeras ferramentas que permite sua utilização no ensino. Destacaremos nesse trabalho algumas das principais ferramentas de comunicação do *Facebook* que utilizadas como apoio ao ensino e à aprendizagem dos alunos no ensino médios otimiza a interação, são elas: ferramentas de criação de grupos, compartilhamentos, *Facebook Messenger*, adicionar fotos, escolher figurinhas, *gifs*, *emojis*, jogar, jogar, anexar arquivos, tirar fotos, agendar e organizar atividades, ícone curtir, câmera para videoconferência, configuração do *Facebook Messenger*. Essas ferramentas quando utilizadas em seu conjunto tornam *Facebook* uma pequena plataforma de ensino virtual, ou seja, um pequeno ambiente de aprendizagem virtual pode promover aulas presenciais mais significativas e interativas.

No terceiro capítulo do presente trabalho, apresentaremos três situações intervenções nas quais utilizamos as ferramentas de comunicação da rede social *Facebook* como uma demonstração da possibilidade e de utilização das ferramentas de comunicação da rede social *Facebook* como apoio as aulas de filosofia no ensino médio na escola Porto Primavera e na Escola Santa Clara durante o ano letivo de 2017 e 2018.

As atividades realizadas nesse trabalho compõem uma situação de aprendizagem que está organizada em torno de uma sequência didática formada por várias aulas, sendo cada uma delas regida por um tema, cujo conteúdo está previsto no currículo oficial do Estado de São Paulo e no plano de ensino, no qual está detalhado as estratégias de aula, os recursos didáticos utilizados, a sequência didática e a bibliografia adotada nas aulas. As atividades efetuadas utilizando as ferramentas de comunicação das redes sociais é apresentada com um recurso complementar cujo objetivo visa subsidiar as aulas presenciais de filosofia a partir da comunidade de investigação filosófica virtual e suas ferramentas de comunicação social realizamos o trabalho de apoio às aulas de filosofia no ensino médio. Após a realização das atividades, tiramos o *print screen* das atividades realizadas e colamos como forma de registro e aferição do resultado do trabalho realizado ao longo da presente pesquisa.

No quarto capítulo, buscamos realizar uma reflexão à luz dos pressupostos teóricos do pensamento de Lipman e Feenberg uma análise sobre a importância da utilização das ferramentas da rede social Facebook como apoio às aulas de filosofia no ensino médio

Os desafios enfrentados por Lipman para tornar as aulas do ensino médio mais significativas ainda persistem. A estratégia de transformar a sala de aula em uma comunidade de investigação filosófica, permite não apenas desenvolver os conteúdos propostos pelo currículo mas desenvolver princípios e valores éticos, como o respeito ao outro, o exercício da tolerância e da solidariedade; além disso, a utilização das redes sociais como um pequeno ambiente virtual de aprendizagem abre possibilidade para estabelecer um canal a mais para a interação dialógica, permitindo a troca de informações em arquivos variados tanto e nível individualizado como a socialização com a comunidade de aluno. Nesse sentido, a comunidade de investigação cria a possibilidade do aperfeiçoamento do aluno através do dialogar com o outro. Assim, para pensar por si mesmo, o aluno depende indiscutivelmente da interação e de uma comunidade colaborativa organizada com o propósito de auxiliar o aluno a pensar, com esse propósito que além das atividades propostas nas aulas presenciais, visando subsidiar e mantê-los mobilizados em torno de uma comunidade online que utilizamos a plataforma virtual do *Facebook* como um pequeno ambiente de aprendizagem virtual

A busca pelo aprimoramento permanente através da pesquisa, das atividades, das indicações de vídeos, livros, *links* que aborde questões não apenas filosóficas, mas questões relevantes para a vida dos adolescentes e jovens estudantes do ensino médio. A postula filosófica diante dos problemas da vida. Da mesma forma que para os filósofos clássicos, a filosofia deve ser mais do que uma obrigação, deve ser um modo de vida pautado pela razão, buscando se pautar pela racionalidade, pela observância dos valores éticos e pela procura da felicidade e de um sentido para viver.

Destarte, a contribuição do pensamento filosófico de Lipman acerca do ensino de filosofia no ensino médio está no fato dele criar, com seu programa de ensino de filosofia, uma estratégia revolucionária e eficaz para o ensino de filosofia no ensino médio.

Vale ressaltar que no presente trabalho foi abordado o tema acerca da utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais como apoio didático às aulas de filosofia abre a possibilidade de explorar os novos recursos tecnológicos disponíveis aos alunos, além de motivar e facilitar o acesso de materiais didáticos de filosofia em vários formatos, permitindo a ampliação da possibilidade de interação, afinal ensinar e aprender filosofia é, sobretudo interação e diálogo, conforme defende Lipman.

O desafio de tornar as aulas significativas não será facilmente superado, basta destacar as dificuldades de aprendizagem e as limitações de alguns alunos, observando as postagens deles. A dificuldade de argumentação e escrita estão aquém do que se espera para o nível que se encontram matriculado. No entanto, como ressaltamos acima, o objetivo desse trabalho, das postagens e das publicações na rede social *Facebook* é apenas ser uma atividade complementar, ou seja, não pretendia substituir a aula presencial, apenas facilitar e proporcionar ao aluno conteúdos que não é possível utilizar durante a aula, seja pelo número diminuto de aulas, ou pela sobrecarga de atividades que devem ser trabalhadas no plano de trabalho do professor. Além disso, a superação das dificuldades apresentadas pelos alunos se revela do tamanho do desafio que nós professores de filosofia temos pela frente. Lecionar por si não é um trabalho fácil; no entanto, o questionamento acerca dos problemas relacionados à aplicação das ferramentas de comunicação das redes sociais às aulas de filosofia no ensino médio se faz necessário e esse trabalho é apenas uma pequena contribuição na busca de novos métodos e novos recursos que venha a aquilatar a prática de ensinar filosofia no ensino médio do país.

Desenvolver a motivação dos alunos para a reflexão e o aprimoramento é um dos principais objetivos do professor de filosofia. Dar um motivo para que o aluno seja despertado para a racionalidade. A comunidade de investigação filosófica pretende ser esse espaço por excelência a partir do qual acontece o ensino aprendizagem e a sua contraparte online visa subsidiar o aluno nessa busca pelo aprimoramento contínuo da capacidade dialógica.

O legado desse trabalho é colaborar com o debate acerca da utilização das ferramentas de comunicação das redes sociais no processo de ensino aprendizagem como instrumento de interação que pode ser perfeitamente utilizado no ensino de filosofia de adolescentes e jovens do país.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

LIPMAN, M.A **Filosofia vai à escola**. Trad. Maria Elice de Brzezinski e Lúcia Maria S. Kremer. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, M.; OSCANYAN, F. S; SHARP, A. M. **A filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza Fernandes Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LIPMAN, M.O **Pensar na educação**. Tradução de Ann Mary Figueral Perpétuo. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LIPMAN, M. **A filosofia e o desenvolvimento do raciocínio**. In: Lipman, M.; SHARP, A. M. A comunidade de investigação e o raciocínio crítico. São Paulo: CBFC, 1995b

LIPMAN, M. *et al.* **Filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza F. Falcone. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1997a.

LIPMAN, M. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary FighieraPerpétuo. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1997b.

LIPMAN, M. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary Fighiera Perpétuo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008a

LIPMAN, M. **Reforçar o raciocínio e o Julgamento pela filosofia**. In: LELEUX, Claudine (Org.) Filosofia para crianças: o modelo de Lipman em discussão. Tradução de Fatima Muhad. Porto Alegre: Artmed, 2008b.

FEENBERG. A. **Ciencia, tecnologia y democracia: distinciones y conexiones**. *Scientiaestudi*. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/%7eandrewf/anguages.htm> Acesso em 20 de maio de 2017.

FEENBERG. A. **O que é filosofia da tecnologia?** (2003) disponível em Disponível em;<http://www.sfu.ca/%7eandrewf/anguages.htm>. Acessado em 20 de maio de 2017.

FEENBERG. A.. **Racionalização democrática, poder e tecnologia**. Brasília: observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América/Centro de Desenvolvimento Sustentável. – CDS. Ciclo de Conferencia Andrew Feenberg. Volume I. 2010.

BIBLIOGRAFIA SEGUNDÁRIA

APULEIO, L. **A metamorfose ou O asno de ouro**. Tradução de Diego López Cortegana. <<https://magiapdf.files.wordpress.com/2013/11/lucio-apuleio-o-asno-de-ouro.pdf>> acesso: 20 de maio de 2018.

ALMEIDA, F. J.; ALMEIDA, M. E. B. (Coord.) **Liderança, gestão e tecnologias: para a melhoria da educação no Brasil**. São Paulo, SP: PUC/SP, [s.n], 2006

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução do grego por Nestor Silveira Chaves – 2ª Ed. Revisada – Bauru – SP: EDIPRO 2009

- BARBOSA, (org). **Ambientes virtuais de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BRANDAO, J. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1996, Vol. I.
- BRASIL, **Orientação Curriculares do Ensino Médio**; Brasília, 2006.
- CARNEIRO, M. L., MARASCHIN, C.; TAROUÇO, L. M.R. **Interação: fatos fundamentais nos cursos a distância**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, 2001. Porto Alegre. Anais do COBENGE 2001. Porto Alegre: ABENGE.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venância Majer. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.
- CENTRO BRASILEIRA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS. **Filosofia para crianças**. Florianópolis-SC. Disponível em: <[http:// www.cbfc.org.br](http://www.cbfc.org.br) >Acesso em: 10 Set. 2018.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática. 13ª edição. São Paulo, 2003.
- CHAUÍ, M. **Iniciação à filosofia: ensino médio**, volume único. 2ª edição. – São Paulo: Ática, 2012.
- COTRIM, G. e MIRNA, F. **Fundamentos de Filosofia**. 2ª edição. São Paulo.: Saraiva, 2013.
- COTRIM, G. **História Global – Brasil e Geral – Volume único/Gilberto Cotrim**. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DANIEL, M. F. **A Filosofia e as Crianças**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário de Língua portuguesa**. 2ª edição. Curitiba: Positivo: 2011.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4ª edição. Porto Alegre; Artmed, 2005.
- GRAMSCI, A. **Caderno do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, edição e tradução Carlos Nelson Coutinha; co-edição Luiz Sérgio Henrique e Marcos Aurélio Nogueira, Vol. I, 2004.
- GUTIERREZ, S. S. **Distribuição de conteúdos e aprendizagem on-line**. RENOTE – Revista novas Tecnologias na educação, v. 2. P. 1-14, 2014.
- HEIDE, A. **Guia do Professor para a Internet: completo e fácil**. Ann Heide e Linda Stilborne. Trad. Edson Furmankiewz. 2ª ed.. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000.

HADOT, P. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. Tradução de F. Loque e L. Oliveira. São Paulo: É Realizações. 2014.

JAPIASSU, H. e Marcondes, D. 1934. **Dicionário básico de filosofia**. 4º ed. Atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução de Ruy Jungmann e consultoria de Renato Lessa. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JOLIVET, R.. **Curso de filosofia**. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 19ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução Fernando Costa Mattos. 2ª edição Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista. Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 45-46.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook; os bastidores da história da empresa que esta conectando o mundo**. Trad.: Maria Lúcia de Oliveira. Editora Intrínseca Ltda. Edição digital. 2001.

KOHAN, O. W.; WUENSCH, A. M. (Orgs.). **Filosofia para crianças. A tentativa pioneira de Matthew Lipman**. São Paulo: Vozes, 1999. v.I. (Filosofia na escola).

NEDER, R (org). Andrew Feenberg. **Racionalização democrática, poder e tecnologia**. Brasília: observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América/Centro de Desenvolvimento Sustentável. – CDS. Ciclo de Conferencia Andrew Feenberg. Volume I. 2010.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70. Lisboa, 2009.

PORTUGAL, S. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>>. Acesso em: 21 março, 2018.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional**. 9º edição. São Paulo. Prentice Hall. 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, N. **Filosofia para crianças**. Primeira Versão. Porto Velho. Ano I, N 08, Maio 2001. Disponível em: <<http://www.primeiraversao.unir.br/numero008.html>> Acesso em: 9 Setembro de 2017.

SHARP, A. M.A **Filosofia para Crianças e a institucionalização**. Disponível em: < http://www.cbfc.org.br/mod_biblioteca/artigos.html> Acesso em: 23 Agosto 2018.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

SOUZA, A. L. **Teoria dos grafos e aplicações**. Dissertação de mestrado em matemática. São Paulo. 2013.

SOUZA, N. **A criança como pessoa: na visão de Tomás de Aquino e Matthew Lipman.** Florianópolis-SC: Sophos, 2001.

SPLITTER, L.; SHARP, A. **Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula.** São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

SPLITTER, L.; SHARP A. M. **Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula.** São Paulo: NOVA ALEXANDRIA, 1999.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria a docência como profissão de interações humanas.** 3 ed. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes.

WITTGESTEIN, L. **Investigações Filosóficas.** 6ª Petrópolis: vozes, 2009.

ZABALLA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

ANEXO A – DECLARAÇÃO DA EE PORTO PRIMAVERA¹ DANDO CIÊNCIA DA REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE COM O FACEBOOK NO ENSINO MÉDIO



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO – REGIÃO MIRANTE DO PARANAPANEMA
EE PORTO PRIMAVERA
Avenida dos Barrageiros n.º 195, Primavera, CEP 19274-000
Fone: (18) 3284 1193. E-mail: ed043631a@educacao.sp.gov.br

= D E C L A R A Ç Ã O =

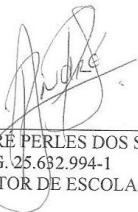
Eu, **PAULO ANDRÉ PERLES DOS SANTOS**, RG. 25.632.994-1, Diretor da Escola Estadual Porto Primavera, no Município de Rosana, jurisdicionada a Diretoria de Ensino da Região de Mirante do Paranapanema, no uso de suas atribuições legais...D

E
C
L
A
R

A para todos os fins, que Professor PAULO ROGÉRIO DOS REIS, brasileiro, solteiro, RG 29.353.197-3 SSP/SP, RS 14413073, Professor PEB-II – Filosofia lotada nesta Unidade Escolar, efetuou atividades pedagógicas com as ferramentas de comunicação da rede social *Facebook* nas aulas de filosofia no Ensino Médio no ano de 2017 e 2018, como atividade de seu Projeto de Pesquisa no Programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O mesmo se comprometeu a depositar uma cópia de sua dissertação no acervo desta Escola.

Por ser expressão da verdade, dato e assino o presente termo.

Rosana/SP, 12 de abril de 2019.



PAULO ANDRÉ PERLES DOS SANTOS
RG. 25.632.994-1
DIRETOR DE ESCOLA

¹Apesar do presente trabalho ter sido realizado em duas escolas, apenas a escola na qual o funcionário está lotado que assina os documentos; no caso em tela, o professor é efetivo na EE Porto Primavera, por essa razão a Declaração foi assinada apenas pelo Diretor desta unidade escolar.

ANEXO B – REFERENTE À SEÇÃO 3.4 – FILOSOFIA E RELIGIÃO

Filosofia – 3ª série – Volume 1



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 5 FILOSOFIA E RELIGIÃO

O que dizem um filósofo e um religioso

Para iniciar o estudo sobre diferenças ou semelhanças entre o discurso religioso e o discurso filosófico, propomos um exercício que tem como base um acontecimento destacado do noticiário jornalístico brasileiro de 2006. Organizado em grupos com seus colegas, você deve criar hipóteses sobre possíveis comentários de um **filósofo** e de um **religioso** a respeito do acontecimento apresentado a seguir.

Em 29 de setembro de 2006, um *Boeing* da companhia aérea Gol foi atingido em pleno voo por outro avião bem menor, modelo *Legacy*. Os ocupantes do *Legacy* nada sofreram e a queda do *Boeing* da Gol provocou a morte de 154 pessoas.

Registre no quadro a seguir os comentários hipotéticos que o seu grupo elaborou. Quando todos os grupos tiverem concluído o registro, seu grupo apresentará os comentários para a classe e discutirá as diferenças e semelhanças.

Comentários de um religioso	Comentários de um filósofo



Leitura e análise de texto

Filosofia e Religião

O primeiro esforço para pensar as relações entre a Filosofia, a Mitologia e a Religião conduz à questão sobre a origem da Filosofia. É bastante divulgada a ideia de que o modo de pensar, que hoje identificamos como próprio da Filosofia, tem origem na Grécia Antiga, no final do século VII a.C. e início do século VI a.C. Atribui-se a Pitágoras (570 a.C.-496 a.C.) o emprego da palavra “filosofia” pela primeira vez, unindo dois termos: *philia* ou *philos* (amizade) e *sophia* ou *sophos* (saber), o que resultou em uma palavra que expressa amor pela sabedoria. Esse modo de pensar teria surgido com a necessidade de se responder a questões sobre o mundo natural e sobre os homens, que não haviam sido respondidas, de maneira plenamente satisfatória, pelas narrativas mitológicas.

O segundo esforço para pensar as relações entre a Filosofia, a Mitologia e a Religião é justamente distinguir perguntas e respostas próprias a cada um desses modos de pensar.

Sobre a origem da Filosofia como necessidade grega de criar uma forma de pensamento que pudesse melhor explicar o mundo, deve-se considerar que egípcios, mesopotâmios, hindus e chineses, ou seja, o oriente e norte da África, também criaram filosofias em períodos concomitantes ou anteriores aos primeiros filósofos gregos. Historiadores como Abel Rey – pesquisador português contemporâneo – defendem a ideia de que não se pode afirmar que a origem da Filosofia tenha se dado exclusivamente na Grécia, porque os próprios gregos exaltaram a sabedoria oriental. Dessa forma, o ideal é perguntarmos pela origem da Filosofia tanto no campo do pensamento oriental como no campo do pensamento ocidental.

Historiadores da Filosofia, entre os quais destacamos Werner Jaeger, defendem ainda que a Filosofia não surgiu em contraposição e como algo absolutamente diferente dos mitos, mas sim com base nesses, com base em temas e preocupações predominantes nos discursos religioso e mitológico registrados em poemas como a *Iliada* e a *Odisseia*, de Homero, e nos poemas de Hesíodo, por exemplo. Os historiadores destacam vários aspectos que são comuns a ambos: preocupação dos poetas por apresentar causas e motivos das ações; esforço para descrever os fatos em uma abrangência que abarca deuses, homens, terra, céu, guerra, paz, bem e mal; preocupação dos poetas por construir narrativas para ensinar a justiça como virtude fundamental. O mito, assim, já contemplaria a estrutura de apresentação dos fatos e os temas valorizados pela Filosofia. Se a Filosofia não é uma inovação que rompe radicalmente com o discurso próprio dos mitos, dos poemas e da Religião, deve-se perguntar, então, qual é a sua novidade, qual é a sua diferença?

Com base na leitura dos textos propostos, pense sobre as possíveis afinidades e diferenças entre os discursos filosófico e religioso e as narrativas mitológicas.

Qual é a diferença?

Nesta aula, é importante a leitura em silêncio de dois textos: um trecho da introdução de *Crítica da razão pura*, de Immanuel Kant (1781) e uma transcrição do mito denominado *Eros e Psiquê*, narrado pela primeira vez pelo escritor romano Lucio Apuleio (século II d.C.).



Leitura e análise de texto

Crítica da razão pura, de Immanuel Kant

I. Da diferença entre o conhecimento puro e o conhecimento empírico

Não há dúvida de que todo o nosso conhecimento começa com a experiência; pois de que outro modo poderia a nossa faculdade de conhecimento ser despertada para o exercício, não fosse por meio de objetos que estimulam nossos sentidos e, em parte, produzem representações por si mesmos, em parte colocam em movimento a atividade de nosso entendimento, levando-a a compará-las, conectá-las ou separá-las e, assim, transformar a matéria bruta das impressões sensíveis em um conhecimento de objetos chamado experiência? *No que diz respeito a um tempo*, portanto, nenhum conhecimento antecede em nós à experiência, e com esta começam todos.

Ainda, porém, que todo nosso conhecimento comece *com* a experiência, nem por isso surge ele apenas *da* experiência. Pois poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento por experiência fosse um composto daquilo que recebemos por meio de impressões e daquilo que nossa própria faculdade de conhecimento (apenas movida por impressões sensíveis) produz por si mesma; uma soma que não podemos diferenciar daquela matéria básica enquanto um longo exercício não nos tenha tornado atentos a isso e aptos a efetuar tal distinção.

Aquela expressão não é suficientemente determinada, contudo, para designar de maneira adequada o sentido integral da questão posta. Pois, se costuma dizer, de muitos conhecimentos derivados de fontes da experiência que nós somos capazes ou participantes deles *a priori*, na medida em que não os derivamos imediatamente da experiência, mas sim de uma regra universal que, no entanto, tomamos emprestada da própria experiência. Assim, diz-se de alguém que solapou os fundamentos de sua casa que ele poderia saber *a priori* que ela cairia, i.e., ele não precisava esperar pela experiência em que ela de fato caísse. Inteiramente *a priori*, contudo, ele não poderia mesmo sabê-lo. Pois teria que aprender antes, por meio da experiência, que os corpos são pesados e, por isso, caem quando lhes é retirado o suporte.

No que segue, portanto, entendermos por conhecimento *a priori* aqueles que se dão não independentemente desta ou daquela, mas de toda e qualquer experiência. A eles se supõe os conhecimentos empíricos ou aqueles que só são possíveis *a posteriori*, i.e., por meio da experiência.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução Fernando Costa Mattos. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013. p. 45-46.



Leitura e análise de texto

Eros e Psiquê

Era uma vez um rei que tinha três filhas. A mais nova, de nome Psiquê, destacava-se por sua beleza. Dizia-se até que Afrodite – a deusa da beleza – não era tão bonita quanto Psiquê, cujo nome em grego antigo significa *alma*.

Os homens deixaram de cultuar a deusa Afrodite para adorar Psiquê.

Afrodite ofendeu-se com esta situação e pediu a seu filho Eros, o deus do Amor, para preparar uma vingança. Ele ficou tão maravilhado ao ver Psiquê que não conseguiu cumprir a ordem da mãe. Enquanto Eros sofria por não conseguir atender ao pedido de sua mãe, Psiquê, sem saber das intenções de Afrodite, esperava encontrar um marido. Seu pai consultou o oráculo de Apolo para ajudar Psiquê a encontrar seu marido. Eros também consultou o oráculo para conseguir realizar o pedido de sua mãe.

Orientado pelo oráculo, o rei levou Psiquê para o alto de uma montanha na qual encontraria um monstro disposto a se casar com ela.

Também orientado pelo oráculo, Eros dirigiu-se para a mesma montanha na qual deveria se casar com Psiquê, sem permitir que ela visse seu rosto e fazendo-se passar por um monstro.

Embora Psiquê não o visse, tinha certeza de que não se tratava de nenhum monstro horrível. A partir daquele momento, sua vida ficou assim: luxo, solidão e vozes que faziam suas vontades durante o dia e, à noite, a voz de seu amor. Mas a proibição de ver o rosto do marido a intrigava. E a inquietação aumentou mais ainda quando o misterioso companheiro avisou que ela não deveria encontrar sua família nunca mais, pois, se assim fosse, coisas terríveis começariam a acontecer. Ela não se conformou com isso e, na noite seguinte, implorou a permissão para ver pelo menos as irmãs. Contrariado, mas com pena da esposa, ele acabou concordando. Assim, durante o dia, quando ele estava longe, as irmãs foram trazidas da montanha pela brisa e comeram um banquete no palácio. Como temia Eros, a alegria que as duas sentiram pelo reencontro logo se transformou em inveja e elas voltaram para casa pensando em um jeito de acabar com a sorte da irmã. Nessa mesma noite, no palácio, aconteceu uma discussão. O marido pediu para

Psiquê não receber mais a visita das irmãs e ela, que não tinha percebido seus olhares maldosos, se rebelou. Além de estar proibida de ver o seu rosto, ele agora queria impedi-la de ver até mesmo as irmãs? Novamente, ele acabou cedendo e no dia seguinte as pérfidas foram convidadas para ir ao palácio de novo. Mas dessa vez elas apareceram com um plano já arquitetado. Elas a convenceram de que o marido só podia ser um monstro e aconselharam Psiquê a matá-lo. À noite ela teria que esconder uma faca e uma lamparina de óleo ao lado da cama para matá-lo durante o sono. Psiquê caiu na armadilha. E, quando acendeu a lamparina, viu que estava ao lado do próprio Eros, o deus do amor, a figura masculina mais bonita que havia existido. Ela estremeceu, a faca escorregou da sua mão, a lamparina entornou e uma gota de óleo fervente caiu no ombro dele, que despertou, sentiu-se traído, virou as costas, e foi embora dizendo: “Não há amor onde não há confiança”. Psiquê ficou desesperada e resolveu empregar todas as suas forças para recuperar o amor de Eros, que se encontrava na casa da mãe recuperando-se do ferimento no ombro. Psiquê pedia aos deuses para acalmar a fúria de Afrodite, sem obter resultado. Resolveu se oferecer à sogra como serva, dizendo que faria qualquer coisa por Eros. Ao ouvir isso, Afrodite gargalhou e respondeu que, para recuperar o amor dele, ela teria que passar por uma prova. Em seguida, pegou uma grande quantidade de trigo, milho, papoula e muitos outros grãos e os misturou. Até o fim do dia, Psiquê teria que separar tudo aquilo. Era uma tarefa impossível e ela já estava convencida de seu fracasso, quando centenas de formigas resolveram ajudá-la e fizeram todo o trabalho. Surpresa e nervosa por ver aquela tarefa cumprida, a deusa fez um pedido ainda mais difícil: queria que Psiquê trouxesse um pouco de lã de ouro de umas ovelhas ferozes. Percebendo que seria trucidada, ela já estava pensando em se afogar no rio quando foi aconselhada por um caniço (uma planta parecida com um bambu) a esperar o Sol se pôr e as ovelhas partirem para recolher a lã que ficasse presa nos arbustos. Deu certo, mas no dia seguinte uma nova missão a esperava. Agora Psiquê teria que recolher em um jarro de cristal um pouco da água negra que saía de uma nascente que ficava no alto de uns penhascos. Com o jarro na mão, ela caminhou em direção aos rochedos, mas logo se deu conta de que escalar aquilo seria o seu fim. Mais uma vez, conseguiu uma ajuda inesperada: uma águia apareceu, tirou o jarro de suas mãos e logo voltou com ele bem cheio de água negra. No entanto, a pior tarefa ainda estava por vir. Afrodite dessa vez pediu a Psiquê que fosse até o inferno e trouxesse para ela uma caixinha com a beleza imortal. Desta vez, uma torre lhe deu orientações de como deveria agir, e, assim, ela conseguiu trazer a encomenda. Tudo já estava próximo do fim quando foi dominada pela tentação de pegar um pouco da beleza imortal para tornar-se mais encantadora para Eros. Ela abriu a caixa e dali saiu um sono profundo, que em poucos segundos a fez tombar adormecida. A história acabaria assim se o amor não fosse correspondido. Por sorte, Eros também estava apaixonado e desesperado. Ele pediu a Zeus, o deus dos deuses, que impedisse sua mãe de separá-los. Zeus então reuniu a assembleia dos deuses (que incluía Afrodite) e anunciou que Eros e Psiquê iriam se casar no Olimpo e que a noiva deveria tornar-se imortal. Hermes a conduziu ao palácio dos deuses e Zeus lhe ofereceu um doce que a tornou uma deusa e, por isto, imortal. Afrodite não poderia opor-se a que seu filho se casasse com uma deusa. Assim, Eros – o amor – e Psiquê – a alma – viveram juntos para sempre.

Após a leitura silenciosa de cada um dos textos, pode-se iniciar a identificação das diferenças. Com um colega ou em grupo, responda:

1. Qual é o objetivo de cada texto e qual é o assunto tratado em cada um deles?

2. De que forma a mensagem principal e as demais mensagens são apresentadas em cada um dos textos?

3. Aponte alguma característica específica de cada um dos textos, que não possa ser encontrada no outro.
